

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS-
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
LINHA 1 – CULTURA REPRESENTAÇÃO**

Rosineide de Melo Gama

**DIAS MEFISTOFÉLICOS: A GRIPE ELSPANHOLA NOS JORNAIS DE
MANAUS
(1918 – 1919)**

MANAUS

2013

ROSINEIDE DE MELO GAMA

**DIAS MEFISTOFÉLICOS: A GRIPE ESPANHOLA NOS JORNAIS DE
MANAUS
(1918 – 1919)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em História da Universidade
Federal do Amazonas (UFAM), como
requisito para obtenção do Grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Almir Diniz

MANAUS
2013

GAMA, Rosineide de Melo.

Dias Mefistofélicos: A Gripe Espanhola nos jornais de Manaus (1918 – 1919) / Rosineide de Melo Gama – Manaus, 2013. UFAM, 2013.

172 f; II ; 30 cm

Orientador: Prof^o Dr. Almir Diniz de Carvalho Junior
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Amazonas,
Instituto de Ciências Humanas e Letras, 2013.

1. Gripe 2. Jornais 3. Cotidiano urbano 4. Manaus – Carvalho Junior, Almir Diniz. II. Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Ciências Humanas e Letras. III. Título

CDU 719 (811).3

ROSINEIDE DE MELO GAMA

DIAS MEFISTOFÉLICOS: A GRIPE ESPANHOLA NOS JORNAIS DE MANAUS
(1918 – 1919)

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em História Social da
Universidade Federal do Amazonas. Como requisito para obtenção do
Grau de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Almir Diniz de Carvalho Junior - UFAM

Prof. Dr. Aldrin Moura de Figueiredo - UFPA

Prof. Dr. Marcos César Borges da Silveira - UFAM

Manaus
2013

À Minha Mãe Rita que sempre me incentivou a nunca desistir, ao Meu Marido Adney que sempre se mostrou incansável diante das minhas interrogações e sempre me deu apoio, carinho e o amor que foram indispensáveis para a feitura desse trabalho, aos meus dois filhos, Maria Eduarda e João Augusto por quem eu resolvi mudar e voltar a estudar.

“Eu pensava ter dado um grande salto para frente e percebo que na verdade, apenas ensaiei os tímidos primeiros passo de uma longa marcha.” (Godard – A chinesa)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus que sempre me deu forças para vencer todas as barreiras que ao longo de minha vida foram sendo impostas. Agradeço a Nossa Senhora, que nos momentos mais difíceis de minha Dissertação, pude contar com sua mão protetora.

Ao agradecer, sempre corremos o risco de esquecer nomes de pessoas que nos ajudaram nesta caminhada, entretanto atrevo-me a nomear algumas pessoas que foram importantes.

Quero agradecer, particularmente, a minha incansável Mãe, que sempre me apoiou nos momentos mais difíceis, não deixando que desistisse deste projeto. Aos meus dois filhos, Maria Eduarda e João Augusto, bases necessárias para o término dessa pesquisa. Ao meu marido, amigo e companheiro da luta diária e grande conselheiro nos questionamentos feitos ao longo do trabalho. Agradeço, também, aos meus sogros e a tia Leila, que me ajudaram durante esse processo. A Professora Dra. Karla Mazarelo, pelo seu incentivo e apoio.

Assim como o tema a gripe espanhola me encontrou, alguns amigos também me encontraram no decorrer do curso, amigos que fizeram e fazem parte desse momento ímpar da minha vida. Aqui vale lembrar o nome de alguns professores que me ajudaram, tanto a entender que a história é dinâmica e complexa, quanto é maravilhoso trabalhar com ela.

Agradeço, particularmente, aos meus dois companheiros de caminhada do curso de Mestrado, Isley e Jordan, que compartilharam comigo as agruras e alegrias desta aventura que muitas vezes pareceu ser interminável.

Ao professor Benedito Maciel que no período da Graduação junto com a professora Orange Feitosa, me acompanharam nos primeiros passos dessa longa e deliciosa aventura no mundo das pesquisas. Aos professores do curso de mestrado Maria Luiza Ugarte pinheiro, Auxiliomar Silva Ugarte e Otoni Moreira de Mesquita pela paciência a mim dispensada.

Agradeço a CAPES, por me conceder uma bolsa de Mestrado que permitiu o financiamento parcial desse estudo. Ao Jeferson, da secretaria do curso, pelo apoio e incentivo. Ao meu professor e orientador Almir Diniz, pelas intermináveis horas de discussões para o aperfeiçoamento do trabalho, pelos puxões de orelha em momentos determinantes do projeto e por me fazer acreditar nesses primeiros passos de uma longa jornada.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	6
SUMÁRIO	7
LISTA DE FIGURAS	8
RESUMO	10
RESUMEN	11
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
CAPÍTULO I: Sobre a iminência do inimigo invisível	21
1.1 – Manaus da modernidade: entre os discursos de higiene, ordem sanitária e segregação social e geográfica.....	22
1.2 – O inimigo invisível nos portões da cidade de Manaus	36
1.3 – A representação do poder em Manaus e o uso político da Gripe Espanhola	48
1.3.1 – A representação do poder na cidade de Manaus	49
1.3.2 – O uso político da Gripe Espanhola	54
CAPÍTULO II: As práticas de cura em tempo de peste	71
2.1 – A ciência Médica e a Gripe	72
2.2 – Medicina Científica <i>versus</i> Medicina Popular	81
2.3 – A escassez de alimentos	96
2.4 – O comércio, os lucros e a propaganda no império da Hespânica	102
CAPÍTULO III: A grande Necrópole: Manaus diante do medo e da morte	114
3.1 – Cenas do cotidiano e do comportamento coletivo na passagem da “Dansarina” em Manaus	115
3.2 – O trabalho de luto e os cadáveres em decomposição.....	130
3.3 – As agentes de Satã: as prostitutas de Manaus nos dias Mefistofélicos da epidemia....	141
3.4 – A Hespânica e a representação do Apocalipse.....	149
3.5 – O medo da morte foi a alegria principal do Carnaval de 1919	156
CONSIDERAÇÕES FINAIS	168
REFERÊNCIAS.....	170

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Manaus Moderna	27
Figura 02 – Marcha das Notícias da Gripe	44
Figura 03 – O pleito eleitoral	63
Figura 04 – O jornal A Imprensa “A Influenza”	64
Figura 05 – Defendamos a vida do povo	66
Figura 06 – O Comitê Agoniza!	67
Figura 07 – A epidemia é apenas de gripe	77
Figura 08 - A Gênese da Epidemia	78
Figura 09 – Influenza Hespanhola: o que é a moléstia?	79
Figura 10 – Conselhos Médicos	82
Figura 11 – Instruções para os doentes	84
Figura 12 – Instruções para as ambulâncias	84
Figura 13 – Gelsemium – remédio homeopata	90
Figura 14 – Rapé	92
Figura 15 – Rapé	92
Figura 16 – Rapé	93
Figura 17 – Falta de gêneros alimentícios	96
Figura 18 – A escassez do leite	98
Figura 19 – Leite adulterado	98
Figura 20 – O assucar baixara de preço	100
Figura 21 – Aniodol	102
Figura 22 – Ferro Bravais	102
Figura 23 – Contra a Grippe	103
Figura 24 – A Hespanhola	103
Figura 25 – Azevedo & Cia.	104
Figura 26 – Azevedo & Cia.	104
Figura 27 – Cigarros Antisepticos	105
Figura 28 – Bagaceira do Cacáo	105
Figura 29 – Casa Africana	106
Figura 30 – Immunizante da Influenza	106
Figura 31 – Vacina	107
Figura 32 – Prophylaxia	108
Figura 33 – Quinado Cálem	108

Figura 34 – Pastilhas Valda	109
Figura 35 – Fábrica Mimi	109
Figura 36 – Mais uma peste	110
Figura 37 – Creolina	110
Figura 38 – Desinfectante	111
Figura 39 – O cabelo voltará	112
Figura 40 – Na seára alheia	124
Figura 41 – A influenza – contra os beijos	124
Figura 42 – Cinemas – quando se reabrirão?	128
Figura 43 – Cadáveres abandonados	132
Figura 44 – Cadáveres insepultos	132
Figura 45 – A grande necrópole	134
Figura 46 – Cemitério de São João – cenas macabras	136
Figura 47 – Toilette da Faustina	143
Figura 48 – Barulho na Zona	147
Figura 49 – Depois da Hecatombe	150
Figura 50 – Estrella do Céu	153
Figura 51 – Ataude da Grippe	156
Figura 52 – Outra vez a Grippe	157
Figura 53 – Bate-nos a Grippe outra vez.....	157
Figura 54 – Carnaval	160
Figura 55 – Estação Carnavalesca	161
Figura 56 – Festas de Momo	161
Figura 57 – Marchinha – carro do Pierrot	163
Figura 58 – Echos do Carnaval	163
Figura 59 – Ecos da Influenza	165

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender como uma doença mesmo sendo um processo biológico, ao tomar um espaço físico de uma cidade, assume dimensões que perpassam esse fenômeno, tomando proporções e extensões que vão além do âmbito da patologia física, atingindo também a política, a cultura, a economia, a sociedade e o imaginário. Ao estudarmos a passagem da gripe espanhola em Manaus entre os anos de 1918 e 1919, procuramos analisar o contexto da cidade durante o reinado da epidemia, considerando para isso, uma Manaus da modernidade que gerava exclusões com seus discursos de ordem sanitária e higiênica, justificadas por leis criadas por determinados grupos políticos que exerciam seus poderes na imprensa diária e que usaram a epidemia em benefício próprio. O texto busca como a população da cidade com o quadro de conflitos políticos, crise econômica e a visão do desmoronar das práticas cotidianas acabou externando comportamentos adversos diante da epidemia. Portanto, em um contexto de fome, peste, morte e eclipse, não seria difícil representar esses momentos como prenúncios apocalípticos.

Palavra-chave: Jornais. Gripe. Política. Morte. Medo.

RESUMEN

El presente estudio tiene como objetivo comprender cómo una enfermedad, siendo un proceso biológico, mientras domina un espacio físico de una ciudad y asume dimensiones que subyacen en el fenómeno, que toman proporciones y extensiones más allá del alcance de la patología física, que afecta también a la política, la cultura, la economía, la sociedad y el imaginario. Al estudiar el pasaje de la gripa española en la ciudad de Manaus, entre 1918 y 1919, analizamos el contexto de la ciudad durante el dominio de la epidemia, considerando para esto, que la modernidad de Manaus excluía, a través de sus discursos políticos de orden sanitario y de higiene, lo cuales eran justificados por las leyes creadas por determinados grupos políticos que ejercían poderes sobre la prensa diaria y que utilizaban la epidemia para su beneficio. El texto averigua también cómo la población de la ciudad, con el marco de conflictos políticos, la crisis económica y la visión de desmoronar las prácticas cotidianas, terminó exteriorizando comportamientos adversos mediante la epidemia. Por lo tanto, en el contexto del hambre, la peste, la muerte y el eclipse, no sería difícil asociar el sobredicho período a los presagios apocalípticos que asombraron a la ciudad de Manaus.

Palabras clave: Periódicos. Gripe. Política. Muerte. Miedo.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Pela primeira vez, fui acometida pela excitação do viajante que olha de frente o rosto sutil da história.”

Elisabeth Kostova

A Gripe Espanhola surgiu como objeto de pesquisa através das fontes jornalísticas, quando ainda fazia graduação em História e enquanto aluna bolsista do PROBIC¹. Em meio à leitura de jornais de 1918, notei que uma epidemia de gripe varria Manaus e o mundo com o nome de “*La dansarina*”. Sendo então levada pela imaginação dos inúmeros relatos lidos nas páginas dos jornais, ficando conseqüentemente, inquieta pelo fato.

Logo, mais perguntas que respostas surgiram ao ler as páginas dos jornais de 1918. Por que essa gripe matou tanto? Onde estavam os poderes públicos e onde se faziam presente esses poderes durante o surto? Como foi a atuação dos médicos diante da epidemia e principalmente, como a população reagiu e sobreviveu a gripe espanhola?

Observamos no emaranhado de jornais e documentos que no início do segundo semestre de 1918, jornais de publicações diárias começaram a circular notícias a respeito dos primeiros casos de Gripe Espanhola em Manaus. Tumulto, correria, fechamento de comércios, corpos empilhados nos cemitérios e espalhados nas ruas, foram às notícias correntes daqueles dias. Ao passo que o cotidiano desmoronava com a epidemia, o medo da morte foi tomando conta dos habitantes; novas regras de comportamento foram sendo ditadas, antigas e novas práticas de cura foram tomando conta dos espaços. Ao mesmo tempo em que comportamentos individuais de mesquinaria e lucro foram reinando, comportamentos coletivos de solidariedade foram acontecendo.

Ainda que esse evento tenha tomado grandes proporções na cidade de Manaus, no início do século XX, a epidemia com o nome de “Gripe Espanhola” por mais de noventa anos ficou relegada ao esquecimento e a um longo silêncio. Em muitos momentos parecendo até

¹ Enquanto aluna bolsista do Probic da UNINORTE com duração de dois anos estive na pesquisa “O Amazonas entre conchavos e confrontos de 1910-1924”. Identifiquei os grupos que se digladiavam neste período através dos jornais e analisei os conflitos políticos que conduziram aos confrontos armados no Amazonas neste período.

que tal fato nunca existiu na cidade. Em razão disso, nos perguntamos: Por que uma epidemia que varreu o mundo foi silenciada em Manaus? Por que ninguém se preocupou em escrever sobre a Gripe Espanhola? Diante desse desconhecimento do assunto, do silêncio na historiografia local² em se voltar para analisar a Gripe Espanhola e o medo que ela suscitou, é que essa dissertação se apresenta, não com a pretensão de esgotar o tema, mas de preencher uma lacuna na historiografia regional e assim, deslindar a trama histórica deste tapete cheio de fios³.

Ao que parece esse silêncio sobre as doenças que assolavam a sociedade se deu porque a temática era objeto exclusivo da medicina. Essa perspectiva só mudou a partir do momento em que a historiografia se abriu para novas abordagens, principalmente nas últimas décadas do século XX. Um exemplo desta mudança se deu com a Nova História Cultural que influenciada pela antropologia interpretativa, contribuiu para que temas como saúde, doenças e morte fossem compreendidos e problematizados pela História. Assim, passava a ser possível a análise desses objetos, não só em sua dimensão patológica, mas também como em diferentes sociedades, a população (em nosso caso) atingida por uma epidemia reage, comporta-se e certamente, imprime significados e representações a esses episódios catalisadores da dinâmica social.

A Gripe Espanhola foi a maior epidemia já registrada na História. Influenza⁴, como também ficou conhecida, infectou mais de um quinto da população mundial, matando entre 20 e 40 milhões de pessoas no mundo⁵. Várias teorias existem sobre sua origem, alguns acreditam que seu início se deu nos Estados Unidos, China e Japão. Outros cientistas

² Como: Antonio Loureiro, que mesmo tendo comentado a epidemia de gripe em seus dois livros que abordam o assunto, “Tempos de Esperança (1917-1945)” 1994 e “História da Medicina e das Doenças no Amazonas” 2004, não se preocupou em analisar o tema, bem como também em seu livro “Síntese da história do Amazonas” de 1978; Agnello Bittencourt no “Dicionário de biografia do Amazonas”, 1979, mencionou os médicos envolvidos no surto epidêmico, no entanto não mencionou a gripe; João Bosco Botelho, que mesmo sendo médico, faz/fez trabalhos interdisciplinares com a História nos livros: “História da Medicina, da abstração a materialidade”, 2004, e “Medicina e Religião” 1991 e 2005, também não abordou a Gripe Espanhola como um problema.

³ Utilizamos a metáfora do tapete cheio de fios para nos remeter ao paradigma indiciário de Carlos Ginzburg. Ele vê o paradigma indiciário como um tapete cheios de fios, onde se pode observar a coerência percorrendo o tapete com os olhos em várias direções e de varias formas e contextos: venatório, divinatório indiciário ou semiótico. Pois segundo o autor “Ninguém aprende o ofício de conhecedor, limitando-se a pôr em prática regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo elementos imponderáveis: faro, golpe de vista e intuição”. P. 170-179. In: Ginzburg, Carlos. Mitos, emblemas, sinais: morfologia histórica. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.

⁴ Influenza é a denominação da gripe. Quando essa atinge uma forma epidêmica, ou no caso pandêmico, atingindo em extensão mundial, caracteriza-se por infecção respiratória aguda, de etiologia viral específica, com sintomas súbitos de cefaleia, mialgia, febre e prostração. Dicionário Médico Blakiston, Editora Andrei, São Paulo, 1994.

⁵ GALLO, Maria Isabel Porras. **Las repercusiones de la pandemia de gripe de 1918-19 en la mortalidad de la ciudad de Madrid**. Boletín de la Asociación de Demografía Histórica, XIV, I, 1996.

defendem a ideia de que tenha se difundido em vários lugares ao mesmo tempo. Teorias a parte sobre sua origem, a Gripe Espanhola foi e continua sendo um enigma; tanto pela sua virulência, quanto pela quantidade de mortos deixados.

Uma das preocupações em problematizar e pesquisar a Gripe Espanhola está em saber de que forma foi o impacto da epidemia na população local, quais os motivos que levaram a população manauense a alterar o seu cotidiano e quais foram as maneiras com que os habitantes da cidade fizeram e atribuíram sentido as inúmeras formas de sobrevivência relatadas nos jornais da época.

Para isso, foi necessário analisar também, a reação do poder público e da disseminação do medo que acabou desmoronando toda a rotina da cidade e ditando novas regras de comportamento na população, que se viu impotente diante de um inimigo invisível que carregava consigo todo o estigma do medo e da morte.

Dentre as poucas obras encontradas na cidade de Manaus mencionando a gripe espanhola, encontramos duas obras do médico Antônio Loureiro: “Tempos de Esperança” e “História da Medicina e das Doenças no Amazonas”⁶. Nos dois livros, o médico comentou sobre a Gripe Espanhola em quatro laudas informando dados de porcentagens sobre os mortos e enfatizando que a parcela que mais havia sofrido com a doença foi a população carente dos bairros periféricos da cidade e sem mais, elogia as ações do Governo bem como da Cruz Vermelha diante da epidemia.

Outra obra encontrada foi o livro do médico Manoel Dias Galvão: “História da Medicina em Manaus”. Neste livro, o autor não só critica o trabalho de Antônio Loureiro, o qual trata do tema, como também acredita que esse surto de epidemia não era de Influenza, fazendo “apelo de investigação” para a comprovação do fato. Fora estas obras citadas, nenhuma outra mencionando a Gripe Espanhola em Manaus foi encontrada⁷.

Contudo, alguns historiadores no Brasil e no mundo estudaram mais profundamente a passagem da Gripe Espanhola. Dentre essas pesquisas, destacamos a de Maria Izabel Porras Gallo em sua tese “*Una Ciudad en Crisis: La epidemia de gripe de 1918-19 en Madrid*”, onde a historiadora faz um apanhado sobre as epidemias de gripe de outros tempos e a reação social ante esses flagelos para entender o comportamento da população diante dessa inesperada gripe de 1918. Ressaltou no seu trabalho as medidas médicas, políticas e econômicas tomadas

⁶ LOUREIRO, Antonio José Souto. **História da medicina e das doenças no Amazonas**. Manaus, impresso nas oficinas da Gráfica Lorena, 2004. LOUREIRO, Antonio José Souto. **Tempos de Esperança** (1917-1945) Manaus: Ed. Sergio Cardoso, 1994.

⁷ GALVÃO, Manoel Dias. **A História da medicina em Manaus**. Editora Valer, Manaus, 2003.

diante da epidemia, enfatizando principalmente, a fonte jornalística como a criadora de uma conjuntura para formação de opinião.

Continuando entre as pesquisas pelo Mundo sobre a gripe, destacamos os artigos do cientista social Adrián Carbonetti: “*Historia de una epidemia olvidada: la pandemia de gripe española en la Argentina, 1918-1919*”; do Antropólogo José Manuel Sobral: “*Perante a Pneumônica: a epidemia e as respostas das autoridades de saúde pública e dos agentes políticos em Portugal (1918-1919)*”; de Beatriz Echeverri Dávilla: “*La Gripe Española en la Primera Guerra Mundial: ¿Daño colateral o sinergia?*”; do grupo de historiadores da Colômbia: Abel Fernando Martínez Martín, Fred Gustavo Manrique Abril e Bernardo Francisco Meléndez Alvarez com trabalho “*La pandemia de gripa de 1918 en Bogotá*”; do trabalho Rafael Valdez Aguilar “*Pandemia de gripe em Sinaloa - 1918*” e do historiador Derek R. Long: “*The Spanish Lady Forgotten*”: *American Historical Memory and the Influenza Pandemic of 1918-1919*”.

No Brasil, algumas obras merecem destaque pela forma como foi conduzida a pesquisa. Cláudio Bertolli Filho foi um dos primeiros a ter a Gripe Espanhola como objeto de pesquisa. Em seu trabalho, não só rompeu com os discursos de morte democrática em grandes epidemias, como analisou o impacto da doença nas suas dimensões sociais, culturais e políticas. O destaque vai para o acurado trabalho para explicitar a ideia errônea dos discursos acerca de que todos morreriam e sofreriam igualmente o efeito de uma epidemia, sem distinção de classe social, posição e lugar de moradia. Ele destaca, em sua dissertação, que a população mais carente da cidade de São Paulo havia sofrido mais intensamente os efeitos da Gripe Espanhola que a população com mais recursos para lidar com a enfermidade. O mérito da obra está na variedade de documentações que o historiador utilizou para construir um perfil patológico da cidade⁸.

Liane Maria Bertucci, ao estudar em sua tese de doutorado a mesma epidemia também na cidade de São Paulo, nos mostra uma perspectiva diferente sobre o surto de Gripe Espanhola. Ela destaca o embate que houve entre os discursos da medicina acadêmica tradicional contra os saberes populares de práticas de cura, problematizando, também, nesse

⁸ BERTOLLI Filho, Cláudio. **A gripe espanhola em São Paulo, 1918: epidemia e sociedade** – São Paulo: Paz e Terra, 2003.

universo polifônico da doença, o que levou a população a misturar antigas e novas práticas de cura na tentativa de sobrevivência ao mal⁹.

Adriana da Costa Goulart fez um longo histórico das epidemias gripais da antiguidade até final do século XIX, bem como analisou o impacto da Gripe Espanhola no campo médico e nos limites da medicina, nas carências sanitárias e nos socorros públicos. Enfatizou que foi nesse momento que o papel do sanitarista, enquanto burocrata no Brasil, ganhou notoriedade e respaldo para os projetos administrativos republicanos da elite governante. O mérito do seu trabalho está na análise que fez sobre a ingovernabilidade política do Estado do Rio de Janeiro diante da epidemia¹⁰.

Christiane Maria Cruz de Souza fez um minucioso trabalho sobre a entrada da epidemia de gripe na Bahia. Para isso, utilizou uma gama de fontes das mais variadas para compreender o contexto político e social do Estado na entrada da epidemia. Destaque de sua obra está no uso político dos discursos jornalísticos através dos grupos políticos da Bahia, que viram na epidemia um dos motivos de embates na arena do poder baiano. Em sua pesquisa, analisou também as duas primeiras décadas do século XX do quadro sanitário da Bahia, para destacar o que acabou favorecendo a erupção e a propagação da doença, bem como os recursos utilizados pela população para enfrentar a crise¹¹.

Dos artigos científicos publicados no Brasil sobre a epidemia, pode se destacar o do pesquisador Ricardo dos Santos¹² no trabalho: “O carnaval, a peste e a espanhola”, onde analisa a associação entre a doença e o castigo divino, buscando compreender como fenômenos históricos, analisados comparativamente, revelam semelhanças culturais em distintas formações sociais. A pesquisadora Nara Azevedo de Brito, em “*La dansarina*”¹³, fez uma análise do cotidiano da cidade do Rio de Janeiro durante o surto epidêmico. Nesta obra, podemos destacar a metodologia adotada ao tratar a doença como fenômeno cultural e social, relacionando as atitudes e representações coletivas à doença e à morte.

⁹ BERTUCCI, Liane Maria. **Influenza, a medicina enferma**: ciência e prática de cura na época da gripe espanhola em São Paulo. Campinas, SP: editora da Unicamp, 2004.

¹⁰ GOULART, Adriana. **Um cenário Mefistofélico**: A Gripe Espanhola no Rio de Janeiro: Niterói/RJ, UFF 2003.

¹¹ SOUZA, Christiane Maria Cruz de. **A Gripe Espanhola na Bahia**: saúde, política e medicina nos tempos de epidemia. Rio de Janeiro, 2007. Tese (doutorado em História das Ciências da Saúde).

¹² SANTOS, R. A. dos. O carnaval, a peste e a espanhola. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Vol. 13, num. 1, 2006.

¹³ BRITO, N. A. de. *La dansarina*: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. In: **História. Ciência. Saúde. Manguinhos**, IV. 1997.

Luiz Antonio Teixeira, no artigo “Medo e Morte”¹⁴, fez um trabalho acurado ao analisar o conjunto de atitudes e sentimentos da população do Rio de Janeiro diante do contexto de medo e morte suscitado pela epidemia de gripe de 1918, usando como suporte metodológico as obras de Philippe Áries e Jean Delumeau para recuperar o cotidiano da cidade durante esse período.

De todas as obras (entre Teses, Dissertações e livros) mencionadas acima, percebemos uma lacuna em se falar de morte e medo, além dos três últimos autores dos artigos acima. Sendo assim, a necessidade crescente desta pesquisa em aprofundar-se em questões como o sentimento, as atitudes e as representações da população diante de um evento tão dramático, como foi a entrada da epidemia de Gripe Espanhola na cidade de Manaus.

Destacamos que o jornal foi eleito como nossa principal fonte, não só pela quantidade de periódicos abordando a epidemia na cidade de Manaus, mas por entender a Imprensa “como uma linguagem constitutiva do social, que detém historicidade e peculiaridades próprias”¹⁵. Nesse sentido, é importante compreender que o jornal não pode ser analisado simplesmente como mero veiculador de informação, mas como uma fonte tendenciosa, ambígua, interesseira, cheia de hesitações e acima de tudo, nada ingênua. Esses são elementos importantes para não tomarmos a imprensa como um espelho ou expressão de realidades passadas.

Os jornais de circulação em Manaus em 1918 eram inúmeros. Nesse momento, a imprensa tinha passado por muitas transformações, pelo conhecimento de múltiplos processos de inovação tecnológica, o que facilitava o aumento das tiragens e o menor custo do impresso¹⁶. Tal processo tecnológico proporcionou para a indústria jornalística manauense uma maior acessibilidade para a feitura desses impressos. Explica-se dessa maneira, a enorme quantidade de jornais que circulavam na capital.

Contudo, optamos por trabalhar com sete jornais, cinco classificados como “grandes” e dois como “pequenos”. Acreditamos que fossem os jornais grandes ou pequenos, eles não estariam isentos de um contexto político, social e cultural influenciando e ditando

¹⁴ TEIXEIRA, Luis Antonio. **Medo e Morte**: sobre a epidemia de gripe espanhola de 1918. Série: Estudo em Saúde Coletiva (SESC). Instituto de Medicina Social. UERJ. Rio de Janeiro, 1993.

¹⁵ CRUZ, Heloisa de Faria. PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **NA OFICINA DO HISTORIADOR: CONVERSAS SOBRE HISTÓRIA E IMPRENSA**. Projeto História, São Paulo, n.º 35, p. 253-270, dez. 2007.

¹⁶ Verificar: Tânia Regina de Luca (org.). **História da Imprensa no Brasil**, São Paulo: Contexto, 2008.

comportamentos, tanto para o corpo biológico quanto para o corpo psicológico e relacional¹⁷, uma vez que o “jornal não lê o presente, ele o diz.”¹⁸

A escolha por esses jornais se deu primeiro porque os de maior circulação, **A Imprensa, Imparcial, O Jornal do Commercio, Gazeta da Tarde e A Capital**, foram mais acessíveis de se encontrar todas as edições do ano de 1918 e também porque acreditamos ter sido a epidemia usada por determinados grupos políticos que atuavam na cidade, tanto para favorecimento de certos grupos quanto para difamação de outros. Entretanto, ao cruzarmos as fontes, observamos que a voz dos menos favorecidos foi silenciada nos grandes jornais, o que nos fez buscar os jornais de menor circulação para compreender como a população menos favorecida sobreviveu, ou tentou resistir, a “hespanhola”.

A partir daí pudemos cotejar algumas informações através dos quais nos foi possível compreender e identificar algumas mudanças e permanências nas inúmeras práticas curativas e também o conflito gerado por essa doença num determinado espaço. Neste sentido, esperamos compreender como os jornais pesquisados construíram as representações sobre a epidemia de Gripe Espanhola e seu medo, uma vez que esses discursos nunca são/foram feitos fora do seu contexto, dos fatos, das relações de poder, dos contextos sociais, das decisões políticas e dos interesses econômicos.

Destacamos que nesse processo de seleção e coleta de fontes, a paciência foi a nossa arma básica para pesquisar nos arquivos do estado do Amazonas. A falta de bons funcionários nas bibliotecas, o sumiço de documentações, leituras em lugares quentes e sem ventilação, foram os grandes obstáculos nesse início de investigação. Nossa maior frustração foi a grande dificuldade em se conseguirmos acesso às revistas do Amazonas Médico, que esbarrou na imensa burocracia do INPA, nos sendo viabilizado ter acesso a partes das revistas.

Mesmo com esses empecilhos, conseguimos reunir inúmeras fontes para a nossa caminhada. Dentre as fontes encontradas estão: jornais¹⁹, revistas e mensagens de Governadores²⁰, relatórios da Associação Comercial dos retalhistas, regulamento de Identificação e Estatística, Relatório do Tesouro Público do Estado do Amazonas, Exposição

¹⁷ MOUILLAUD, Maurice. PORTO, Sérgio Dayrell. **O jornal da forma ao sentido**. Editora UNB: Brasília, 2002. p. 190

¹⁸ Maurice Moullaud, em Posturas do Leitor, analisa que o ato de leitura e o referente à informação, supostamente, pertencem a um mesmo momento do tempo, ou seja, o que o leitor esta lendo e o que espera que esteja acontecendo no momento da leitura. IN: MOUILLAUD, Maurice. **Op.cit.**

¹⁹ O Imparcial, Gazeta da Tarde, A Imprensa, A Capital, o El Hispano Amazonense e a Marreta; Jornal do Commercio, 1917, 1918, 1919 e 1920.

²⁰ As mensagens de Governadores estão digitalizadas e impressas nos anos de 1910 a 1922. In: <http://www.uchicago.edu/> site acessado em 02 de agosto de 2005.

da Intendência Municipal de Manáos 1918, Regulamento do serviço de Águas do Estado 1919, Exposição do triênio administrativo municipal de Manáos 1917-1919, Memorial da Associação Comercial do Amazonas apresentada ao Presidente da República 1918-1919 e o Relatório do Dispensário Maçônico no triênio de 1917-1919. O confrontamento destas fontes nos forneceram informações que nos ajudaram a compreender a sociedade da época e contribuíram para o enriquecimento do nosso trabalho.

Durante o surto da Gripe Espanhola na cidade de Manaus, observamos que os discursos sobre a definição do que seria a doença, sobre quem seriam os culpados e as diversas acusações políticas em torno das ações, ou da falta dela, nos revelaram um quadro onde se pôde perceber que o significado da doença toma proporções e dimensões que vão além do âmbito da patologia física, atingindo também: a política, a cultura, a economia, a sociedade e o seu universo imaginário²¹.

Para dar conta de um tema que envolvesse a saúde, a morte e o medo, foi necessário analisar vários setores primordiais que permeiam a vida em sociedade. Para isso, organizamos nosso trabalho em três capítulos, onde será abordado o impacto da Gripe Espanhola na cidade de Manaus; primeiramente através do campo político, depois o campo médico e o último, não menos importante, através do universo imaginário.

No primeiro capítulo a atenção está voltada para compreender a chegada da Gripe Espanhola na cidade e o contexto político, econômico e social daquela época. Este capítulo intitulamos: “Sobre a eminência do inimigo invisível”. Nele, analisamos a cidade de Manaus a partir das deficiências dos aparelhos sanitários, da falta de investimentos na área da saúde e urbana. Para isso, foi necessário compreender uma Manaus da modernidade que gerava exclusões com seus discursos de ordem sanitária e higiênica corroboradas pelos códigos normativos que condenavam excessos, abusos individuais e coletivos que pudessem destoar desses ideais. Destacamos que durante este processo da implantação de novos hábitos, costumes e ações de uma cidade em transformação, uma espécie de cordão sanitário segregador foi sendo estabelecido na cidade para separar os lugares que transmitiriam doenças e os espaços que poderiam receber os projetos de modernidade.

²¹ Em nossa pesquisa, recorremos a definição de imaginário da historiadora Sandra Pesavento “imaginário é um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens em todas as épocas construíram para si dando sentido ao mundo” e mesmo “imaginário é, pois, representação, evocação, simulação, sentido e significado, jogo de espelhos onde o “verdadeiro” e o aparente se mesclam. Persegui-lo como objeto de estudo é desvendar um segredo, é buscar um significado oculto, encontrar a chave para desfazer a representação do ser e parecer.” In: PESAVENTO, Sandra. **Historia e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003 e **Em busca de uma outra história: Imaginando o imaginário**. In: **Revista Brasileira de História**, v. 15, n.º 29. São Paulo: 1995.

Para compreender como se deu a separação desse espaço citadino, tivemos que analisar a configuração do poder que criava leis e normas para legitimar esse afastamento de determinados grupos do centro da capital, fosse através dos seus órgãos de imprensa ou das inúmeras formas de poder exercidas por determinadas facções na cidade.

O nosso segundo capítulo, com o título “As práticas de curas em tempos de peste”, analisou o universo de práticas de cura que se estabeleceu em Manaus após a entrada da epidemia de Gripe Espanhola, fossem essas práticas vindas da medicina científica ou de outros setores da sociedade (curandeiros, métodos antigos de cura ou indígenas). O capítulo compreendeu, também, dentro do contexto da época, as inúmeras teorias científicas que foram elencadas para explicar a origem da epidemia. Devido a tensão que ficou estabelecida nos jornais entre os discursos do que seria indicação de cura da medicina científica *versus* a medicina popular, a cidade teve que conviver com a disputa entre o comércio dos remédios e o comércio da alimentação durante o surto, o que levou a carestia dos alimentos na capital, principalmente do leite, açúcar e limão que eram utilizados como remédios.

“A grande Necrópole: Manaus diante do medo e da morte” é o tema de nosso terceiro capítulo. Nele buscamos analisar o impacto da Gripe Espanhola através do imaginário, para compreender o comportamento da população manauense diante de uma epidemia nunca dantes vista ou registrada na história da cidade. Analisamos essas atitudes sob a ótica dos jornais da época, que registravam o acontecimento como o “fim dos tempos”, de “hecatombe” e de “juízo final”. As novas regras impostas na cidade por causa da epidemia acabaram causando vários incômodos na população, que para além de se verem cerceados o seu direito de ir e vir, acabou tendo que conviver em casa, nas ruas e nos hospitais, com a exposição de cadáveres. Em um contexto de fome, peste, morte e eclipse, não seria difícil imaginar que o que se apresentava para o mundo e para a cidade, eram cenas apocalípticas.

CAPÍTULO I: *Sobre a iminência do inimigo invisível.*

“O historiador que, no futuro, procurar descrever as principais epidemias que assolaram o Brasil, com muita dificuldade poderá fazer ideia da formidável calamidade que foi a gripe epidêmica”.

Arthur Neiva, “A gripe epidêmica no Brasil e especialmente em São Paulo”.

1.1 – MANAUS DA MODERNIDADE: ENTRE OS DISCURSOS DE HIGIENE, ORDEM SANITÁRIA E SEGREGAÇÃO SOCIAL E GEOGRÁFICA.

No final do século XIX e início do século XX, alguns agentes se tornaram nocivos para a saúde da população e das nações: ar, comida, alimentação deficiente, excessos, muitas horas de trabalho, intemperança e fanatismo eram considerados fatores importantes para haver intervenção dos agentes sociais, tanto por parte dos legisladores quanto dos médicos²².

O surgimento da ideia de sanitizar as cidades brasileiras nasceu ainda no século XIX. A crescente preocupação dos saberes sobre as doenças, as cidades, o meio e o ar acabou ganhando força com a teoria Miasmática²³. Portanto, urgia sanear o meio, para isso, seria necessário aterrar pântanos, afastar cemitérios e abrir avenidas. Nessa nova concepção de doença e espaço, intervir somente no corpo do indivíduo já não era suficiente, era necessária também, uma intervenção no “corpo social”. A medicina, portanto, somente se fazia coletiva para combater a doença. Além disso, não se tratava somente de combater a doença já instalada no indivíduo, mas sim de evitá-la”²⁴.

Logo, aterrar pântanos e igarapés, controlar habitações (principalmente operárias e os cortiços) passou a ser a orientação da medicina social no século XIX e XX. Aos poucos, essa orientação ia tomando outra conotação, não somente problemas estruturais da cidade iam sendo observados, mas também problemas urbanos muito mais complexos, como a questão do alcoolismo, prostituição e aglomerações, acabaram tornado-se objetos de saber entre os estudiosos da época para denominar as “classes perigosas”, que por definição no período, seriam as pessoas pobres.

Chalhoub destaca que essa definição não se deu somente porque os pobres eram vistos como ociosos, mas principalmente porque ofereciam perigo de contágio²⁵. Nesse ponto Margareth Rago destaca que os pobres eram notados como focos de disseminação de doenças,

²² AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. **Epidemiologia e emancipação**. Editora Hucitec-Abrasco. São Paulo-Rio de Janeiro, 2002.

²³ A Teoria Miasmática considerava as doenças como um fenômeno social. Até o final do século XIX, era utilizada para prevenir as doenças urbanas, a qual considerava que o meio físico e social e a concentração de homens eram produtores de miasmas, emanação proveniente de substâncias animais ou vegetais em decomposição. Verificar: BOUSQUAT, A. e COHN, A. **A dimensão espacial nos estudos sobre saúde: uma trajetória histórica**. História, Ciências, Saúde. Manguinhos, vol. 11(3): 549-68, set.-dez. 2004.

²⁴ MARQUES, Eduardo Cesar. **Da higiene a construção da cidade: o estado e o saneamento do Rio de Janeiro**. História, Ciência, Saúde – Manguinhos, 2: 51 a 67, Julho/Outubro 1995.

²⁵ CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. Companhia das Letras. São Paulo. 1996.

principalmente porque na época acreditavam que o seus corpos exalavam “gases fétidos”, que era gerado pela “aglomeração perniciosa da população pobre em cubículos estreitos”²⁶.

Com o advento da urbanização e tudo que ela ensejava em Manaus, os pobres e os trabalhadores que viviam em casas de palha ou taipa enfrentaram um dilema: ou permaneciam na área urbana em pequenos cubículos ou se afastavam para os arredores da cidade. Isso aconteceu porque os códigos de postura passaram a ser mais rígidos com o formato das construções do perímetro urbano, tornando-se inacessível para a população com menos recursos²⁷.

Diante disso, alguns trabalhadores e pessoas pobres foram impelidos para os subúrbios de Manaus. Os que ficaram acabaram se aglomerando em lugares, que por fora tinha as fachadas permitidas pelo código de postura, mas por trás destas fachadas escondiam cômodos insalubres e pequenos. Observamos que esse processo de expulsão dos não desejados no espaço citadino apresentou inúmeras resistências, principalmente as normas que tentavam mantê-los fora do perímetro urbano²⁸.

No início do século XX, a cidade de Manaus crescia em um ritmo acelerado e desordenado. Grandes levas de migrantes chegavam à cidade em busca de uma oportunidade para trabalhar e/ou enriquecer com o comércio da borracha. Outra cartografia do espaço urbano se desenhava, pois da mesma forma que chegavam mais imigrantes, mais a miséria se alastrava.

A economia gumífera no Amazonas proporcionou para a cidade de Manaus, principalmente na virada do século XIX para o XX, diversas transformações arquitetônicas e urbanísticas, as quais deram à cidade ares europeus como marca de sua grandiosidade. Entretanto, quanto mais Manaus se transformava para aparentar modernidade, mais o controle e vigilância sanitária eram impostos à população que destoava desse projeto. Diversos serviços, que marcaram essa nova fase da modernidade, surgiram no cotidiano manauense como os bondes e sistemas elétricos.

A produção da goma elástica na região chegou a perfazer um total de 61% da produção mundial e 28% das exportações nacionais. Isso acarretou um povoamento na capital

²⁶ RAGO, Margareth. **Do cabaret ao Lar: a utopia da cidade disciplinar (1850 – 1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

²⁷ Código de Postura do Município de Manaus de 1890.

²⁸ COSTA, Fca. Deusa Sena da. **Quando viver ameaça a ordem urbana: trabalhadores urbanos em Manaus. 1890 – 1915**. Dissertação/Mestrado, PUC. São Paulo, 1997.

do Amazonas que chegou a 50 mil pessoas em 1905²⁹. Contudo, as construções grandiosas e os espaços pensados para um centro da cidade não englobavam a população aos arredores que viviam em palafitas, casas de palha e flutuantes nos subúrbios, sem as mínimas condições de sobrevivência, salubridade e sanitárias. Destacamos que essa “europeização” da cidade acabou sendo privilégio de uma pequena elite extrativista, que a maioria não era da região.

A economia da borracha teve como consequência para a população, principalmente a carente, o agravamento das doenças, o que acabou gerando políticas públicas de controle e combate destas patologias. Assim, se a goma elástica trouxe riqueza, teve como seu contraponto a pobreza e a exposição da população, distribuída no imenso interior e no subúrbio de Manaus, às doenças. Nesse momento, a relação do poder público com a população sobre questões referentes às enfermidades, principalmente as tropicais, ganharam uma nova configuração: o poder público tomaria medidas saneadoras que mexeriam definitivamente com a população e com as estruturas da cidade³⁰.

Foi centrada nessas premissas, que a capital do Amazonas seguia, através dos seus dirigentes sanitários, as políticas de saúde pública (iguais ou em processo de transformação) das urbes dos grandes centros do Brasil, deixando claro que essas políticas estavam somente voltadas para os “centros” das capitais. Um exemplo claro na cidade de Manaus dessas políticas estava na escolha feitas pelos dirigentes de saúde pública do Amazonas, no início do século XX, para tratar a febre amarela em vez da malária, até porque a primeira doença atacava os estrangeiros e a segunda a população carente dos bairros periféricos:

A malária e a febre amarela estavam distribuídas espacialmente e temporalmente de modo diferente, mas também atingiam grupos sociais diferentes. A malária atingia os pobres que viviam a beira dos igarapés e em áreas de reduzida urbanização; enquanto que a febre amarela vitimava os estrangeiros. Houve um investimento maior no combate a febre amarela: primeiro porque havia uma possibilidade real de eliminar a doença; segundo, porque afetava os interesses econômicos do Estado.³¹

Manaus, no início de 1910, apresentava certo controle sobre as endemias³² ou a “tríade maligna”³³ que eram muito constantes na região, pois a política do Estado e da

²⁹ MATTA, Alfredo Augusto da. **Paludismo, Varíola, Tuberculoso, em Manáos**. São Paulo. Typographia Brazil. Rothschild & Co. 1909.

³⁰ SCHWEICKARDT, Julio Cesar. **Ciência, nação e região: as doenças tropicais e o saneamento no Estado do Amazonas (1890-1930)** - Manaus: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz, 2009. p. 43

³¹ Idem. P. 125

³² Febre Amarela, varíola, paludismo.

³³ Ancilostomose, Impaludismo e doença de chagas.

Intendência Municipal era manter a cidade limpa e higienizada, como parte do processo transformador da cidade. Mesmo que para isso tivesse que “invisibilizar” uma grande parcela da população que enfejava a cidade do progresso e da higiene.

Os discursos dos administradores eram de que se tivesse uma cidade limpa e ordenada, os investimentos estrangeiros viriam para a cidade e os que já estavam não sairiam. Portanto, Manaus tinha que aparentar o “fausto” para “impressionar e atrair os investidores estrangeiros, ao mesmo tempo em que projetava para o mundo prosperidade e civilização”³⁴.

Porém, ao mesmo tempo em que se embelezava a cidade, em busca de investidores, segregava-se para longe da área central a população que se encontrava em péssimas condições de vida, sem saneamento, higiene, habitação adequada e acompanhada por um quadro de doença de todos os níveis.

Para dar conta dos pobres e desocupados que transitam pela cidade de Manaus e que passam a incomodar e até mesmo a ameaçar com suas presenças a Ordem, as estratégias estabelecidas foram amplas, compreendendo uma política de separação e isolamento desses segmentos em bairros distantes da área central da cidade.³⁵

A cidade de Manaus foi pensada e reorganizada como um “organismo vivo”. Os discursos médicos tornaram-se mais notórios, vistos que os médicos, pautados na junção da Teoria Miasmática e na teoria de Louis Pasteur³⁶, acabaram gerando uma mudança no comportamento e no cotidiano dos moradores da cidade.

A cidade, ordenada nesses novos ideais, começou a se reformular; aterrando-se igarapés e construindo reservatórios de água encanada e esgotos. De acordo com as teorias higiênicas, eram necessárias medidas de saneamento mais profundas, tanto no meio físico, quanto no meio social. As autoridades públicas e os médicos convergiam sobre as reformas que queriam realizadas na cidade. Esse processo iniciou-se claramente na gestão do Governador Eduardo Ribeiro (1892-1896), sendo essas ideias seguidas rigorosamente nas duas primeiras décadas do século XX, principalmente no aterro de determinados igarapés.

³⁴ DIAS, Edineia Mascarenhas. **A ilusão do fausto. Manaus 1890 – 1920**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 1988. p.131

³⁵ DIAS, Edineia Mascarenhas. **Op.cit.** P. 66/67/68.

³⁶ Louis Pasteur acreditava que os organismos externos penetravam no corpo causando doenças, portanto era necessário encontrar a cura para cada germe, tornando-se esse o paradigma médico do século XX. Mesmo sabendo que a influenza não se tratava de uma doença bacteriana, a gripe espanhola acabou sendo um marco da revolução pasteuriana. In; BOUSQUAT, A. e COHN, A, **A dimensão espacial nos estudos sobre saúde**.

As mudanças da cidade de Manaus assumiram cada vez mais os discursos dos higienistas que recomendavam os aterros, a derrubada de árvores e o afastamento, quer seja das construções insalubres, quer seja dos seus moradores que desfiguravam a urbe. A historiadora Francisca Deusa ressalta que essas construções feriam pontualmente a cidade do progresso e diante disso uma remodelação da cidade forjada pelo discurso da modernidade e higiene passou efetivamente a ser cunhada na cidade de Manaus.

O remodelamento do centro de Manaus através de serviços de saneamento, luz à nafta (e depois elétrica), água encanada, alinhamento de ruas, arborização, que se iniciou em 1870 e foi acelerado, a partir de 1880, pela acumulação de capitais que a exportação da borracha propiciou, dotou a cidade de outros tantos melhoramentos que valorizavam esse espaço enquanto investimento para o capital imobiliário, dificultando a permanência do tipo de habitação popular nesse mesmo centro³⁷.

Figura 1



Fonte: Jornal do Commercio, 04 de maio de 1913.

Mesmo com essas medidas sanitárias de aterros, esgotos e cortes de arvores, é importante enfatizar que as doenças de uma forma geral, além das doenças tropicais (muito comuns na cidade) estavam ligadas além dos problemas geográficos, as condições miseráveis e insalubres que viviam boa parte da população manauense, já que as principais enfermidades só se localizavam nas áreas de concentração de pessoas carentes, ou seja, nos subúrbios e nos

³⁷ COSTA, Fca. Deusa Sena da. **Quando viver ameaça a ordem urbana: trabalhadores urbanos em Manaus. 1890 – 1915.** Dissertação/Mestrado, PUC. São Paulo, 1997. P. 97 e 98.

sertões que eram denominados pelos sanitaristas como qualquer localidade fora do perímetro urbano, colocando, então, o pobre como um perigo para a sociedade.

Não era uma ideia nova o pobre ser visto como perigo para a sociedade. Foucault, no nascimento da medicina social, ressaltava haver várias razões para esse sentimento a partir do século XIX, enumerando dois fatores que seriam importantes para este conceito: o primeiro por razões políticas, que devido às agitações e rebeliões, os pobres acabariam se tornando uma força política; e segundo, as doenças, uma vez que os pobres eram vistos como propagadores de enfermidade, dando o exemplo da Inglaterra que criou a *Lei dos pobres*. Nesta lei, o médico passava a ter controle sobre a parcela menos favorecida da população, prática essa que servia tanto para ajudar os pobres no tratamento de saúde gratuito quanto às classes ricas se protegerem das doenças transmitidas por esses pobres.

Um cordão sanitário autoritário é estendido no interior das cidades entre ricos e pobres: os pobres encontrando a possibilidade de se tratarem gratuitamente ou sem grandes despesas e os ricos garantido não serem vítimas de fenômenos epidêmicos originários da classe pobre.³⁸

Essa prática de segregar e manter esse cordão sanitário foi utilizada na cidade de Manaus durante o período da modernização da urbe, entre aterros, abertura de ruas e arborização da cidade, a população, que vivia nos arredores do centro, foi ficando cada vez mais distantes e não só da infraestrutura que estavam sendo estabelecidos, mas também das benfeitorias dos sistemas de saúde que estavam sendo implementadas.

O médico Manoel Galvão, no livro “História da Medicina em Manaus”³⁹, afirmou que esses projetos acabaram provocando surtos epidêmicos na cidade, uma vez que chegava praticamente a ser criminosa a forma como era segregada a comunidade carente, sem as mínimas condições básicas de sobrevivência como alimentação e habitação. A historiadora Maria Luiza Ugarte Pinheiro ressalta que os médicos sanitaristas foram os representantes, por excelência, dos processos de exclusão na cidade de Manaus. Como exerciam inúmeras formas de poder, acabaram institucionalizando um discurso médico que atendia os interesses de uma

³⁸ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Editora Graal. São Paulo. 2004. P. 95

³⁹ GALVÃO, Manoel Dias. **A História da Medicina em Manaus**. Editora Valer, Manaus, 2003.

pequena elite e controlavam, principalmente, uma grande parcela pobre e doente, favorecendo ainda mais essa exclusão social⁴⁰.

No relatório do médico Francisco de Araújo Lima em 1915, sobre os bairros de Constantinópolis e Colônia Oliveira Machado, notamos como os bairros distantes dos grandes centros iam se configurando e como os médicos e a elite da época pensavam a respeito da população que moravam nessas localidades,

Mais afastada da cidade do que os demais subúrbios, quase sem população tributária da metrópole manauense, a Colônia Oliveira Machado, sacrificada na mais rude e ingrata topografia, conta como maioria de sua população indigente e enfermos (...) Oferece assim a chamada Colônia, se é verdade que só assim se possa chamar por ser **uma colônia de enfermos miseráveis** e em cujo seio se cultiva uma raça de inferiores e incapazes, apresenta essa malfadada colônia o quadro da **verdadeira metrópole da fome e da indigência mórbida, alquebrantada, esquelética e decadente**.

A colônia Oliveira Machado consagra uma fisionomia singular no quadro suburbano de Manaus: significa a inércia mórbida e miserável⁴¹.

É possível verificar que o progresso da cidade veio acompanhado de enormes diferenças e segregações sociais e geográficas que se agravavam com o tempo e a forma de se conceber uma cidade evoluída, limpa, higienizada, medicalizada e controlada. Essa medicalização era uma forma de controlar e dominar a população carente fora do perímetro urbano. Céli Regina Jardim Pinto, num estudo sobre Foucault e as Constituições brasileiras, informa que “os indivíduos marginalizados necessitavam apenas serem afastados”, pois seria possível, assim, a dominação através da exclusão como uma forma de controlar a disseminação das doenças. Afirma também que na história independente do Brasil foram várias as formas de inclusão e exclusão que variavam conforme o regime e as constituições que pretendiam sustentar e legitimar o poder. Portanto nos períodos oligárquicos (da Independência a 1930) a regra era a exclusão pura e simples, não apenas como forma de

⁴⁰ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925)**, Editora UFAM, 2003.

⁴¹ Relatório da Assistência Médica Municipal aos habitantes dos bairros de Constantinópolis e Colônia Oliveira Machado. (Dr. José Francisco de Araújo Lima), anexo ao relatório apresentado a Intendência Municipal de Manaus pelo Superintendente Dorval Pires Porto, na Sessão Ordinária de 11/02/1915. Apud. COSTA, Fca. Deusa Sena da. **Quando viver ameaça a ordem urbana: trabalhadores urbanos em Manaus. 1890 – 1915**. P. 137.

análise equivocada, mas uma tática e prática significativa da estratégia política desse período⁴².

É importante reparar o termo “inclusão/exclusão”. Em nosso trabalho tratamos da inclusão e exclusão no mundo público ao qual o sujeito, dotado de direitos e deveres, é incluindo ou excluído do processo, porque “tanto incluir quanto excluir constituem-se atos de inaugurações discursivas”, portanto trata-se de modos de inserção na prática do mundo público⁴³.

Entretanto, não podemos dizer que exista alguém inteiramente incluído ou inteiramente excluído de uma dada realidade ou situação. O que reforçamos é: neste processo de exclusão ou segregação o termo utilizado por nós, faz parte do jogo de poder que de certa forma veio se constituindo ao longo das relações políticas, sociais e econômicas. Contudo, é importante se ter em mente que este excluído se “apropriou”, em determinado momento, dessa cidade sonhada e projetada. Logo, não podemos falar simplesmente em exclusão ou segregação sem entender esse processo.

Essa prática de segregar a população carente já vinha de longas datas em Manaus. A partir do momento em que a goma elástica tornou-se a principal fonte de riqueza, no final do século XIX, a cidade de Manaus transformou-se na capital da borracha e de uma elite extrativista, que queria apagar da memória a ideia de Manaus estar ligada a uma aldeia e sim transformá-la numa capital harmônica, civilizada e desenvolvida, uma cidade verdadeiramente cosmopolita, em que a população que destoava deste novo modelo deveria ser banida⁴⁴.

Os códigos de postura de repressão a atos que fossem contra a saúde pública já estavam estabelecidos em Manaus a partir do Regulamento do serviço sanitário do Estado do Amazonas de 1900⁴⁵, quando expunha o dever da polícia sanitária do Estado em reprimir todo e qualquer ato ou abuso considerado como prejudicial à saúde pública, como, por exemplo, se recusar a ser vacinado ou se recusar a ser transferido para outra área da cidade.

⁴² PINTO, Céli Regina Jardim. Foucault e as Constituições brasileiras: quando a lepra e a peste se encontram com os nossos excluídos. In **Educação & Realidade** – v. 1, n 1 (fev. 1976). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 1976.

⁴³ PINTO, Céli Regina Jardim. **Op. Cit.**

⁴⁴ MESQUITA, Otoni Moreira de. **Manaus: História e Arquitetura – 1852-1910**. Editora da Universidade do Amazonas. Manaus, 1997.

⁴⁵ Regulamento do Serviço Sanitário do Amazonas, 1900. Referente a Lei n.º 286 de 30 de setembro de 1899. Acervo IGHA.

A polícia sanitária agia sistematicamente nas áreas de moradia das classes populares e nas embarcações que entravam no porto de Manaus, dois espaços vislumbrados como potencial propagador de moléstia e ameaça a saúde pública. Tais ações iam desde a prescrição de medidas sanitárias, como a construção de sentinas e banheiros, até o caso extremo de demolição dos quartos⁴⁶.

Em relação à situação sanitária do estado do Amazonas e da cidade de Manaus, o médico Antonio Loureiro, no seu livro a “Grande crise”⁴⁷, publicou o relatório sobre “A saúde pública no Amazonas” apresentado pelo Dr. Figueiredo Rodrigues, inspetor de saúde no ano de 1916. Nesse relatório o inspetor de saúde comunicava a dificuldade em visitar ou se estabelecer na região, devido à quantidade de doenças, o que acabava sendo oneroso para quem quisesse vir para esta cidade. Observamos que a febre amarela era o dado mais alarmante, uma vez que “de 1905 a 1913 houve, em Manáos, 1.386 óbitos de febre Amarela, o que dava uma média de 173 óbitos por ano” sendo acompanhada de perto pela malária, o impaludismo e o beribéri, essas atingindo mais as zonas carentes e fora do controle dos óbitos oficiais.

O relatório também narrava à situação econômica do Estado, com a baixa do preço da borracha que vinha caindo gradativamente desde 1911, a cidade não conseguiu mais manter suas finanças e devido a esse fator, pouco se podia fazer a respeito dessas doenças que assolavam a região, e mesmo com a baixa da mortalidade por malária que, em 1910, chegava a ser de 2.196 óbitos, baixando para 1.204 em 1915, não se devia somente aos empenhos das autoridades públicas e médicos, mas ao decréscimo da população com a crise econômica nos últimos três anos. Notamos que a infraestrutura sanitária do Estado parecia estar ruindo junto com a crise que assolava o Amazonas devido à queda dos preços da goma elástica.

Em 1914 eclodiu a primeira guerra mundial, com ela a população sentiu os efeitos da conflagração, como um tipo de colapso verdadeiramente mundial, onde foi “sentido pelo menos em todos os lugares em que homens e mulheres se envolviam ou faziam uso de transações impessoais de mercado”⁴⁸, não ficando de fora os países que se conflagraram indiretamente, como foi o caso do Brasil, que sentia fortemente a crise, principalmente na área da exportação, como na região Amazônica.

⁴⁶ COSTA, Fca. Deusa Sena da. **Quando viver ameaça a ordem urbana: trabalhadores urbanos em Manaus. 1890 – 1915.** P. 124-125

⁴⁷ LOUREIRO, Antônio Jose Souto. **A Grande Crise** (1908-1916). Manaus, 1986.

⁴⁸ HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos.** São Paulo, Cia das Letras, 1998.

Os jornais da época⁴⁹ registravam os acontecimentos no Amazonas como uma crise sem precedentes no setor econômico “que paralisou quase por completo o comércio⁵⁰”, principalmente no que tangia a baixa exportação da goma elástica, que já atingia níveis alarmantes. Na Mensagem lida perante a Assembleia Legislativa pelo Governador Jonathas Pedrosa em 1915, o Governante destacava a situação pela qual o Amazonas estava passando:

Os efectos d’essa depressão econômica ahi estão, aos olhos de todos, a manifestar-se por toda parte, em todas as actividades, desde as grandes empresas, [...] até ás grandes e pequenas casas commerciaes d’esta praça, todas ellas atravessando enormissimas difficuldades financeiras, algumas já fallidas e outras na imminencia de não suportarem [...].⁵¹

Na Mesma Mensagem, o Governador destacava que mesmo com toda a dificuldade financeira, o serviço sanitário continuava empenhado em segregar para o terreno de isolamento do Urimizal os doentes e os indigentes que circulavam na urbe da cidade e assim continuar com a prática de limpar e higienizar, mesmo que para isso tivesse que retirar da parte central e bonita, aqueles que de alguma forma não faziam parte do modelo da cidade do progresso, da ordem e da higiene.

A higiene em sua acepção moderna passou a ser vista como prática fundada na racionalidade científica e voltada para uma normatividade coletiva. Foucault destaca que é através dessa normalização que a inclusão acontece, mas somente através de seu reverso, no caso, quanto mais se descreve incessantemente o anormal, mais o discurso chega à noção de normalidade, isto quer dizer que os discursos, uma vez produzidos, voltam à prática como normatividade de diferentes ordens, quer seja médica ou social. A articulação entre esses dois polos se dá através da engenhosidade dos médicos de perceber de que modo o anormal ou a doença se “anatomatiza” ou “fisiologiza” e qual o processo que leva a sua normalização, que como sabemos, perpassa a ideia do biológico, até porque a doença é um ser que no homem priva-o da sua felicidade, potencialidades e realizações⁵².

Portanto a prática da higiene passou a ser o estudo das relações sanitárias do homem com o mundo exterior e dos meios, a ampliação deste tipo de intervenção relativo à saúde,

⁴⁹ A lanceta (1912-13-14), O chicote (1913), A Imprensa (1912-13-18), Correio de Serpa (1912-13), O Conservador (1912-13-14-15-16), A União (1914). Acervo: Biblioteca pública do Estado do Amazonas.

⁵⁰ O Conservador, 1 de Janeiro de 1915, ano IV - Numero 114. Acervo: Biblioteca pública do Estado do Amazonas.

⁵¹ Mensagem lida perante a Assembléia Legislativa na abertura da terceira sessão ordinária da oitava legislatura, pelo EXN. Sr. Jonhatas de Freitas Pedrosa. Governador do Estado, em 10 de Julho de 1915. p.60.

⁵² AYRES, José Ricardo. **Epidemiologia e emancipação**. Editora Hucitec-Abrasco. São Paulo. 2002. P. 109

segundo o pesquisador médico José Ayres; transcende o individual e se aplica a um conjunto de indivíduos. Percebemos que determinado grupo passou a ter o domínio normativo de uma ordem que passou a ser tratada como o bem comum, atingindo, então, as três esferas da sociedade, o público, o privado e o modo de vida. Logo, em nome da saúde e do progresso sanitário, qualquer medida de segregação de doentes e pobres passou a se tornar a resposta mais moderna aos problemas de saúde nacional⁵³.

Em 1916, foi proposto ao médico Alfredo da Matta⁵⁴, chefe da municipalidade de Manaus, pelo Superintendente Dorval Pires Porto, um estudo que fizesse um levantamento sobre a evolução das doenças e medidas a serem tomadas no espaço urbano e suburbano, e que tipo de ação o poder público tomaria no combate às moléstias.

“Geografia e Topographia Medicas”, como ficou denominado o estudo, foi dividido em quatro capítulos. O médico fez uma descrição da cidade, a partir da localização, da climatologia e demografia, que para ele servia como “uma verdadeira bússola social⁵⁵”, demonstrando que mesmo após as descobertas microbianas, o meio, segundo o médico, continuava desempenhando um papel extremamente relevante, tanto para a proliferação da doença, quanto para seu desenvolvimento. A demografia desse estudo abrangeu um período de 20 anos de 1895 a 1914, onde foram examinados pelo médico, os mapas dos igarapés, o perímetro da cidade e as redes de esgotos, sendo objetivo principal dessa obra:

Mostrar a evolução das moléstias que mais commumente caracterisam a pathologia local. (...) mostrar ainda, em suas linhas capitaes, quaes as medidas indispensáveis ao saneamento do meio urbano e suburbano, **salientando, principalmente a acção que o poder publico deve exercitar no sentido de combater, com efficacia as moléstias infectuosas.**⁵⁶ (Grifo Nosso)

O que notamos nessa Manaus da modernidade é que se a ideia de progresso e habitação legada aos grandes centros europeus tenha mudado as feições da cidade trazendo inúmeras vantagens, essas vantagens também se apresentaram como formas de abuso para suas implementações como ato de estabelecer mudanças de comportamento e proibição de alguns antigos costumes e tradições. Reforçadas pelo discurso higiênico, essas opressões tornaram-se

⁵³ AYRES, José Ricardo. **Op. Cit.**

⁵⁴ Alfredo Augusto da Mata nasceu na Bahia em 1870, era considerado na cidade como Médico, professor, político, sanitarista, leprólogo e Cientista, atuou em Manaus, por mais de 13 anos como diretor do serviço sanitário de 1899 a 1912, permaneceu no Amazonas por mais de 50 anos.

⁵⁵ MATTA, Alfredo. **Geographia e Topographia Medica de Manaós**, Manaus Tip. Da Livraria RENAUD, 1916. P.42. Acervo Biblioteca Pública do Estado do Amazonas.

⁵⁶ Idem.

mais evidentes porque toda e qualquer moléstia passou a ser adjunta a vida urbana da cidade, passando a ser possível intervenção em nome de um bem coletivo, pois a pobreza e habitações irregulares (de palha, barro) passaram a ser o alvo principal com prazo de validade.

A miséria da população que morava nos subúrbios da cidade era vista como portas de infecção e se os projetos de modernidade não pudessem alcançá-los, tinham que efetivamente afastá-los da área central. Essa ideia ganhou notoriedade e respaldo nas mãos de alguns médicos da cidade, que não conseguindo higienizar as casas mais “simples”, aos arredores da cidade, adotaram medidas de demolição para assim não só isolar o mal físico da doença, mas também o mal de uma cidade disforme.

Em 1918, a população de Manaus se encontrava a beira de um colapso no sistema sanitário. O progresso deste segmento com imposições de práticas salutareas e criações de departamentos de saúde. Concepção que foi largamente difundida no final do século XIX e início do século XX, com a afirmação do positivismo⁵⁷ nas principais cidades do Brasil, pareceu não ter alcançado a população carente da cidade de Manaus, que ao se deparar com a epidemia, criou cenas funestas durante a passagem do mal e fez desmoronar tanto o cotidiano da cidade quanto os discursos sobre doenças e mortes democráticas⁵⁸.

Em 1918 os jornais de circulação no país e no estado do Amazonas informavam todos os passos dos militares e das ações dos países envolvidos na conflagração da Primeira Guerra Mundial. Os jornais de circulação na cidade de Manaus mencionavam todos os dias a quantidades de mortos e países destruídos na guerra. Entretanto a partir de meados de 1918, os jornais que só publicavam notícias do fronte de guerra deixariam de mencionar somente episódios de trincheiras e conquistas de território, mas notícias de uma epidemia que grassava no mundo e que teve diversos nomes. Contudo ficou conhecida mesmo como a Gripe Espanhola.

⁵⁷ Nesta concepção seria pelo intermédio da ação coletiva, que a humanidade modificaria seu meio “não poderemos conceber racionalmente, os fenômenos sociais, sem haver apreciados antes, com toda a exatidão, sob suas diferentes relações essenciais, o meio real onde eles se desenvolvem? A harmonia geral que deve sempre existir entre a humanidade e o teatro do seu progresso coletivo, [...] entre a natureza individual de todos os seres vivos e a constituição própria ao meio correspondente.” Auguste Comte. *Cours de Philosophie Positive – IV*, Paris, Schleider Frères, 1908, p.260, apud. AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. **Epidemiologia e emancipação**. Editora Hucitec-Abrasco. São Paulo-Rio de Janeiro, 2002. p. 146.

⁵⁸ Os discursos de mortes democráticas sempre foram utilizados para analisar o perfil de grandes epidemias, nela aparentemente todos os habitantes da cidade sentiriam o impacto da doença da mesma forma, independentemente de posições sociais e lugar de moradia. Fato esse que não encontrou respaldo nos estudos que Bertolli Filho fez sobre a gripe espanhola em São Paulo, que, segundo sua análise, a população carente dos bairros periféricos foram os que mais sofreram com a epidemia devido a inúmeros fatores, desde a moradia insalubres até falta de alimento. Verificar: BERTOLLI Filho, Cláudio. **A gripe espanhola em São Paulo, 1918: epidemia e sociedade** São Paulo: Paz e Terra, 2003.

1.2 – O INIMIGO INVISÍVEL NOS PORTÕES DA CIDADE DE MANAUS

A partir de Março de 1918 as notícias sobre a guerra começaram a ganhar um novo contorno, enfatizando não tanto os conflitos, mas uma epidemia que teve três ondas: a primeira com os primeiros casos sendo registrados em março de 1918, nos acampamentos militares norte americanos e em alguns na China e no Japão, se estendendo em abril para o exército Francês e Britânico e em maio aparecendo na Espanha, Portugal, Grécia, Grã Bretanha, Itália e norte da África, a partir de junho se estendendo por toda a Europa e no resto do mundo⁵⁹.

A segunda onda teria iniciado em agosto quase simultaneamente nos Estados Unidos, particularmente na cidade de Boston e no porto da África ocidental, desta vez aparecendo o quadro mais grave da gripe com tendência a casos de complicações pulmonares. A partir desse momento todos os países que já tinham manifestado a doença na primeira onda, em final de setembro, já estavam novamente todos acometidos pela doença só que com um agravante, essa gripe tinha um alto índice de mortalidade. A terceira onda se deu em fevereiro e março de 1919 com uma taxa ainda elevada de mortalidade, mas não tanto quanto a segunda.

A doença parecia comum a todas as outras gripes, sendo dois ou três dias de febre. O que pareceu mais estranho foi que ela atacava mais jovens e adultos ao invés de crianças e idosos. A pesquisadora Gina Kolata⁶⁰ afirma, em seu livro, que o surto epidêmico tratou-se de uma história de mistérios envolvendo ciência, políticos, pesquisadores e um vírus letal tanto pela sua propagação rápida quanto pelo mistério que envolvia o seu aparecimento. O jornal **A Capital**⁶¹ de circulação na cidade de Manaus noticiava a doença como uma criação dos técnicos da Espanha, que teriam transformado a influenza em uma doença capaz de “superar os climas e todas as qualidades tétricas” para a sua propagação.

Os países que manifestaram a doença na primeira onda não acreditavam que a doença poderia trazer grandes sustos, por isso não se preocuparam em fechar fronteiras e muito menos, divulgar informações a respeito dos casos. Quando eles acreditaram que a doença já estava passando, foi quando teve início a segunda onda com uma grande quantidade

⁵⁹ GALLO, Maria Isabel Porras. **Las repercusiones de la pandemia de gripe de 1918-19 en la mortalidad de la ciudad de Madrid**. Boletín de la Asociación de Demografía Histórica, XIV, I, 1996. p. 72 a 82.

⁶⁰ KOLATA, Gina. **Gripe, a história da pandemia de 1918**. Rio de Janeiro, Campus, 2002.

⁶¹ A Capital, 23 de outubro de 1918.

de mortos espalhados em todos os cantos do mundo e com um efeito vinte cinco vezes mais devastador que uma gripe comum. Seu início se deu no terceiro trimestre de 1918 e ficou conhecida pelo seu efeito fulminante nas pessoas, que começava com sintomas de febre e calafrios seguidos de uma morte rápida.

A doença começa com um tipo comum de gripe, desenvolvem rapidamente o tipo mais viscoso de pneumonia jamais visto. Duas horas após darem entrada, tem manchas castanho-avermelhadas nas maçãs do rosto e algumas horas mais tarde pode-se começar a ver a cianose estendendo-se por toda a face a partir das orelhas, até que se torna difícil de distinguir o homem negro do homem branco. A morte chega em poucas horas e acontece simplesmente como uma falta de ar, até que morrem sufocados.⁶²

Essa moléstia ficou conhecida primeiramente como “a febre das trincheiras”⁶³, febre de Flandres, febre dos três dias e em meados do mesmo ano já se conhecia a epidemia como “a gripe espanhola” ou Influenza⁶⁴. Segundo Liane Maria Bertucci⁶⁵, havia duas hipóteses para a denominação: a primeira partindo do pressuposto errôneo, colocando a Espanha como o primeiro país a contrair a doença e a outra de que a própria Espanha, como país “neutro”, deixou a notícia correr mais livremente na imprensa, diferente dos outros países europeus que tentavam suavizar as notícias que falavam, ou tencionavam falar, sobre a moléstia. Assim, pareceu que a gripe era oriunda da Espanha, daí a sua denominação.

Tese sustentada por outra pesquisadora⁶⁶ seria de que por questões xenófobas, a França por temer a entrada de migrantes vindos da Espanha viu-se “forçada” a acusar o país vizinho de ter lançado a pandemia no mundo. Questões sobre a origem da pandemia à parte, o que nos interessa é saber como a Influenza chegou ao Brasil, também como foi a sua entrada e impacto na cidade de Manaus.

O país, em 1918, atravessava uma crise econômica e política sem precedentes por se encontrar fragilizado economicamente, devido à baixa exportação. Para reagir a esta situação, o Governo federal investiu pesado na produção de café, levando vantagem frente à produção

⁶² KOLATA, Gina. **Op. Cit.** P.25

⁶³ BERTOLLI Filho, Cláudio. **A gripe espanhola em São Paulo, 1918: epidemia e sociedade** – São Paulo: Paz e Terra, 2003.

⁶⁴ Influenza é a denominação da gripe, quando essa atinge uma forma epidêmica ou no caso pandêmico atingindo em extensão mundial, que se caracteriza por infecção respiratória aguda, de etiologia viral específica, com sintomas súbitos de cefaléia, mialgia, febre e prostração. Dicionário Medico Blakiston, editora Andrei, São Paulo, 1994.

⁶⁵ BERTUCCI, Liane Maria. **Influenza, a medicina enferma: ciência e prática de cura na época da gripe espanhola em São Paulo**. Campinas, SP: editora da Unicamp, 2004.

⁶⁶ Essa ideia é sustentada por GOULART, Adriana. **A Gripe Espanhola no Rio de Janeiro: Niterói/RJ, UFF, 2003.**

norte americana cafeeira, uma vez que devido a grande geada⁶⁷, que ocorreu nos Estados Unidos, a produção cafeeira ianque ficou bastante prejudicada, gerando grandes demandas ao café brasileiro, aumentando as exportações, aliviando assim, a pressão que era exercida sobre a Balança Comercial brasileira; momentaneamente o país se aliviou das pressões financeiras externas.

Sentindo-se aparentemente mais aliviado, o governo brasileiro através do Presidente Wenceslau Brás preparou dois grupos militares: a Missão Médica Brasileira, que iria prestar assistência aos combatentes aliados e a Esquadra de Patrulha, que iria para o continente africano combater a moléstia em questão, antes que ela aparecesse no porto do Brasil⁶⁸.

Sem dar a devida importância à moléstia e considerando-a como algo distante e que não atingiria o Brasil e muito menos os Estados, o diretor de saúde pública do país, o médico Carlos Seidl, junto com o diretor de higiene de Pernambuco, fizeram um pronunciamento que foi editado pelo jornal **A Capital** sobre a doença: “pensei sempre que não se tratava nos casos de Influenza, aqui aparecidos, de uma nova entidade mórbida. Os casos verificados não passam de Influenza ou Gripe e que sempre foi uma moléstia contagiosa”⁶⁹.

Os discursos iguais a estes da não letalidade do vírus, acabaram invadindo as páginas dos jornais, dos pronunciamentos oficiais e dos discursos médicos, os quais viam as ocorrências da epidemia pelo mundo como um acontecimento longínquo, sem dar devida importância acabavam tratando a gripe como uma moléstia comum.

A imprensa brasileira começou, então, a divulgar os passos dos militares na guerra, relatando algumas mortes, ainda no porto Francês de Dakar, no Senegal⁷⁰ e dentro do navio que trazia os militares. Estes ao chegarem ao porto brasileiro e por terem 95% dos seus tripulantes atingidos pela gripe trouxeram o inesperado: a disseminação da doença pelo país inteiro.

No Amazonas, por haver desconhecimento sobre a doença, as opiniões convergiam tanto por parte da imprensa quanto pelos poderes públicos e médicos, sobre a não letalidade da doença, pois nesse primeiro momento não seria de bom alvitre alarmar a população e o comércio, uma vez que o Estado, como já dissemos, encontrava-se as voltas com vários

⁶⁷ FRITSHI, Winston. Apogeu e crise na primeira República: 1900 – 1930. In: Org. ABREU, Marcelo [et al]. **A ordem do progresso: cem anos de política econômica republicana, 1898 – 1989**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

⁶⁸ GOULART, Adriana. **Um cenário mefistofélico: a Gripe Espanhola no Rio de Janeiro**: Niterói/RJ, UFF 2003- Dissertação e Jornal A Epocha 29 de Setembro de 1918.

⁶⁹ A Capital, 24 de outubro de 1918.

⁷⁰ Revista Fon-Fon mês de agosto/setembro de 1918, acervo digitalizado da Biblioteca Nacional. E Gazeta da Tarde de 24 de Setembro de 1918.

problemas. Portanto, falar de uma epidemia e de toda a mobilização que ela causava, não era intenção dos poderes públicos e nem dos médicos.

Os discursos acerca do que seria a Gripe Espanhola, veiculados tanto pela imprensa diária quanto pelos pronunciamentos oficiais, demonstraram os vários momentos de se perceber a epidemia, as diferentes formas de abordá-la e os tipos de medidas que foram tomadas pelo Estado, médicos, sanitaristas e pela população em geral, para tentar impedir ou pelo menos minimizar os efeitos da epidemia.

O surgimento da gripe no cenário jornalístico sempre vinha através das notas sobre a guerra e de como ela já havia atacado metade do continente europeu. Mas tanto os pronunciamentos médicos quanto das autoridades pública brasileira e amazonense pareciam discordar desse “exagero” por parte da Imprensa.

Opiniões imprecisas e muitas vezes contraditórias fizeram parte desses primeiros momentos da gripe. Informações de mortes oriundas de vários lugares da Europa tornaram-se matérias diárias nos jornais. Em meados de setembro, as notícias nos jornais⁷¹ de várias partes do Brasil já anunciavam o “terrível mal”, principalmente nas cidades portuárias (Salvador, Rio de Janeiro, Recife e Pará), onde chegavam os navios que vinham do continente Europeu e Africano.

No dia 09 de Outubro, o **Imparcial** informava que no estado do Pará já havia mais de três mil infectados e comentava-se a chegada do vapor Ceará trazendo gêneros alimentícios e infectados, aportando em Manaus. Todavia, o momento não era bom para as autoridades públicas se posicionarem referente a este barco em especial, porque demonstraria o péssimo estado em que se encontravam as condições sanitárias da cidade, com falta de aparelhamento e com a pobreza que imperava. Portanto, acreditamos que qualquer ameaça que aparecesse, seria logo minimizada pelo Estado.

Para saber sobre o terrível “*morbis*” que assombrava parte do mundo e aparentemente o litoral brasileiro, foram entrevistados pelo jornal **Imparcial**⁷² de Manaus, os médicos Jorge de Moraes⁷³ e Adriano Jorge⁷⁴, sobre o que eles sabiam a respeito da epidemia

⁷¹ Verificar as notas diárias dos Jornais (A Imprensa, Imparcial, A Gazeta da Tarde) do ano de 1918, nos meses de Setembro/Outubro.

⁷² O Imparcial, 22 de outubro de 1918.

⁷³ Médico Jorge de Moraes nasceu em Manaus em 18 de julho de 1878. Cursou Medicina na faculdade da Bahia. Retornou a Manaus e logo entrou para a política, tornando-se Deputado Federal e depois Senador. Foi o primeiro prefeito constitucional de Manaus de 1911 a 1913. In: BITTENCOURT, Agnello. **Dicionário Amazonense de Biografias: vultos do passado**. Rio de Janeiro: a Conquista (academia amazonense, n.º 4). 1973.

de gripe espanhola. O primeiro achou engraçada a pergunta feita pelo jornal e respondeu: “que se tratava de uma gripe comum, não havendo motivos para grandes sustos” e que havia muito exagero em todas as notícias que circulavam não acreditando na mortandade fabulosa que a população havia atribuído à doença. A mesma pergunta foi feita ao médico Adriano Jorge que, em consonância com amigo de profissão, disse também haver muito exagero e teceu elogios às condições sanitárias da cidade e que se a “tal Gripe” viesse, o Estado estaria preparado para recebê-la.

Com a eminência de uma possível epidemia na cidade de Manaus, os jornais de oposição começaram a fazer campanhas contra o mau estado em que se encontrava o serviço sanitário, com reclamações diárias sobre esgotos, péssimas condições de água e falta de medidas profiláticas contra o terrível “*morbus*” que tentava pairar sobre a cidade. Corroborando com esses jornais a recém-criada Liga Pró-Saneamento do Brasil, fundada em janeiro de 1918 e conduzida por Belizário Pena, alertava “as elites políticas e intelectuais para a precariedade das condições sanitárias”⁷⁵ e que somente através do saneamento que as doenças deixariam de ser um obstáculo ao progresso e a civilização.

Com a saúde pautada nesses novos ideais de sanitarismo, Manaus não poderia e nem queria aparentar “atraso” ou primitivismo com a forma com que tratava a saúde, daí os grandes esforços do superintendente municipal, Ayres de Almeida, em não alardear os possíveis casos de gripe antes do dia 24 de Outubro, pois ficava muito difícil uma vigilância contra um inimigo invisível, pois não seria de estranhar caso a gripe já tivesse aportado aqui antes desta data.

Mesmo com a “aparente” não preocupação que demonstrava tanto o Governo quanto os médicos, foi notória toda uma articulação do serviço sanitário e da elite médica de Manaus, em promover reuniões para formar comissões médicas e sanitárias. A primeira reunião aconteceu no dia 22 de Outubro, na qual a classe médica do Amazonas, junto com o Governador Pedro de Alcântara Barcellar, debateram os meios de tratar a gripe espanhola e de obstar a sua propagação pelo Estado, na ocasião foi solicitado ao Governador que pedisse autorização do Governo Federal para obrigar as embarcações vindas de Belém a serem expurgadas no porto de Manaus, no intuito de evitar a disseminação da doença pelo interior.

⁷⁴ O médico Adriano Jorge nasceu em 28 de agosto de 1879. Formou-se em Medicina na Bahia, vindo logo depois para o Amazonas. Tornou-se o presidente da Academia Amazonense de Letras e foi Vereador da cidade de Manaus. In: BITTENCOURT, Agnello. **Op. Cit.**

⁷⁵ LIMA, Nísia Trindade. Hochman, Gilberto. Pouca saúde, muita saúde, os males do Brasil são... Discurso médico-sanitário e interpretação do país. In: **Ciência e Saúde Coletiva** vol.5, nº 02, Rio de Janeiro, 2000.

Ficando nomeados para uma comissão que trataria da moléstia, os médicos: Miranda Leão⁷⁶, Galdino Ramos e Franco de Sá.

A decisão de expurgar os barcos vindos de Belém acabou ocasionando vários incidentes no comércio e na população. O comércio reclamava de que os barcos não vinham mais para Manaus e quando vinham, traziam produtos que abarrotavam a Praça de Belém por preços exorbitantes, uma vez que o comércio de Manaus, com a ausência diária dos barcos, era forçado a aceitar os preços dos produtos que aqui chegavam; a população também descontente com essa atitude começou a se opor, fazendo manifestações no porto para que os barcos procedentes do Pará não atrasassem.

Os jornais **Imparcial**⁷⁷ e **A Capital**⁷⁸ informavam motivos diferentes do motivo da população por não ter deixado os barcos atracarem no porto de Manaus. O primeiro Jornal destacava que os barcos de Belém não eram bem vindos em virtude dos comerciantes do Estado vizinho só quererem lucrar com o comércio do Amazonas e o segundo Jornal noticiava que a população temia a vinda dos barcos de Belém, pois acreditavam que estes viessem cheios de contaminados.

Em Manaus, a “Influenza” chegou, segundo pronunciamento⁷⁹ do Governador Pedro de Alcântara Barcelar⁸⁰, no dia 24 de outubro de 1918, através do vapor Valparaizo, com 17 enfermos atracando no porto do Igarapé do Educandos e com informações de que o local havia sido isolado e só seria liberado, após a constatação da benignidade da moléstia. Pronunciamento esse dissonante da imprensa do Amazonas. O jornal **A capital**⁸¹ de 22 de Outubro de 1918 informava que na cidade de Manaus já haviam sido registrados inúmeros casos de gripe e indicava também que o vapor Valparaizo trazia passageiros com a versão letal do vírus, e que um passageiro já havia morrido no porto de Parintins e dois estavam em

⁷⁶ João Coelho de Miranda Leão nasceu em Maués em 1869. Iniciou a faculdade de Medicina na Bahia, mas concluiu na faculdade do Rio de Janeiro. Ao chegar a Manaus, trabalhou como inspetor do serviço sanitário do estado. Trabalhou, também, no combate da febre amarela, quando assumiu a direção do serviço sanitário. Na política, assumiu o cargo de Superintendente do município de Manaus. In: SCHWEICKARDT, Julio Cesar. **Ciência, nação e região: as doenças tropicais e o saneamento no Estado do Amazonas (1890-1930)**.

⁷⁷ Ver o mês de outubro do jornal *Imparcial* de 1918.

⁷⁸ Verificar o mês de outubro do jornal *A Capital* de 1918.

⁷⁹ Mensagem lida perante a Assembleia Legislativa pelo Governador do Estado do Amazonas, a 10 de Julho de 1919. p.18.

⁸⁰ O governador Pedro de Alcântara Barcelar era médico, e havia sido eleito no dia 14 de julho de 1916, tomando posse no dia 1 de Janeiro de 1917. O Governador, antes havia sido o superintendente da cidade de Humaitá, com varias acusações sobre roubo ao erário publico e como o “homem que conduzia a população com arma em punho” (Jornal, a Lanceta de 1912). No dia da sua posse para Governador do Estado, a casa de seu vice foi invadida durante a madrugada, gerando um dos confrontos armados que eclodiram no começo do século XX. In: GAMA, Rosineide. FEITOSA. Orange. O Amazonas entre Conchavos e Confrontos (1910-1924). Pesquisa Probioc/Uninorte em 2007.

⁸¹ A Capital de 22 de outubro de 1918.

estado grave⁸². Segundo o jornal **Imparcial**, o mesmo vapor não sofreu expurgo, ficando a tripulação de primeira classe no porto do centro da cidade, e a de terceira classe no porto do Educandos, não tendo sido tomada nenhuma providência para o não desembarque dos viajantes e da tripulação.

É importante enfatizar que para a pesquisadora Adriana Goulart, alguns jornais e revistas de circulação no Rio de Janeiro informavam que a gripe Espanhola teria aparecido primeiramente na região norte do país, ou seja, entre Pará, Amazonas, Maranhão e em algumas partes do nordeste. Somente depois da infecção destes estados é que o mal teria se propagado para o Sudeste e Sul do país. Contudo, acreditamos que por se tratar de uma epidemia viral, dificilmente poderíamos compreender exatamente a sua entrada, quer fosse pelo norte ou pelo sudeste do país, dado o seu poder de infecção e de incubação.

No dia 29 de outubro, o Conselho Sanitário da cidade de Manaus se reuniu para discutir quais medidas a serem tomadas pelo Governo, pelos chefes de Clínicas e Hospitais, após a chegada do que chamou de “a verdadeira influenza”. Dentre as proibições, estavam: a comemoração do dia dos mortos, o fechamento de jogos desportivos e visitas aos hospitais. Foi nomeada, também, uma comissão a fim de tratar com as autoridades eclesiásticas sobre a realização ou não, das festas religiosas durante este período.

A gripe, ao aportar na região, encontrou na cidade uma crise financeira nos cofres do Estado, um sistema de saúde deficitário, conflitos nos grupos políticos e pobreza por todos os lados. A capital do Amazonas se encontrava a beira de um colapso tanto no sistema sanitário, quanto nas próprias estruturas do Estado. A população pobre da cidade estava à mercê da própria sorte.

Além do quadro pobreza e de fome, a população desfavorecida também tinha que se preocupar com o quadro de doenças que assolavam esses bairros e as péssimas condições das habitações insalubres em que moravam. Os jornais de oposição aproveitavam a situação desses bairros para cobrar do Governo maior empenho em relação aos Serviços Sanitários prestados à população, pois não seria de bom grado ter pessoas pobres e doentes espalhando seus males pela área central da cidade.

Mesmo informando a população de como evitar o contágio contra a gripe, a classe médica de Manaus continuava falando em entrevistas que esta gripe não era a mesma que estava devastando a Europa, consonante com os discursos médicos vindos por telegramas do

⁸² *Imparcial*, 25 de outubro de 1918.

país inteiro. No entanto, o quadro da cidade visto pelos jornais, era outro, ao se noticiar o alerta para a população como evitar a propagação da doença, de certa forma estava declarado que havia a doença na cidade.

Aos primeiros dias do mês de novembro, o número de vítimas aumentava assustadoramente. A Santa Casa de Misericórdia, o maior hospital da cidade, a partir do dia 02 de novembro começou a não mais aceitar “gripados ou qualquer outra doença infecto contagiosa, ou simplesmente em estado febril, sem prévio exame médico”⁸³. Críticas logo recaíram sobre o Estado, que o mesmo só fazia distribuir panfletos a população e não se preocupava em organizar hospitais de isolamento, e nem de buscar a cura.

Nenhuma medida de caráter urgente foi ainda tomada no interesse de todos, como por exemplo, o isolamento em prédios adequados, dos doentes-homens e mulheres atacados de influenza.

Recolhe-los, como até agora, ao hospital da Santa Casa de Misericórdia, é uma providência que não devendo ter sido tomada não pode ser mais agora adotada isto porque no presente não só o estabelecimento está com sua capacidade excedida, pelo acúmulo de doentes, como também, sete das irmãs de caridades que ali trabalham estão gripadas.⁸⁴

Mesmo com várias críticas aos serviços sanitários, esses fatos pareciam não gerar grandes inquietações. O médico Miranda Leão, no jornal⁸⁵ da situação⁸⁶, informava que o Governo estava tomando todas as providências, para a não propagação da gripe e que devido a “poucos clínicos da cidade terem enviado notificações para a repartição sanitária”, era limitada e restrita a “verdadeira Influenza” somente a alguns pontos da cidade e de que só pegavam “a verdadeira Influenza” aqueles que mais pegavam sol, pois o mesmo modificava as características da gripe comum. Pergunto: quem pegava mais sol na cidade, pois precisava trabalhar? É importante salientar que as sete irmãs de caridade da Santa Casa contraíram a Influenza por estarem trabalhando socorrendo os doentes e para isso tinham que manter contato direto com os infortunados.

Em outra matéria⁸⁷ no dia seguinte informava que só quem mais havia morrido até o momento, nesse início da epidemia, foram as pessoas pobres da cidade, “quase todas as pessoas sem recursos que o mal insidioso como é, cumpriu a sua missão desumana de ceifar vidas”. Contudo, o jornal da situação continuava noticiando que a epidemia já estava

⁸³ Imparcial, 02 de novembro de 1918.

⁸⁴ A Capital, 02 de Novembro de 1918.

⁸⁵ A Imprensa, 03 de Novembro de 1918.

⁸⁶ Entende-se por jornal da situação, o noticioso pertencente ao partido do governo vigente em 1918 na cidade de Manaus, ou seja, pertencente ao Governador do Estado e, conseqüentemente, a oligarquia Nery.

⁸⁷ A imprensa, 04 de Novembro de 1918.

declinando e que não havia motivos para pânico da população. Ainda assim, os casos de gripes aumentavam a cada dia. No dia 07 de novembro⁸⁸, estimava-se mais de mil infectados na cidade de Manaus.

Entretanto, as matérias sobre a gripe que desde sua aparição no Brasil, em meados de setembro, ocupavam as primeiras páginas dos jornais, já eram encontradas nas segundas páginas. De repente, falar da gripe já não era mais tão interessante ou, talvez, inconveniente.

Os discursos jornalísticos começaram a tomar outra conotação, se detendo em brigas e intrigas políticas às vésperas da eleição para a Assembleia Legislativa do Estado. A gripe, quando era mencionada, acabava sendo sempre um instrumento para as brigas entre os grupos políticos e as matérias eram unânimes em falar sobre o declínio da moléstia (até porque a maioria dos médicos envolvidos no tratamento da epidemia quer fosse da oposição, ou da situação, todos concorriam à vaga para a Assembleia Legislativa do Estado), assim os médicos e sanitaristas encontraram o apoio que precisavam quando se referia ao controle do Estado sobre a gripe.

Os esforços da elite médica em confirmar a não letalidade da gripe acabaram ganhando um grande respaldo de um estudo feito com os primeiros 50 casos que ocorreram com os membros da Real Força Aérea Inglesa, divulgado pelo “*The British Medical Journal*”⁸⁹, Esse estudo que foi divulgado na Inglaterra no dia 27 de Julho, só ganhou notoriedade aqui no mês de Novembro devido a aproximação da eleição para a Assembleia Legislativa, a pesquisa serviu exatamente para o respaldo que os médicos, as autoridades sanitária e política necessitavam para informar a população da benignidade da moléstia.

A deflagração, de fato, foi precedida por palavras tranquilizadoras das autoridades médicas com a fanfarronada de uma banda de música. *O Journal of the American Medical Association* opinou que as autoridades médicas não deviam se alarmar com o nome popular da gripe, “a gripe espanhola”. Tal denominação, escreveu o jornal, ‘não deve trazer maior importância à gripe, nem fazer surgir nenhum medo maior do que o que faria a gripe sem o novo nome’⁹⁰.

No estudo em questão, a moléstia aparecia como não maligna, só sendo maligna nos casos em que foram utilizados excesso de quinina. No mais, a gripe tinha uma evolução de três dias de febres, calafrios, fadiga, dor de cabeça, garganta e tosse seca, desaparecendo esses sintomas no decorrer do quarto e do quinto dia.

⁸⁸ Imparcial, 07 de Novembro de 1918.

⁸⁹ A Imprensa, 06 de Novembro e KOLATA, Gina. **Op. Cit.**

⁹⁰ KOLATA, Gina. **Gripe, a história da pandemia de 1918**. P.31

É importante notar que a quinina, a partir do início do século XIX, quando foi descoberta e extraída da casca *peruviana*⁹¹, era o principal medicamento utilizado pela medicina oficial. Adquiriu essa importância devido a resultados favoráveis contra algumas moléstias ainda no século XIX, vale ressaltar que a quinina apesar da importância dada pela medicina, se utilizada em excesso como foram em vários casos durante a epidemia, podia levar ao óbito, até porque a gripe espanhola se tratava de uma doença com sintomas completamente desconhecidos da medicina da época, e em nenhum aspecto se parecendo com uma gripe comum, sua mortalidade variou entre homens e mulheres de 20 a 40 anos, fato esse que não se comparava a uma gripe comum na época, que matava mais crianças e idosos⁹².

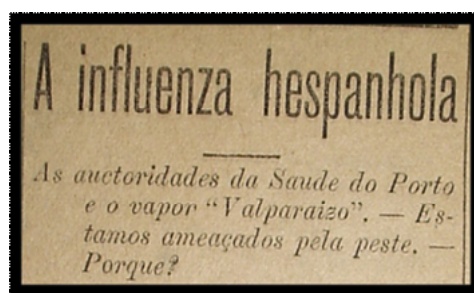
Os médicos de Manaus tomaram esse estudo como uma tábua de salvação para comprovarem sua tese de que a gripe, que estava em Manaus, não era letal e que a população que se encontrava com a moléstia não precisava se alarmar, pois com os dias, os sintomas iriam desaparecer. Enquanto isso, o Governo esperava sem tomar qualquer providência, uma etiologia⁹³ precisa sobre a moléstia e esperar o passar dos dias para que logo ocorressem às eleições no dia 15 de novembro e seus aliados se elegessem.

Figura 2

Marcha das Notícias da Gripe no “Jornal do Commercio”, “Imparcial” e “A Capital” no mês de Outubro de 1918.



Fonte: Jornal do Commercio, 25/10/1918.



Fonte: Imparcial, 25/10/1918.

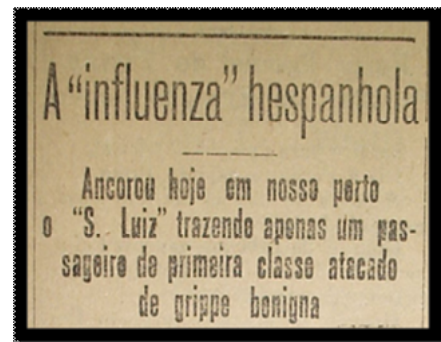
⁹¹ *Chincona officinalis* Importante planta medicinal, de onde originalmente foi extraída a quinina, que era utilizada para tratamento de febre e de malária. O conhecimento do tratamento dessa planta para essas doenças foi passado pelos índios aos Jesuítas no começo do século XVII, os quais disseminaram este produto por toda Europa. ver: Plantas medicinais do Instituto de biociência da USP. <http://www.ib.usp.br> (acessado em 20 de janeiro de 2011) e também BERTUCCI, Liane Maria. Op.cit.

⁹² Verificar Relatório da Sociedade Portuguesa Beneficente do Amazonas, Gerência de 1918. Typografia do Ca' e La'. Manaus-1919.

⁹³ Estudo das causas das doenças diretas ou predisponentes, do mecanismo de ação, a patogenia a origem e evolução da doença. In: Dicionário Medico Blakiston, editora Andrei, São Paulo, 1994.



Fonte: Jornal do Commercio, 27/10/1918.

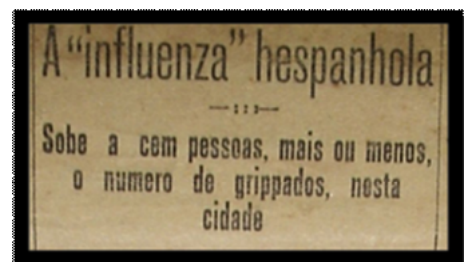


Fonte: Imparcial, 27/10/1918.

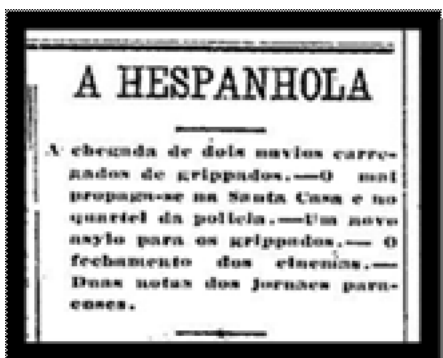
Marcha das Notícias da Gripe no "Jornal do Commercio", "Imparcial" e "A Capital" no mês de Novembro de 1918



Fonte: Jornal do Commercio, 01/11/1918.



Fonte: Imparcial, 01/11/1918.



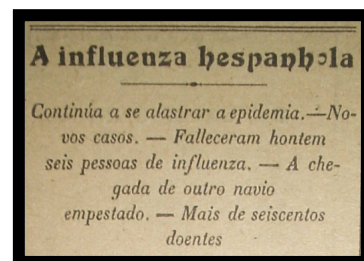
Fonte: Jornal do Commercio, 03/11/1918.



Fonte: Imparcial, 03/11/1918.



Fonte: Jornal do Commercio, 06/11/1918.



Fonte: A Capital, 06/11/1918.



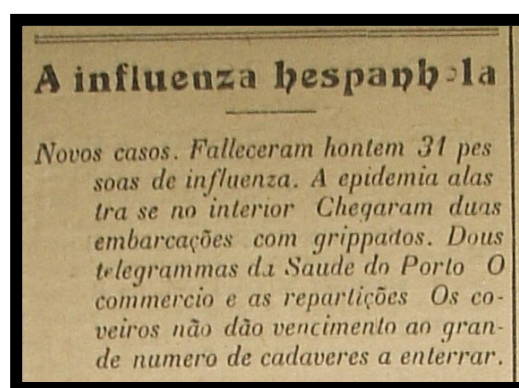
Fonte: Jornal do Commercio, 11/11/1918.



Fonte: Jornal do Commercio, 14/11/1918.



Fonte: Jornal do Commercio, 17/11/1918.



Fonte: A Capital, 14/11/1918.

Ao primeiro anúncio da epidemia na cidade, denotamos toda uma problemática política ao se anunciar, ou não, a epidemia, tanto que nas documentações há uma espécie de diminuição sobre o impacto da epidemia na cidade de Manaus. Na mensagem lida perante a Assembleia⁹⁴, o Governador mencionava em cinco folhas que todas as medidas contra gripe espanhola foram tomadas, tanto em nível preventivo quanto no decorrer da epidemia, havendo suspensão de várias atividades (colegiais, industriais e de lazer) e com a instalação de postos de saúdes.

Analisando os procedimentos da Intendência Municipal diante da epidemia, notamos várias contradições sobre a origem da doença e sobre sua letalidade bem como as atividades propostas pela administração, e pelo que era noticiado nos jornais. Com as várias notícias vinculadas pela imprensa nacional e internacional sobre a gripe espanhola e sua eminente

⁹⁴ Mensagem lida perante a Assembleia Legislativa na Abertura da primeira sessão ordinária da décima Legislatura pelo Governador do Estado do Amazonas, a 10 de Julho de 1919.

aparição no território brasileiro, percebemos um despreparo de ações de ordem administrativa da Intendência da cidade de Manaus com a chegada da epidemia. Não houve preparação de hospitais de isolamento, nem de postos de assistência de socorro aos que chegavam em barcos infectados e aos próprios doentes já acometidos da doença na cidade.

Quando foi tomada uma ação por parte da administração pública, em fechar atividades comerciais e instalar postos de saúde, a cidade já estava tomada pelo caos e essas faltas de medidas governamentais foram logo sentidas e rapidamente se instalava na cidade uma sensação de desamparo diante da morosidade, ou como os jornais informavam, diante da “inércia do governo”. Esta ausência do poder público, durante a epidemia, foi muito caracterizada pelos irônicos artigos e editoriais dos jornais de oposição, que já registravam as paralisações do comércio e um número menor de pessoas circulando na cidade.

Os jornais de oposição⁹⁵, até início de novembro, tinham todas as suas atenções voltadas para a epidemia e a falta de salubridade na cidade, com denúncias constantes. Contudo, esses discursos mudaram, após o início de Novembro, onde nos lugares da primeira página falando sobre a gripe, eram impressas notícias sobre as eleições e os “apelos” para conseguirem votos para a imprensa coligada (jornais de oposição) e os jornais da situação pedindo votos para as suas chapas, ficando as notícias sobre a gripe legadas as terceiras e quartas páginas dos jornais.

Mas esse cenário mudou após o dia 15 de Novembro, as tentativas de se esconder a epidemia não surtiriam mais efeitos. Os discursos médicos da não letalidade da gripe não seriam mais aceitos. Os jornais iriam ser mais críticos. As feições da cidade mudaram drasticamente, o pânico e o medo tomariam conta da população e do cotidiano da cidade.

1.3 – A REPRESENTAÇÃO DO PODER EM MANAUS E O USO POLÍTICO DA GRIPE ESPANHOLA

Nos tópicos anteriores analisamos as estruturas do serviço sanitário da capital do Amazonas e como essa estrutura estava, tanto quanto na eminência da doença, quanto na chegada da enfermidade na capital. Nesse tópico observaremos os diversos usos políticos da

⁹⁵ Os jornais de oposição ao Governo de 1918, de Alcântara Barcellar, eram noticiosos pertencentes a outros grupos políticos e seguiam a linha de denunciar qualquer irregularidade do governo vigente. Eram eles: Gazeta da Tarde, Jornal do Commercio, A Capital e o Imparcial.

epidemia de gripe espanhola feito por estes grupos que se digladiavam na arena do poder manauense.

No início do século XX, não era possível dissociar os profissionais da medicina com as aspirações políticas, pois eram os médicos, intelectuais e cientistas da época que não só planejavam a cidade, como criavam e aplicavam as leis em nome de um bem coletivo.

Em Manaus, a configuração do poder se dava mediada pelos médicos-políticos que exerciam suas práticas tanto de saneamento ao meio quanto da própria ideia de modernidade. Nomes como Alfredo da Matta, Miranda Leão, Jorge de Moraes e Adriano Jorge estavam envolvidos nos projetos da cidade, tanto dentro da área de saúde e das práticas científicas, quanto dentro da área da política. Muitos desses personagens exerciam seus poderes nas matérias que escreviam diariamente nos seus respectivos órgãos de imprensa.

1.3.1– A REPRESENTAÇÃO DO PODER NA CIDADE DE MANAUS

O início da República no Brasil foi marcada pelas oligarquias fechadas, isto é, uma minoria fechada dentro do poder, onde era comum não obedecer as leis e a Constituição. Com a concentração de poder nas oligarquias, ficava muito mais fácil fraudar eleições, manusear votos e principalmente controlar a divulgação de informação dos meios de comunicação para eleger os protegidos dos grupos políticos.

Na capital do Amazonas o cenário não era diferente, os grupos políticos tratavam de costurar acordos e fazer conchavos para fortificar politicamente seus interesses e assuntos, com o intuito de permanecer no poder local, utilizando-se dos meios de comunicação (jornais), que eram na maioria pertencentes a esses grupos e a seus respectivos partidos para deflagrar disputas políticas, defender-se, ameaçar, tecer acusações, denegrir a imagem dos oponentes e/ou derrotá-los⁹⁶.

A mudança da Monarquia para República pouco modificou as feições da cidade, visto que uma das oligarquias mais importantes de Manaus, a família Nery, concentrava o poder ainda mesmo na Monarquia. Essa família estabeleceu o poder passando os cargos entre irmãos, compadres e agregados políticos.

⁹⁶ FEITOSA, Orange. GAMA, Rosineide. O Amazonas entre Conchavos e Confrontos (1910-1924). Revista Universo, Ano 3, nº 11, 2007.

A partir de julho de 1900, Silvério Jose Nery assumiu o Governo do Amazonas até 1903. Assumindo, depois, várias legislaturas; de Deputado Estadual e Federal até chegar ao cargo de Senador da República. Durante seu mandato, foi criado o laboratório de análises químicas, bromotológicas e toxicológicas. Deixou seu cargo de Governador para seu irmão Constantino Nery⁹⁷ que ficou no poder de 1904 a 1907, sendo seu vice-governador Antonio Clemente Bittencourt.

Em seu governo, Constantino Nery arborizou a cidade, construiu a penitenciária, a biblioteca pública, o Leprosário de Paricatuba e a estrada que tem seu nome e alcançava a região de Flores (região essa que foi extremamente afetada em 1918 pela gripe). Durante seu governo, Manaus teve muitas construções de aterramento e desaterramento.

Diante de tantas acusações de roubo ao Erário público, Constantino Nery adoeceu e renunciou ao cargo. Nesse íterim, seu vice achou o momento ideal para romper com o grupo dos Nery e ensinar a sua própria, começando aí a maldição dos vices governadores na política do Amazonas no início do século XX⁹⁸. O vice de Constantino Nery, Antonio Bittencourt, renunciou também ao mandato alegando doença, podendo se eleger na próxima sucessão governamental, fato esse que aconteceu em 1909 tendo como seu vice Antonio Gonçalves de Sá Peixoto.

A partir das eleições de 1909, a cidade de Manaus dividiu-se entre as oligarquias da família Nery e a do então Governador Antonio Bittencourt. Essas duas oligarquias começaram a se confrontar nos seus órgãos de imprensa e de partido, dividindo-se entre “Bittencouristas” e “Silveristas”. Nesse contexto político acontecia, também, uma ruptura no interior da própria administração vigente, pois o Governador ao assumir sua posição contra os Nery, fez com que seu vice assumisse sua posição Silverista, criando assim uma dicotomia dentro do poder Executivo.

Os confrontos verbais através dos órgãos de imprensa tornaram-se cada vez mais ferinos entre as oligarquias, os partidos políticos começaram a se digladiar, tornando as ofensas públicas mais arraigadas e girando em torno de depreciações pessoais. Durante a

⁹⁷ Destacamos que a “Lei Magna” proibia a sucessão governamental entre irmãos e parentes próximos. Entretanto, isso não impediu que Constantino Nery assumisse o governo, visto que Silvério Nery na tentativa de burlar a lei renunciou o cargo de governador antes do final do mandato, evitando assim a proibição legal da sucessão.

⁹⁸ Em nossa pesquisa foi possível notar que em Manaus, desde o fim da Monarquia, acabou ficando dividida, politicamente, entre dois grupos; os adeptos da família Nery e os que se colocavam contra este grupo. É importante ressaltar que todos que se voltavam contra os Nery, de certa forma já haviam pertencido a ela. Utilizamos o termo “maldição dos vices” porque observamos que, no início do século XX, todos os Vices Governadores, a partir de 1904, se voltaram contra os Governadores. Constantino Nery (Governador), Antonio Bittencourt (Vice); Antonio Bittencourt (Governador), Sá Peixoto (Vice); Jonathas Pedrosa (Governador), Guerreiro Antony (Vice).

convenção do Partido Republicano Federal, ocorrida em 11 de fevereiro de 1910, o Senador Silvério Nery foi retirado da liderança do Partido, considerando isso como uma traição por parte de Antonio Bittencourt, segundo o jornal **Folha do Amazonas**⁹⁹.

A crise da economia da exportação de borracha, que de certa forma vinha se consolidando aos poucos, incitou as cisões dos partidos políticos, desencadeando uma crise política que culminou com o bombardeio da cidade de Manaus no dia 08 de outubro de 1910, transformando a cidade num palco de horrores pela disputa do poder entre as duas oligarquias mais fortes existentes. Notamos que na medida em que a República começava a se consolidar, as forças políticas que a haviam promovido começaram a dividir-se profunda e irremediavelmente e Manaus não estava distante deste quadro.

Observamos que o cenário político, em 1910, era completamente instável devido aos conflitos políticos que eram caracterizados por ações políticas violentas, rede de intrigas, dissensões políticas, fraudes eleitorais, abuso da máquina estatal e o poder da imprensa em forjar os salvadores e os bandidos da pátria. Conjuntura essa que acabou conduzindo a confrontos armados, dentre eles a do bombardeio da cidade de Manaus, citado acima, onde a oligarquia liderada por Silvério Nery e auxiliada pelas forças de terra e mar, bombardearam a capital do Amazonas para depor o Governador Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt, por este ter infringido o artigo 43 e 44 da Constituição do Amazonas¹⁰⁰.

O episódio do bombardeio em Manaus deu resultado às avessas, pois contribuiu para fortalecer ainda mais a oligarquia que pretendiam enfraquecer. Após o bombardeio à cidade para a deposição do Governador, assumiu o cargo seu vice Sá Peixoto de 08 a 28 de Outubro de 1910. Durante esse período de vinte dias, a cidade permaneceu em estado de sítio e palco de acusações nos jornais partidários. Antonio Bittencourt retornou ao cargo no dia 31 de outubro de 1910 via impetração de *Habeas Corpus*, quando foi novamente deposto pelas forças policiais no final de seu mandato.

⁹⁹ Jornal Folha do Amazonas, 21 de setembro de 1910.

¹⁰⁰ Ver **Constituições 1910-1926**. Manaus: Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas, 2002. Conforme Art. 43 – O governador não poderá exercer nenhum outro emprego ou função pública, ocupar qualquer cargo de eleição do Estado ou da União, nem tomar parte em qualquer empresa industrial ou comercial, como membro da administração ou como simples associado.

§ Único – Ao vice-governador e a seu substituto em exercício do cargo de Governador será imposta a mesma proibição.

Art. 44 – O governador deixará o exercício de suas funções improrrogavelmente no mesmo dia em que expirar o período de seu mandato, sucedo-lhe o recém-eleito e, na falta ou impedimento deste, o substituto legal nos termos do artigo 39 e seu parágrafo.

Esses conflitos políticos reverberaram na capital da República, onde ocorria, em 1910, uma das maiores campanhas presidenciais: de um lado liderado pelo candidato Hermes da Fonseca e, do outro lado, Rui Barbosa, que encetou intensiva campanha contra os militares¹⁰¹. Não nos deteremos ao bombardeio, pois não é esse nosso objetivo. Contudo, é importante notarmos que até 1918 esses conflitos políticos e armados no estado do Amazonas permaneceram ora em maior, ora em menor intensidade.

O primeiro Superintendente¹⁰² municipal de Manaus eleito pelo voto direto foi Jorge de Moraes, médico nascido em Manaus e formado na Faculdade de medicina da Bahia; vitorioso nas eleições municipais de 20 de dezembro de 1910. O médico renunciou o mandato de Senador da República, que exercia desde 1909, para assumir a Superintendência Municipal de Manaus. Governou o município de 10 de janeiro de 1911 a 31 de dezembro de 1913.

Os embates políticos de 1910 resultaram em enormes conflitos internos no Partido Republicano Federal (PRF), uma vez que nesse contexto haviam os políticos em favor de Antonio Bittencourt e os que apoiavam o senador Silvério Nery. Esses conflitos internos do PRF ocasionaram uma divisão no partido, o que acabou provocando a criação de um novo, o Partido Republicano Conservador, comandado por Silvério Nery, ficando o comando do Partido Republicano Federal sob a chefia de Antonio Bittencourt e Monteiro de Souza.

Assumiu o Governo em 1913 Jonathas Pedrosa e, como a maldição do vice continuava, ele não sossegou no cargo devido a oposição que manifestou o seu vice-governador Guerreiro Antony, fundador do “jornal O Liberal”¹⁰³ que publicou artigos criticando o Governador, por fim chegou a liderar um levante em junho, apoiado pela forças da Polícia Militar. Em outubro, a Reforma da Constituição de 1910 através do artigo 31 que revogava o artigo 39¹⁰⁴, retirando do cargo e conseqüentemente do poder, o vice-governador do Amazonas o coronel Guerreiro Antony.

¹⁰¹ SILVA, Marcos A. da Silva. **Contra a chibata**: marinheiros brasileiros em 1910. Editora Brasiliense. São Paulo, 1982. Pág.28.

¹⁰² A quinta Constituição do Estado do Amazonas, promulgada em 21 de março de 1910, determinou (art. 98), que o Superintendente e a Intendência fossem “*eleitos pelo Município, mediante suffragio directo, de tres em tres annos, respeitado o processo eleitoral do Estado, não podendo os superintendentes serem reeleitos para o triennio seguinte, ainda que não tenham servido até a expiração do mandato.*” O mandamento da eleição direta para a Superintendência e a Intendência Municipal foi mantido pela sexta Constituição Estadual, promulgada em 20 de outubro de 1913 (art. 86).

¹⁰³ ANTONACCIO, Gaitano L. P. **Políticos influentes no Amazonas (1889 a 2005)**. Manaus: imprensa Oficial do Amazonas, 2006. p. 226.

¹⁰⁴ A Constituição de 1913 no Art. 31 estabelecia – “Substitui o Governador em suas faltas ou impedimentos: 1º. O presidente da Assembléa Legislativa. 2º. O vice-presidente da mesma Assembléa. 3º. O presidente do Superior Tribunal de Justiça”, diferentemente do Art. 39 da Constituição de 1910 que estabelecia que o vice

Em 1918, a eleição conduziu ao governo Pedro de Alcântara Barcellar (1916-1920) que entrou no Palácio do governo com apoio de Silvério Nery e das forças federais. A imprensa local não cansava de criticar a dualidade do Legislativo e a inoperância do Judiciário. Pedro de Alcântara Barcellar, Governador do Amazonas durante o período epidêmico, formou-se em medicina na Bahia e mudou-se para cidade de Humaitá em 1905, atuou na medicina e foi o Superintendente da cidade. Segundo o jornal “**Lanceta**” de 1912, era o “homem que conduzia a população de Humaitá com arma em punho”.

Durante as duas primeiras décadas do século XX, notamos a enorme influência da oligarquia Nery no Amazonas e principalmente na cidade de Manaus, notamos também que esses confrontos políticos armados e verbais se deram sempre próximos as sucessões governamentais e as candidaturas para o poder Legislativo e Executivo. Ressaltamos que esses confrontos verbais, que se davam através dos respectivos órgãos de imprensa dos partidos, influenciavam o comportamento do leitor, que já estava vivendo em uma atmosfera tensa graças a esses confrontos.

É importante destacar que os jornais partidários e até os que não se intitulavam partidários, divulgavam suas opiniões exatamente para conquistarem simpatizantes e notamos que para imprensa partidária, bem como para os políticos, a ideia não era de neutralidade, pelo contrário o jornal era o meio que eles tinham para divulgar suas críticas e “vender” seus candidatos. Portanto, o jornal omitir sua filiação partidária seria o mesmo que mostrar indiferença e essa não era a ideia a ser alcançada, até porque para eles (jornalistas/partidários) seria colocar em risco a sua função enunciativa, a de fazer crer (Maurice Moulland), no caso o do ser fiscalizante e conscientizador da sociedade.

Notamos que em períodos tensos como crises e sucessões, era comum os órgãos de imprensa se digladiarem, os da situação sempre tentando mostrar um quadro de estabilidade e os de oposição tentando sempre desacreditar o poder vigente. Quando a Gripe Espanhola aportou na cidade houve um silêncio por parte dos órgãos oficiais de imprensa, diferente dos órgãos de oposição que aproveitaram o momento para divulgar a deficiência do estado sanitário, a miséria que se alastrava e as inúmeras contaminações por doenças tropicais que atingiam a população. Esse momento de embate durou mais ou menos até os meses que precederam as eleições para a Câmara dos deputados entre agosto e setembro de 1918.

Nos meses que antecederam as eleições para a Assembleia Estadual, no dia 15 de novembro, os jornais de situação e de oposição só mencionavam as eleições e as propagandas de seus candidatos. A gripe acabou sendo tratada como algo distante e sem preocupação, somente os jornais de pouca divulgação mencionavam a Gripe Espanhola na cidade. Contudo, após o dia 15, dia da Eleição, os discursos jornalísticos tomaram outra conotação. O silêncio que foi feito acerca da doença nas páginas dos jornais até o dia da eleição, não puderam mais ser silenciados¹⁰⁵.

1.3.2 – O USO POLÍTICO DA GRIPE ESPANHOLA

Havia na cidade de Manaus dois grupos políticos que se digladiavam pelo poder: a tradicional, liderada por Silvério Nery, que já vinha desde o início do século XX se configurando e se transformando para se manter no poder e as de oposição, pois conforme aconteciam as novas eleições governamentais, surgiam um nome forte contra oligarquia Nery. Nomes como: Bittencourt, Guerreiro Antony e Antonio Monteiro (todos pertencentes antes a oligarquia Nery). Os jornais¹⁰⁶ tornaram-se o centro desses conflitos para deposição, difamação, reclamação e particularmente, para colocar em xeque a administração municipal e Estadual.

As intensas crises políticas que se desencadearam em Manaus, deixaram uma atmosfera de instabilidade e foi neste cenário incerto que aportou na cidade a Gripe Espanhola.

Notícias sobre a Gripe Espanhola chegavam à Manaus sempre através das fontes jornalísticas e de telegramas de outras cidades, noticiando que em meio às trincheiras da I Guerra Mundial surgia uma epidemia completamente desconhecida, a doença que aparecia em notas pequenas da guerra, começou a tomar mais espaço na mídia, conforme a quantidade de mortos, deixados por ela, aumentava.

¹⁰⁵ Notamos que esse silêncio pode ser mais revelador do que a fala evidente, porque quando vasculhamos os silêncios do discurso jornalísticos ele acaba se mostrando muito mais revelado. Esses silêncios para Nilda Jacks podem ser identificados quando o veículo veta determinadas fontes, tirando-as dos espaços de opinião, ou quando o editorial determina a evidência ou o ostracismo de pessoas, ideias ou movimentos. IN: JACKS, Nilda. **A Representação da Argentina e dos Argentinos na Imprensa do Sul do Brasil**. Porto Alegre, núcleo de pesquisa cultura e recepção mediática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

¹⁰⁶ Os jornais, aqui mencionados, são os cinco jornais de maior circulação no Estado do Amazonas em 1918. Eram: Gazeta da Tarde, A Imprensa, A Capital, O Jornal do Commercio e Imparcial.

Neste momento, os interesses estavam se voltando para essa epidemia e de como o Estado do Amazonas poderia “recebê-la” sem grandes transtornos ao Estado ou a população. Foi em meio a esses discursos que as oligarquias, querendo tomar o poder, acharam o momento chave para destacarem o estado de abandono que a cidade se encontrava em seu quadro sanitário. Questões sobre esgotos, lixo e a fome que reinavam principalmente entre a população menos favorecida, eram constantemente utilizadas pela oposição para desacreditar o governo vigente, ressaltando que nada estava sendo feito, mesmo com a imprensa denunciando há um tempo a chegada da epidemia¹⁰⁷.

Os jornais de oposição, notando o interesse do leitor pela epidemia, começaram então, a partir de meados de setembro, a colocar as informações sobre a gripe nas primeiras páginas dos jornais. A imprensa oficial¹⁰⁸ começou a noticiar a entrada da epidemia dia 24 de Outubro, diferente da imprensa jornalística de oposição que já destacava seu aparecimento no início de Outubro. Discursos divergentes sobre a entrada da gripe permearam nos jornais de oposição durante o início da epidemia. Enquanto o jornal de oposição **Imparcial**¹⁰⁹, no dia 24 de Outubro, denunciava em editorial que os vapores Lloyd Brasileiro não estavam mais atracando em Manaus devido o receio de carregar enfermos, o Jornal da situação, **A Imprensa**¹¹⁰, informava que todas as medidas foram tomadas para que se o mal viesse à capital, tudo seria controlado, ressaltando ainda que a moléstia não havia aportado na cidade.

As notícias sobre a entrada da doença na cidade colocaram os discursos jornalísticos de oposição mais acirrados quanto às ações tomadas pelo Governo. Tanto o jornal **Imparcial** e **A Capital**¹¹¹ distribuía acusações sobre a inércia do Estado frente à doença, relatando que

¹⁰⁷ **Imparcial**, 22 de Outubro de 1918. **A Capital**, 11 de Outubro de 1918.

¹⁰⁸ Era o jornal **A Imprensa** que circulava com informações oficiais do Governo, sendo Órgão do Partido Amazonense, o mesmo da oligarquia Nery.

¹⁰⁹ **Imparcial** era um dos jornais de maior circulação no Estado do Amazonas, com tiragens diárias e circulação vespertina. Seu diretor era Antonino Correa que tinha um acordo com os outros jornais (**Do Commercio**, **A Capital**, **Gazeta da Tarde**) para a criação de uma “imprensa Coligada” a fim de apoiar alguns candidatos para a Assembleia legislativa do Estado, na tentativa de que esses pudessem “rever a lei eleitoral”. Este jornal, mesmo tendo somente um ano de circulação, já tentava se articular com os grandes jornais da cidade. Suas matérias tinham cunhos políticos-sociais, sempre enfatizando as péssimas condições do serviço sanitário do Estado do Amazonas.

¹¹⁰ **A Imprensa** era o jornal da situação, pertencente ao Partido Republicano Amazonense, seu diretor político era Alfredo da Matta que tinha uma coluna diária. Era um dos jornais de maior circulação no Estado do Amazonas, com notícias diárias sobre o partido e as intrigas políticas. Sua entrada no cenário jornalístico se deu no final do ano de 1914, momento chave e determinante, para os conflitos políticos que aconteceram nos anos de 1916 e 17.

¹¹¹ **A Capital** também fazia parte da “imprensa Coligada”, no seu segundo ano de circulação na cidade, com tiragens diárias, o jornal mantinha notícias sobre a miséria, as eleições e a guerra, seu Diretor era Epaminondas de Albuquerque que concorria a um dos cargos para Assembleia Legislativa, era um dos jornais que junto com o **Jornal do Commercio** e **Gazeta da Tarde**, travavam lutas verbais de oposição direta ao governo estadual ou a oligarquia Nery.

a gripe se manifestava lentamente pela cidade e sem as medidas urgentes e necessárias, ela provavelmente irromperia com extrema violência.

Com a entrada da embarcação Valparaizo na cidade trazendo os primeiros casos do que os médicos chamavam de “a verdadeira gripe espanhola”, os jornais de oposição trataram de denunciar o descaso com esse vapor e com os tripulantes que aportaram na cidade sem serem isolados¹¹².

Com a chegada de outras embarcações trazendo maiores números de infectados, as acusações pioraram, visto que, segundo esses jornais, o Governo não impedia a circulação dessas pessoas pela cidade, o que causava bastante transtorno entre os transeuntes da localidade. Para além das acusações sobre a liberação dos infectados, o jornal **Imparcial** denunciava o mau estado que se encontrava o estado sanitário de Manaus, com o péssimo serviço de limpeza urbana acompanhado do mau cheiro que o lixo deixava, principalmente nas ruas do Centro e nas praças da cidade, fazendo uma crítica direta ao Superintendente e ao médico Adriano Jorge, ambos encarregados da higiene da cidade¹¹³.

A crítica a Adriano Jorge se deu porque em uma entrevista ao mesmo jornal do dia 22, o médico ao ser perguntado sobre a iminência da Gripe Espanhola em Manaus, reforçou a ideia da Superintendência, destacando que a cidade estava preparada caso a epidemia gripal viesse, elogiando também o estado sanitário da cidade. O jornal **A Capital** destacava que competia a Higiene da cidade agir o mais rápido possível, visto que os casos de gripes começavam a se alastrar com maior intensidade principalmente nos lugares onde havia maior aglomerado de pessoas como os quartéis, escolas e os hospitais, visto que entre estes locais já haviam mais de 300 infectados pela doença, considerando somente os casos noticiados pela imprensa.

Na mesma entrevista concedida ao jornal **Imparcial**, o médico Jorge Moraes, também um dos supervisores da comissão de saneamento e higiene do Estado, riu da pergunta feita pelo jornalista sobre a Gripe Espanhola, ressaltando que essa gripe implantada na imprensa não passava de invenção da oposição.

De repente, a partir do início do mês de novembro, as notícias sobre a Gripe Espanhola, que até então estavam nas primeiras páginas dos jornais da situação e de oposição,

¹¹² *Imparcial*, 25 de Outubro de 1918.

¹¹³ *Idem*, 27 de outubro de 1918.

foram relegadas às notícias de segunda página o que nos fez perguntar o porquê deste silêncio ou transferência da postura do leitor.

A gripe continuava sendo informada, contudo, de uma forma mais branda e menos dramática nas páginas seguintes dos jornais. O que chamava a atenção agora nas primeiras páginas eram as disputas pelas eleições da Assembleia Legislativa do Estado que ocorreria no dia 15 de Novembro. Devido a esse evento político, os jornais de oposição criaram uma chapa intitulada a “Imprensa Coligada” onde lançariam juntas os candidatos que concorriam às vagas. Faziam parte dessa imprensa coligada os jornais: **A capital**, **Jornal do Commercio**, **Gazeta da Tarde** e **Imparcial**, diante desse novo objetivo, os jornais passaram a divulgar somente notícias sobre os candidatos para a eleição.

Os candidatos da Imprensa Coligada eram do grupo de Bittencourt/Guerreiro todos de oposição à oligarquia Nery. Os nomes que foram lançados por essa chapa eram bastante ecléticos, pois era composta desde Jornalistas a Coronéis. Os nomes mais indicados pelos jornais foram os de Antonio Bittencourt, Aggêo da Costa Ramos, Luiz de Miranda Corrêa e Bernardo da Silva Ramos. O Partido Republicano Amazonense, da “Situação”, lançou seus candidatos, na maioria médicos, para concorrerem ao cargo legislativo, eram eles: Alfredo da Matta, Virgílio Ramos e Astrolabio Passos, os mais cotados.

No início do mês de Novembro, os editoriais e notas da imprensa manauense só continham matérias sobre as disputas eleitorais, na maioria, cheias de ofensas de cunho pessoal. Nesse momento, a gripe quando aparecia nos jornais estava estampada em pequenas notas. O jornal **A Capital** denunciava que os bairros pobres da cidade eram os mais atingidos pela gripe¹¹⁴. O jornal **Imparcial**, no dia 09, noticiava que a gripe parecia estar diminuindo, noticiando que haviam dado entrada com a doença, naquele dia, 257 novos casos¹¹⁵. Contudo, no dia 11 de novembro o mesmo jornal já registrava um enorme aumento na quantidade de mortos pela doença, quase todas, pessoas sem recursos.

O jornal **A Capital**, em nota do dia 10 de novembro, informava que existiam mais de 2.000 casos de gripe relatados oficialmente na cidade de Manaus. No dia 13, a matéria do **Imparcial** destacava casos fatais somente na população pobre dos arredores do Centro da cidade e faz uma crítica a credence popular que estaria colocando a epidemia no patamar de um “espantalho vesgo”, ou seja, em um mostro inominável, pedindo calma a população.

¹¹⁴ A capital, 05 de novembro de 1918.

¹¹⁵ Imparcial, 09 de novembro de 1918.

Um dia antes da eleição do dia 15, o jornal fez uma dura crítica com a matéria intitulada “*com a Superintendência*”, expondo a situação de cadáveres insepultos que estavam no cemitério São João, pedindo ao Superintendente que tivesse sentimentos humanitários com aquela situação.

A cidade de Manaus encontrava-se quase completamente paralisada e nesse contexto, o cemitério São João, que se encontrava sobrecarregado pela enorme quantidade de mortos a serem sepultados todos os dias, foi impedido por uma greve de coveiros de uma empresa contratada pela Superintendência de Manaus para enterrar os mortos durante o mandato do superintendente Ayres de Almeida.

As reclamações dos trabalhadores da empresa eram o excesso de trabalho todos os dias após o início da epidemia e o medo do contágio da doença. Só para citar um exemplo, antes da epidemia o registro de mortos no cemitério era de no máximo cinco corpos por dia e em dias anormais, (nos casos das epidemias de febre amarela e malária) no máximo seriam de 10 corpos. Contudo, após o início da epidemia de gripe os coveiros passaram a enterrar em média 40 corpos por dia. Dados demonstram que em um dia chegaram a ser enterrados mais de 80 cadáveres. Portanto, ficou difícil para a empresa contratada manter os funcionários trabalhando até de madrugada para enterrarem os corpos¹¹⁶.

A partir da greve feita pelos coveiros e a Intendência Municipal não ter feito um acordo¹¹⁷, os serviços foram paralisados ficando para mais de 40 corpos esperando serem enterrados¹¹⁸.

É mesmo de terror a atitude dos coveiros daquele cemitério, mas ao que parece de terror injustificável, desde que se tenha em conta o compromisso que estabeleceram com a superintendência, apossando-se das funções á alçada do mesmo cargo. Para desconsolo da maior da nossa população e descrédito dos responsáveis pelo serviço sanitário da cidade¹¹⁹.

¹¹⁶ Verificar os obituários do Jornal do Commercio, e os jornais que divulgavam as notícias da quantidade dos mortos: Imparcial e A capital.

¹¹⁷ Claudio Bertolli, ao analisar as ações da prefeitura durante a epidemia em São Paulo e mais especificadamente nos cemitérios, destacou que os coveiros paulistanos durante a espanhola também ficaram sobrecarregados e ensaiaram uma greve, contudo, o prefeito tratou logo de fazer um acordo, em razão desse acordo os salários dos coveiros subiam conforme a quantidade de mortos e o contingente de trabalhadores passou de 47 a 896, durante o surto. In; Bertolli pag. 146.

¹¹⁸ Jornal do Commercio, 17 de Novembro de 1918.

¹¹⁹ Imparcial, 16 de Novembro de 1918.

Com a greve dos coveiros e conseqüentemente as denúncias de cadáveres insepultos pela falta de trabalhadores para enterrá-los, a medida tomada pelo Governador e pelo comando da força policial foi de colocar os praças policiais para cavarem as valas para sepultar os mortos¹²⁰. No entanto, ficava a questão de quem iria colocar os corpos nas valas. Sendo que esse processo era considerado o mais perigoso de todos, pois possibilitava o contato direto com os corpos em avançado estado de putrefação. Como solução, os presos que acabavam de ser detidos nas delegacias, ou os que já estavam cumprindo pena na penitenciária¹²¹, foram obrigados a enterrarem os corpos insepultos. Essa situação durou até o final de dezembro quando o número de cadáveres foi diminuindo.

O jornal da situação, durante esse início do mês de novembro, se defendia das acusações dos jornais de oposição sobre o descaso com a epidemia e o estado sanitário da saúde pública da urbe, dizendo que o Estado havia aplicado o socorro necessário que a população precisava¹²².

Diante do caos que começou a dominar na cidade e das inúmeras críticas que o Governo Estadual estava sofrendo, foi criado no dia 17 de novembro um Comitê de Salvação Pública. A criação desses postos de assistência à população carente se deu com muito “glamour” político por parte das autoridades, no intuito de demonstrar que o governo estava agindo contra a epidemia.

Este comitê foi dirigido pelo Governador, pela Associação Comercial do Amazonas e pelo Clero Amazonense. Tinha como intuito criar postos de assistência durante a epidemia¹²³, distribuídos em seis distritos na cidade onde seriam doados medicamentos, alimentos e para quem não tinham onde dormir e havia contraído a epidemia, seria considerado o lugar de repouso. Esses postos não deixavam de serem hospitais ambulantes distribuídos na cidade ficando estabelecidos dessa forma:

- 1.º) No Boulevard com a Duque de Caxias e na Manicoré em direção ao igarapé da Cachoeirinha, ficando nesse distrito dois postos, um no Boulevard e outro na avenida Itacoatiara;
- 2.º) Da Manicoré com a Duque de Caxias, também contando com dois postos, uma na rua Duque de Caxias e outro na avenida Humaitá;
- 3.º) Vila Municipal com a avenida Apurinã e Leonardo Malcher com a Duque de Caxias, com dois postos, um no reservatório do Mocó e outro na Japurá;

¹²⁰ Mensagem lida pelo Governador à Assembleia Legislativa na abertura da primeira sessão ordinária, 1919. p. 21.

¹²¹ Verificar: o jornal Imparcial dos dias 16-17-18-19 de novembro de 1918.

¹²² A Imprensa, 03 de Dezembro de 1918.

¹²³ A Capital, Imparcial, A Imprensa e Gazeta da Tarde.

- 4.º) Na Leonardo Malcher com a Joaquim Nabuco e Municipal com a duque de Caxias, com dois postos um na Leonardo Malcher e outro na Major Gabriel;
- 5.º) No Boulevard com a Constantino Nery e da Leonardo Malcher com a Avenida Apurinã, com dois postos um no Boulevard e o outro na Leonardo Malcher;
- 6.º) Leonardo Malcher com o igarapé da cachoeira grande e rua Municipal em toda a sua extensão e toda parte litorânea da cidade, com a sede na diretoria de higiene a rua Barroso, e os demais nas áreas suburbanas do São Raimundo, Constantinopla e Colônia Oliveira Machado; o primeiro posto a ser instalado foi no asilo da mendicidade que ficava entre os bairros da Chapada, Flores e Colônia dos Franceses, o segundo posto na Colônia Oliveira Machado e o do Plano Inclinado.

O Governo Estadual criou hospitais para atender aqueles que entravam doentes na cidade por via fluvial. Foram instalados os hospitais flutuantes: Hospital Flutuante Rio Madeira e o Hospital Flutuante Santa Bárbara¹²⁴. Estes hospitais começaram a funcionar em meados de novembro daquele ano, depois de inúmeras críticas ao Governo por parte dos jornais de oposição, que não aceitavam que a cidade só tivesse um hospital público, a Santa Casa de Misericórdia, para atender os gripados.

Diante de tantas acusações feitas pela imprensa oposicionista, o jornal da situação começou a se defender em suas publicações e justificar as ações do Governo, passando a noticiar, diariamente, informações sobre instalações de socorro contra a gripe e formas preventivas contra a epidemia, tentando demonstrar que o Governo não estava de braços cruzados.

O que notamos nesse início de epidemia quando a gripe era mencionada é que ela acabava se tornando instrumento para os conflitos políticos, mesmo esses discursos sobre o declínio da epidemia terem sido unânimes entre os órgãos de imprensa (e esse discurso sobre o declínio da moléstia permaneceu até o final da epidemia, principalmente no órgão do governo). Ressaltamos que esse discurso sobre o declínio mais parecia um pacto entre a imprensa para nenhum dos órgãos pisarem em areia movediça, próximo as eleições.

A epidemia, portanto, acabou sendo uma forte aliada para a oposição pedir uma intervenção federal. A falta de ações contra a epidemia de gripe, por parte do governo do Amazonas e do Intendente de Manaus, era comparada com incompetência. Para a oposição, a solução para contornar o caos político, social e econômico e obviamente, adquirir o poder na cidade, seria a de pedir uma intervenção federal¹²⁵.

¹²⁴ Mensagem lida pelo Governador à Assembleia Legislativa na abertura da primeira sessão ordinária, 1919. p. 19.

¹²⁵ Segundo a Constituição Federal de 1891 no artigo 5º Incumbe a cada Estado prover, a expensas próprias, as necessidades de seu Governo e administração; **a União, porém, prestará socorros ao Estado que, em caso de calamidade pública**, os solicitar. Art.6º - O Governo federal não poderá intervir em negócios peculiares aos Estados, salvo: 3º) para restabelecer a ordem e a tranqüilidade nos Estados, à requisição dos respectivos

Naquele período, as epidemias eram comumente utilizadas pela imprensa de oposição para conseguir intervenção federal, desestabilizando, assim, o poder local. A intervenção federal feria o princípio da autonomia estabelecido no artigo, cabia a cada ‘Estado prover, a expensas próprias, as necessidades de seu governo e administração’. Em caso de calamidade pública, a União poderia prestar socorro ao estado que o solicitasse¹²⁶.

Essa sensação de desgovernabilidade¹²⁷ foi sentida não somente pela oposição que tecia críticas ao Governo, mas também a população que já sentia fortemente o desamparo diante dos efeitos da epidemia. Desgovernabilidade é aqui entendida como a incapacidade que o Governo teve de agir ou reagir contra os efeitos da epidemia de gripe, ou seja, os tipos de táticas, ou a falta delas, que o Governo utilizou frente à doença. Foucault ao analisar a governabilidade no texto de Lá Perrière, ressalta que a definição de governo perpassa a ideia de território até porque o que se governa são as coisas:

Estas coisas de que o governo deve se encarregar são os homens, mas em suas relações com as coisas que são as riquezas, os recursos, os meios de subsistência, o território em suas fronteiras, com suas qualidades, clima e etc.; Os homens em suas relações com outras coisas que são os costumes, os hábitos, as formas de agir ou de pensar, finalmente, **os homens em suas relações com outras coisas ainda que podem ser os acidentes ou as desgraças como a fome, a epidemia, a morte etc.**¹²⁸
(grifo nosso)

É importante ressaltar que a cidade de Manaus já havia sofrido antes uma intervenção federal por causa da saúde pública em 1913, no governo de Jonathas Pedrosa. O Estado teve que aceitar o “apoio” do Governo Federal, através de uma comissão de profilaxia contra a febre amarela. Chefiava essa comissão o Ministro do Interior, Rivadavia Corrêa, e o diretor Geral de Saúde Pública, Carlos Seidl, tudo por conta da União e apoio logístico dos médicos de Manaus¹²⁹. Portanto, o Governo do Amazonas de 1918, sem conseguir controlar a situação e com medo de uma intervenção, se viu forçado a tomar várias medidas urgente para resolver o caos que estava instalado na cidade de Manaus.

Governos. IN: <http://pdba.georgetown.edu/Constitutions/Brazil/brazil11824.html#mozTocId599219>, acessado em 4/03/2011. (Grifo Nosso)

¹²⁶ CRUZ, Christiane Maria. **A Gripe Espanhola na Bahia: saúde, política e medicina nos tempos de epidemia**. Rio de Janeiro, 2007. Tese (doutorado em História das Ciências da Saúde). p.123.

¹²⁷ Os jornais de oposição se referiam ao governo de Alcantara Barcellar durante a epidemia de Desgoverno, daí a ideia de usarmos o termo Desgovernabilidade.

¹²⁸ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. P. 282.

¹²⁹ In: Jornal do Commercio, 13 de Julho de 1913 e SCHWEICKARDT, Julio Cesar. **Ciência, nação e região: as doenças tropicais e o saneamento no Estado do Amazonas (1890-1930)**.

O jornal **Imparcial** em seu editorial “E o Governo Federal?” pedia do Governador do Amazonas que solicitasse do Governo Federal auxílio para o combate a epidemia que reinava na cidade.

Porque o Dr. Alcantara Barcellar deixou de solicitar ao governo federal o seu valioso auxílio no combate a violenta epidemia de gripe, causa de tão avultada mortalidade no seio das classes menos favorecidas de fortuna, a resposta a nos cahir dos lábios seria sem duvida alguma, justificando o retratamento da attitude governamental.

É bem verdade que qualquer tardo raciocínio, tiraria dum exame a presente situação de anormalidade sanitária do estado, consorciada ao esgotamento financeiro, a conclusão de que em observância aos mais claros preceitos de humanidade assistia a União o dever de acudir em socorro desta parcella da communhão brasileira, submettida aos rigores da mortífera epidemia. Já não appellamos aqui para o texto da constituição federal, que assegura aquella assistência a qualquer estado da federação, no caso evidente de calamidade publica em que nos encontramos.¹³⁰

Mesmo os jornais mencionarem o declínio da epidemia, houve diariamente um aumento do número de mortos. Somente no dia 14 novembro, um dia antes das eleições, houve 33 mortos pela epidemia de gripe e mesmo assim, os órgãos de imprensa ainda permaneciam com o discurso do declínio¹³¹. Entretanto, após as eleições, os discursos mudaram drasticamente, visto que não dava mais para relegar a epidemia a um esquecimento proposital.

Os jornais de oposição, após o dia 15 de novembro, retrataram a cidade de Manaus como triste e sitiada pela epidemia de gripe. O jornal **El Hispano-Amazonense**¹³² fez duras críticas a essa inércia administrativa diante da epidemia, acusando a administração do Estado de “manipulação de informação”, pois só deixava a divulgação de notícias que falassem da benignidade da moléstia e não de sua malignidade, com receio de que essa influenciasse no resultado das eleições do dia 15 de novembro.

Após as eleições para a Assembleia Legislativa, o jornal noticiava o “espanto” que algumas autoridades tiveram ao perceberem que no dia das eleições, em vez da cidade está repleta de vozes e circulação de pessoas, foi encontrada uma cidade silenciosa e arrasada pela “gripe espanhola”:

¹³⁰ *Imparcial*, 26 de Novembro de 1918.

¹³¹ Verificar os jornais de oposição e da situação no mês de Novembro, os obituários vinham nos jornais: *A Imprensa* e *Jornal do Commercio*.

¹³² O **El Hispano-Amazonense** era um jornal dedicado a Colônia Espanhola no Amazonas, seu diretor era Julio Minuesa Merchan e administrado por Carlos Minuesa. Circulava na cidade de Manaus semanalmente e estava no seu primeiro ano de circulação. Este jornal se pautava nas notícias inerentes a situação sócio-política dos Espanhóis e seus descendentes na cidade de Manaus e era totalmente impresso na Língua Espanhola.

Cuando se necesitó del pueblo ó sea el día 15 del corrente, para lãs elecciones, fué desgraciadamente cuando se dieron cuenta que la epidemia, que com el nobre de “a hespanhola” estaba arrasando la población de Manaós.

Al principio se tomaram algunas precauciones insignificantes, pues los que entendíau de dicha enfermedad, decían que no era cosa de cuidado: un purgante, un sudador y guardar cama unos dias; pero nosotros, sin ser médicos ni nada, pudimos observar que la epidemia era más terrible que lo que se pensaba por varias causas; entre ellas, la gran crisis monetária y la escasez de artículos de primeira necesidad, los cuales los subian de precio de dia em dia, llegando casi á imposible adquirir ninguno.¹³³

No decorrer dos meses de outubro e novembro, até as eleições do dia 15, os médicos sanitaristas e o Governo do Estado deram à gripe um estatuto primeiramente de comum, depois como desconhecida e logo após a entrada do Vapor Valparaizo, como letal. Mas em nenhum momento aceitou, ou melhor, deixou ser divulgado que era a mesma Gripe que arrasava a Europa. É perceptível nos jornais lidos toda uma articulação por parte dos integrantes dos poderes públicos em não alarmar a população até a data da eleição.

Após as eleições do dia 15, as tentativas de se esconder a epidemia não surtiriam mais efeito, uma vez que a cidade havia paralisado todo o seu cotidiano. O **Jornal do Commercio**¹³⁴ informava também a paralisação da cidade no dia da eleição, não pelas festividades da programação eleitoral, mas pelo silêncio deixado pela gripe.

A epidemia que assola cruelmente, desde muitos dias, a população de Manaós, deu causa a que o pleito perdesse a animação que prometia semanas atraz, quando ainda se achava em estado normal a nossa cidade.

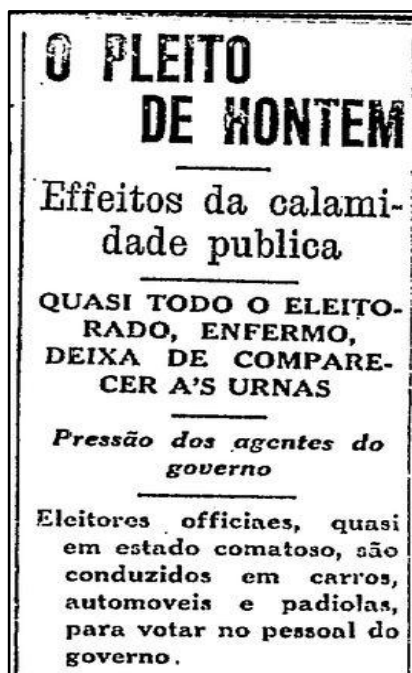
O comercio fechado, famílias desoladas, tristesa profunda nos semblantes, desapareceu por completo a obrigação de exercer cada um o seu dever Cívico¹³⁵

¹³³ Quando se necessitou do povo no dia 15 do corrente, para as eleições, foi desgraçadamente quando se deram conta que a epidemia, que com o nome de “a hespanhola”, estava arrasando a população de Manaus. A princípio tomaram-se algumas precauções insignificantes, pois os que *entendiam* desta dita enfermidade, diziam que não era coisa para se preocupar: um purgante, um suadouro e ficar de cama por alguns dias; mas nós, sem ser médico em nada, podemos observar que a epidemia era mais terrível do que se pensava por várias causas; entre elas, a grande crise monetária e a escassez de artigos de primeira necessidade, os quais subiam de preço dia após dia, chegando a quase não ser adquirido por ninguém. **Tradução livre da autora**, El hispano Amazonense 23 de novembro de 1918.

¹³⁴ **Jornal do Commercio**, fundado em 02 de janeiro de 1904 e até hoje circula na cidade de Manaus, teve como seu fundador o Coronel Joaquim Rocha dos Santos. Após sua morte dia 19 de Dezembro de 1905, o jornal passou por uma fase complicada, visto que seu único filho não tinha interesse de permanecer com o jornal, a partir de 1907 o jornal e comprado pela empresa de Vicente Torres da Silva que se torna o diretor e proprietário do órgão, e a partir desse momento o jornal toma uma linha de oposição à oligarquia Nery, fazendo oposição direta principalmente quanto a administração da cidade em seus aspectos sanitários e financeiros. Era um jornal de circulação no Estado mais principalmente na cidade de Manaus, seu público alvo era os proprietários de casas comerciais e a sociedade como um todo, sua circulação era diária e matutina.

¹³⁵ Jornal do Commercio, 16 de Novembro de 1918.

Figura 3



Fonte: Jornal do Commercio, 16 de novembro de 1918.

A Gripe Espanhola após dia 16 de novembro, não só aparecia nas primeiras páginas dos jornais como ocupava agora toda a primeira página. Tudo que envolvesse falar sobre a gripe estava sendo disputada pela imprensa para saber quem mencionaria ou quem denunciaria primeiro. Todos os jornais de oposição voltaram-se para fazer críticas à inércia do Estado frente à epidemia, e o jornal da situação rebatia todas as acusações.

O jornal **Imparcial**¹³⁶ começou a denunciar os inúmeros cadáveres insepultos e com eles o mau cheiro que os corpos no cemitério São João traziam para a cidade, pedindo providencias urgentes à Superintendência. Esse caso foi visto pelo jornal como um caso de calamidade pública e ressaltava que todas as publicações que o jornal da situação faziam sobre a Gripe Espanhola, já haviam sido publicadas pelo jornal¹³⁷ e rebatia também, a notícia do jornal **A Imprensa** (da situação) enfatizando que o mal estava declinando, pois o jornal **Imparcial** acreditava que em Manaus as vítimas atacadas da Gripe Espanhola excedessem mais de oitenta por cento da população¹³⁸, mostrando com isso, que a epidemia não estava declinando.

¹³⁶ *Imparcial*, 16 de Novembro de 1918.

¹³⁷ *Imparcial*, 19 de Novembro de 1918.

¹³⁸ *Idem*, 21 de novembro de 1918.

O jornal atacou também pontualmente as estatísticas de mortos pela epidemia feita pelo estatístico Paulo Eleutherio a pedido do Governo, visto que o estatístico em sua pesquisa comprovava o decréscimo da epidemia na cidade de Manaus. Acusando o profissional de ter somente analisado os mortos que foram sepultados no cemitério São João, não se preocupando com os cemitérios aos arredores da cidade e nem aqueles que foram enterrados nos quintais e nos terrenos de várzeas, sendo essa prática muito utilizada logo após o abandono do Governo as áreas suburbanas da cidade¹³⁹.

Após inúmeras acusações, os articulistas do Governo trataram de expor a partir do dia 19 de novembro, em toda a primeira página do órgão do partido (A Imprensa), medidas preventivas contra a epidemia. Notícias eram veiculadas sobre as ações do Governo contra o mal, informações sobre os endereços de ajuda para a população carente, sobre a distribuição de socorros e doações de alimentos e acusava “a maldade dos espíritos oposicionistas” de comentários injustos, ressaltando que essa não era hora para esses tipos de comentários, uma vez que a cidade se encontrava sitiada pela epidemia e precisava muito de mãos humanitárias, do que “polítiques e embusteiros”.

Figura 4

REDAÇÃO e OFFICINAS
Avenida Eduardo Ribeiro, 89 11
Manaus (E. do Amazonas)
Caixa postal, 75-A
Telephone n. 213
*Serviço telegraphico: IMPRENSA

A IMPRENSA

Orgão do Partido Republicano Amazense

ANNO III Manaus, Quarta-feira, 20 de Novembro de 1918 N. 744

A INFLUENZA

O Governo do Estado manda distribuir socorros nos domicílios e influenciar para que sejam reduzidos os preços de gêneros alimentícios---A acção da Inspectoria do Thesouro, da Directoria das Águas e do Serviço Sanitário---Notas varias---A subscrição d'A IMPRENSA.

O «Comitê» esteve hontem reunido na Associação Commercial, tratando de novos assumptos relativos aos socorros aos necessitados.

subscrição entre o commercio realista, destinada a auxiliar os trabalhos do Comitê de Socorros Publicos.

Paula da Silva. Essas commissões devem se apresentar nos pontos mais proximos ás suas residências prestando os serviços que lhes forem designados.

Para quem quiser essas cestas distribuidas com maior profreito.

As Directorias do Serviço Sanitário e das Águas, sendo multiplicado os seus affazeres, merecem os mais amplos socorros pelas providencias tomadas a effeito e do que, mais de espazo, trataremos.

O pleito do dia 15

S. E. o sr. de Governador do Estado, recebeu, hontem, os radiogrammas seguintes:

Labrea, 16--Governador--Manaus--Resultados eleição no 1.º seção deste município: Alfredo da Matta, Franklin Washington, Virgilio Ramos, Aureliano de Castro, João Camara e Miranda Oliveira, Atalberto Passos, Alvaro Berry, Antonio Monteiro, Alcides Bahia, Telesphoro de Almeida, Joaquim Teixeira, José Tappia, Luciano Pereira, Virgilio Barbosa, Toniano Henri, Castro e Costa e Franco de 56, 25 votos cada um; Paulo Emilio, 24 votos; Waldemar Pedrosa, 22; Achilles Bevilacqua, 18; Joaquim de Paula, Esmaraldo Coelho, Adriano Jorge, Bretinlau de Castro, João Camara e Miranda Simões, 16; Geacalves Dias, 17; Sabreira de Mendonça, 16; Theodoro Botelho, 15; Antonio Bittencourt, 9 e Francisco Malveira, 1. Saudações--Dr. Domingos Pinheiro, superintendente municipal.

LABREA, 16--Governador--Manaus--Na 2ª seção eleitoral deste município, obtiveram votos: Alfredo da Matta, 27; Franco de Sá, 26. Assinadas

Confronto infeliz

O orgão da colligada, depois da tremenda derrota de 15, ficou na triste posição de nada mais dizer sobre o pleito que se lhe afigurava uma expiêndida e sequispedal victoria.

Ou por isso ou por mi lê, ou por ambas as cousas, o «Jornal do Commercio» não publicou, comallás fazem todas as folhas honestas, o resultado da votação

O pleito do dia 15

Elviro Dantas	167
Virgilio Xavier	146
Barreto Baptista	16
M. Garcia	85
S. Lobo	12
Barros Alencar	40
Costa Crespo	128
João Mendonça	81
Henrique Rubim	172
Vidal Pessoa	159
F. Bomlim	32

Liga Amazonense

Bernardo Ramos	198
Pedro Botelho	192
Mendes Filho	194
Leopoldo Nery	105
Mario Sá	104
Conolano Durand	90
Jayme Pereira	95
Ajuriçaba Menezes	84
Satyro Marinho	131
Carvalho Leal	128

Fonte: A Imprensa, 20 de novembro de 1918.

¹³⁹ Imparcial, 22 de Novembro de 1918.

Em outro Editorial, o periódico responde também a acusação de enterrar em valas comuns inúmeros mortos e de deixar insepultos e apodrecendo outros tantos, acusações essas feitas, principalmente pelo o **Jornal do Commercio**. Em resposta a essas denúncias, o jornal A Imprensa, rebatia essas acusações informando que até mesmo no mundo civilizado e nas grandes cidades do Brasil, depois da entrada da Gripe Espanhola (se referindo principalmente aos principais países europeus e particularmente a cidade do Rio de Janeiro), houve inúmeros mortos insepultos apodrecendo por onde a peste passou e que isto acontecia devido a enorme quantidade de falecimentos e de poucas pessoas para enterrarem, o que o articulista do jornal da situação caracterizou de anomalia. Afirmava ainda que em vez da oposição coligada “embusteira” ficar se debatendo pela derrota do dia 15, deveria ela ajudar a população, já que se intitulava a “salvadora” do Amazonas¹⁴⁰. O jornal do Governo reclamou particularmente da atitude do **Jornal do Commercio** de informar o nome dos mortos pela epidemia de gripe diariamente no seu jornal¹⁴¹.

O **Jornal do Commercio** rebateu essa acusação informando que o governo não queria que a população soubesse da quantidade de mortos e nem da calamidade pública por qual a cidade estava passando, porque nem o Estado, nem a Superintendência conseguiam controlar a situação por causa de sua incompetência e reforçava a matéria afirmando que o “momento era de acção immediata nada de discussões, de polêmicas, de discursos e politicalha. Era preciso agir e já”¹⁴².

A matéria acima em que o órgão do governo estava se defendendo contra as acusações de cadáveres insepultos, se refere a uma nota que ocupou quase todo o início da primeira página com o titulo “defendamos a vida do povo”. Nesta nota, o **Jornal do Commercio** denunciava os cadáveres insepultos no cemitério e em outros pontos da cidade, pedindo a ação tanto por parte do Governo quanto da Superintendência para utilizarem a verba destinada aos socorros públicos e culpa na matéria “o pleito de 15” que o fiasco das eleições foi devido à inércia do Estado e da superintendência frente à epidemia e ressaltava que foi em virtude do “momento de abandono do poder estadual” que o povo não pôde comparecer as urnas para votar¹⁴³.

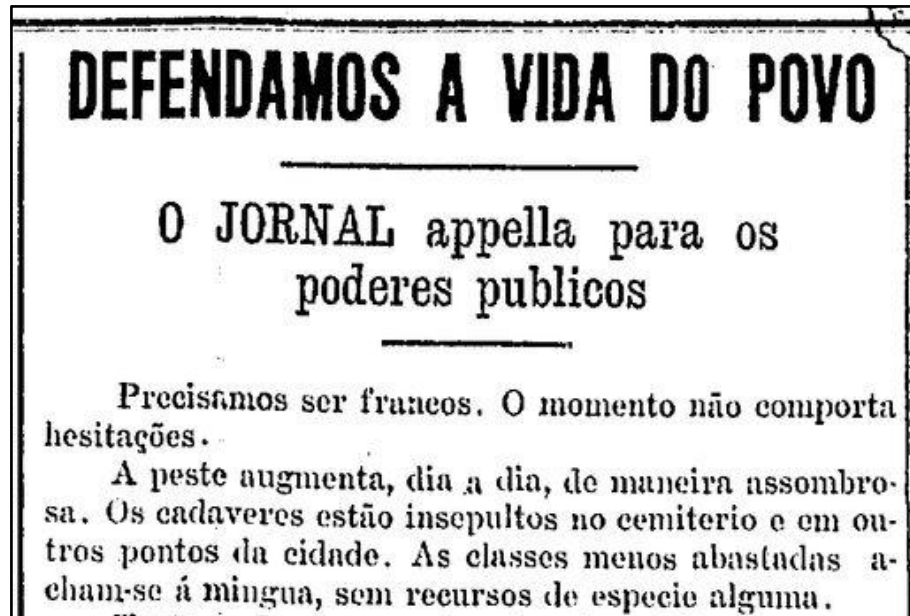
¹⁴⁰ A Imprensa, 28 de novembro de 1918.

¹⁴¹ Idem, 27 de novembro de 1918.

¹⁴² Jornal do Commercio, 17 de novembro de 1918.

¹⁴³ Idem, dias 17/18/19 de novembro de 1918.

Figura 5



Fonte: Jornal do Commercio, 17 de novembro de 1918.

No início de dezembro já havia dados oficiais de que mais de 1500 pessoas tinham morrido somente no mês de novembro¹⁴⁴ e a epidemia ainda se mostrava relutante em deixar a cidade. Porém, mesmo atingindo uma enorme quantidade de pessoas e matando outras, o comitê de Salvação pública, criado particularmente para atender a população carente, começou, no início de dezembro, a perder forças financeiras e o seu diretor, o coronel Avelino Cardoso, comunicou a imprensa que o comitê não teria mais condições de se manter, e somente funcionaria se o governo passasse a mantê-lo sozinho¹⁴⁵.

Na impossibilidade de agir, sem o auxílio dos poderes públicos, o presidente do comitê resolveu conferenciar ao governador. Não obstante trata-se de uma medida que tinha por fim socorrer milhares de pessoas flagelladas pela fome e pela peste. O governador amazonense, insensível a dor alheia, negou-se a prestar auxílio solicitado sob o pretexto injustificável de que a situação precária dos cofres do thezouro não comporta despesas extraordinarias¹⁴⁶.

¹⁴⁴ Jornal do Commercio, dia 05 de dezembro de 1918.

¹⁴⁵ Jornal do Commercio, dia 01 de dezembro de 1918.

¹⁴⁶ Idem.

Figura 6



Fonte: Jornal Imparcial, 04 de dezembro de 1918.

Diante disso, o comitê de Salvação Pública fechou dia 05 de dezembro, mas como existiam muitos casos de corpos espalhados pelas ruas e inúmeros casos fatais, o comitê voltou a funcionar dia 15 de dezembro. Era domingo e somente nesse dia, atendeu a 1.300 pessoas atacadas pela epidemia¹⁴⁷. Parou dia 17, dois dias após sua reabertura com uma média de 1.500 pessoas atendidas por dia. O único posto que ainda atendia e funcionava desde o início do surto quando foram criados os postos de auxílio, foi o posto da Fábrica de cerveja que acabou sendo independente financeiramente do poder público.

No relatório da irmandade do Santíssimo Sacramento¹⁴⁸, sobre a assistência prestada aos pobres durante a epidemia, o documento faz duras críticas ao Governo do Amazonas, analisando que era quase impossível esperar as providências dos poderes públicos quanto ao tratamento dispensado à população carente, tendo essa irmandade o dever de ajudar essa população já que “a assistência publica em Manaus era muito limitada, apesar de ser ela um dever”. Diante disso, a irmandade organizou um posto de assistência para atendimento aos doentes onde prestariam serviços médicos, gratuitamente, os médicos Hermegildo Lopes e Jeremias Valverde e junto com os médicos, foram convidados a darem o último sacramento para os enfermos os Padres José Thomaz de Aquino e Annanias da Silva Camara.

A partir do mês dezembro, com a epidemia no seu auge, o cotidiano da cidade foi todo alterado, medo e pânico ditaram as novas regras de comportamento que permearam a

¹⁴⁷ Idem, dias 15/16/17/18 de dezembro de 1918.

¹⁴⁸ Relatório da Irmandade do Santíssimo Sacramento erecta na catedral do Amazonas ano de 1918. Tipographia Do Ca' e La'.

cidade, um novo perfil dos jornais foi traçado. Os jornais, após as eleições do dia 15, entraram em uma disputa para saber quem mencionaria notícias novas sobre a gripe. A partir de então, a “hespanhola” ocupou o lugar de destaque na imprensa. Todos os dias eram noticiados mortos empilhados, cadáveres em estado de putrefação, famílias inteiras dizimadas, histórias de pessoas com medo do contágio, de não conseguir enterrar seus mortos. Por outro lado, propagandas de remédios e curas passaram também a serem notícias correntes daqueles dias.

De repente, em meados do mês de dezembro e com a circulação de tantas notícias acerca da doença e em virtude do pânico que tomou conta de Manaus, a imprensa que ajudou a difundir o temor da epidemia, começou a tomar uma atitude mais branda referente à gripe, e a publicar diariamente o seu declínio, tentando combater o clima que havia se criado na cidade.

Uma espécie de acordo foi gerado entre o poder público, a imprensa de oposição e até aquelas que se intitulavam “neutras”. Enquanto o poder público cumprisse com sua obrigação de atender a população de um modo geral, os jornais de circulação não difundiriam a gripe de uma forma tão alarmista. Caso o poder público se tornasse omissivo, a imprensa denunciaria novamente a inércia do Estado.

Esta briga do poder público com a imprensa oposicionista a respeito de escrever ou não sobre a gripe durou do final de dezembro de 1918 até fins de março do ano seguinte, quando a gripe cessou na cidade de Manaus. Em janeiro, os jornais deixaram de publicar notícias sobre a gripe, que, segundo o jornal **Imparcial**, estaria isolada somente em algumas áreas distantes da cidade, ou seja, nos bairros periféricos de Manaus.

Entretanto, durante todo o mês de janeiro, aparentemente a preocupação dos jornais que circulavam centravam-se em questões políticas e econômicas, a gripe parecia ter desaparecido do cenário. As notícias que circulavam eram sobre os horrores que o interior estava vivendo devido à epidemia, mas na capital nenhum comentário foi feito sobre a gripe até 15 de fevereiro de 1919¹⁴⁹, quando foi noticiada a entrada de um vapor infectado com a Gripe Espanhola na cidade de Manaus. Este fato trouxe logo a tona uma sensação de medo e insegurança com a eminência de outro surto na capital que já organizava e estruturava o seu cotidiano; com abertura de cinemas, do funcionamento do comércio e do funcionamento do funcionalismo público. Vale ressaltar que durante os meses de janeiro, fevereiro e março o

¹⁴⁹ *Imparcial*, 15 de fevereiro de 1919.

interior do Amazonas sofria terrivelmente os efeitos da epidemia, que já havia diminuído em Manaus.

Notamos até aqui que a epidemia foi utilizada para nutrir as disputas eleitorais. Isso porque os opositores utilizaram a imprensa para denunciar os descasos do Governo com a população e desta forma, desacreditar aqueles que estavam no poder, reforçando principalmente o estado de miséria dos manauenses e as deficiências do estado sanitário da urbe. Por outro lado, os situacionistas exaltavam seus feitos diante da epidemia nas páginas dos jornais e se defendiam das acusações dos opositores, principalmente ressaltando o exagero da epidemia na cidade.

Durante o reinado da epidemia, é perceptível notar a imagem que o poder da imprensa, e daqueles que os dirigiam, criou para a população manauense. Não há como negar o poder simbólico e político das notícias veiculadas pela imprensa diária manauense e nem da tensão estabelecidas por elas. O fato é que com a epidemia os órgãos opositores revelaram uma cidade despreparada sanitariamente, principalmente no que tange as esferas mais simples de controle básicos das doenças.

CAPÍTULO II: *As práticas de cura em tempo de peste.*

“Nos tenebrosos dias que foram, como todos ainda nos lembramos, aqueles da gripe. Os amargos sofrimentos da população, ferozmente surpreendida, barbaramente atacada pela terrível epidemia”.

Antonio Ayres de Almeida Freitas.
(superintendente de Manaus, 1918)

2.1 – A CIÊNCIA MÉDICA E A GRIPE

Influenza¹⁵⁰ é uma palavra italiana que denomina a popular gripe, sendo a principal característica da doença, aparecer periodicamente e ser proteiforme¹⁵¹. É uma doença viral e respiratória, “transmitida de uma pessoa para outra, supostamente levada por gotículas de muco espalhadas pelo ar quando o doente tosse ou espirra¹⁵²”. Facilmente se dissemina pelo ar e pouco pode ser feito para combatê-la, atingindo diferentes espécies, dentre elas: humanos, aves e suínos.

Devido a seus sintomas serem comuns aos de outras doenças, era facilmente confundida no discurso médico do período como outra moléstia, tais como: tosse catarral, febre catarral e catarro epidêmico¹⁵³. A gripe é uma das doenças mais antigas da civilização. No entanto, não há registro dela entre os homens antes do século XV e XVI. Sua etiologia, durante muito tempo, foi uma incógnita até a primeira metade do século XX¹⁵⁴.

O vírus influenza tem características próprias que lhe permitem mudar continuamente, escapando ao reconhecimento e imunização pelo sistema imunológico. Por esse motivo, surtos de gripe repetem-se todos os anos e o vírus mantém-se em circulação em todo o mundo ao longo de milênios. Em 1901 foi identificado o primeiro vírus da gripe, descoberto em galinhas durante um surto naquele ano, mas em 1933 houve o isolamento do vírus em humanos, sendo identificado do tipo A. Após essa descoberta, nos anos 40, foi possível introduzir as primeiras vacinas para profilaxia¹⁵⁵.

É importante destacar que a gripe já vinha sendo pesquisada desde o século XIX, portanto, quando a Hespanhola apareceu, algumas ideias sobre a doença já estavam cristalizadas não só no senso comum, mas também no campo médico científico. A principal delas era de que a doença seria provocada por um bacilo¹⁵⁶. Porém, com a epidemia, a

¹⁵⁰ O termo influenza só foi confirmado durante a pandemia de 1918, até então era classificada como catarro epidêmico: In: SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. **A Medicina e a Influenza Hespanhola em 1918**. Tempo, Rio de Janeiro, n.º 19, pp, 91-105.

¹⁵¹ Forma de vida que apresenta muitas formas ou variedades. No caso do vírus da gripe, suscetível a muitas mutações.

¹⁵² KOLATA, Gina Bari. **Gripe: a história da pandemia de 1918**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 75.

¹⁵³ Eram doenças comuns no período e geralmente associadas a gripes, febres elevadas e problemas respiratórios.

¹⁵⁴ Ver: KOLATA, Gina Bari. Op. Citi. e SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. **A Medicina e a Influenza espanhola de 1918**. Editora Tempo. Rio de Janeiro. n.º 19. p. 101 a 105.

¹⁵⁵ Fonte: <http://ecdc.europa.eu> (centro europeu para controle e prevenção de doenças) e <http://www.cdc.gov> (centro de controle de doenças e prevenção). Acessado no dia 25 de agosto de 2012.

¹⁵⁶ O primeiro bacilo descoberto pelo homem e que podia causar doença no humano foi descoberto pelo norueguês Gerhard Amauer Hansen em 1873, que descobriu o bacilo de Hansen, causador da doença na época conhecida como lepra e depois como Hanseníase. Após a descoberta do bacilo, outros bacilos foram sendo

cristalização começou a dar lugar a dúvidas, visto que o bacilo não foi encontrado em todos os casos de gripe e nem a profilaxia indicada contra o germe surtia efeito.

Quando a Hespânica apareceu no mundo, muitos acreditaram tratar-se de uma nova modalidade de doença, em virtude dos sintomas parecerem estranhos a uma gripe comum. Todavia, quanto mais se pesquisava, mais se achava que a modalidade patológica era de gripe, pois era possível achar, nos casos pesquisados, a infecção de gripe, ou seja, o bacilo de Pfeiffer¹⁵⁷.

Devido ao desconhecimento da doença e de sua mutabilidade, a Influenza acabou sendo vista como uma doença bacteriológica, causada por um microrganismo caracterizado como bactéria. Mas com o passar dos dias da epidemia, os sintomas de uma gripe comum acabavam se tornando quatro vezes mais graves, deixando boa parte da comunidade médica desorientada por não saber combater a enfermidade com eficiência. A medicina, que em plena epidemia da Gripe Espanhola já havia se tornado “científica” devido às descobertas microbianas, estava sendo posta em xeque por não conseguir identificar o microrganismo específico da Gripe Espanhola.

Quanto a dúvidas e incertezas referentes à etiologia da epidemia, foram surgindo por parte dos pesquisadores da época novas hipóteses para explicar o vírus. A escritora Porras Galo destacou três hipóteses principais nesse debate: os que acreditavam ser a gripe um micróbio instalado no muco nasal e bronquial conhecido como o *estreptococo hemolítico*; os adeptos da teoria do vírus filtrável e os favoráveis em acreditar que a Hespânica fazia parte de uma nova modalidade de Germe desconhecido. Destaca-se que a primeira e a última hipótese eram apoiadas pelos adeptos da teoria microbiana, contudo, discordavam quanto ao agente específico causador da doença.

A teoria microbiana acreditava que nas doenças a principal preocupação que havia era identificar os microrganismos causadores da enfermidade, ou seja, em cada doença há a presença de um organismo microscópico que produzia a doença e a morte. Para esta teoria, a função da medicina era descobrir qual micróbio seria o responsável por determinada doença e assim, combatê-la¹⁵⁸. Esta teoria ganhou força devido ao renomado pesquisador Johann

também descobertos, em 1882, bacilo de Kock, causador da tuberculose; 1884, bacilo de Nicolaier, causador do tétano e 1892, bacilo de Doderlein, causador da candidíase.

¹⁵⁷ O bacilo de Pfeiffer é um *cocobacilo*, isolados ou reunidos em cadeias, que geralmente infecta células brancas do sangue. Sua virulência é favorecida pela ação de certos micróbios (*estreptococos*, *estafilococos*, *pneumococos*).

¹⁵⁸ Louis Pasteur e Robert Koch na época, com suas experiências, deram grande contribuição ao papel patogênico dos microrganismos nas doenças. A partir daí identificar a relação entre organismos específicos e

Pfeiffer¹⁵⁹ e da influência da tradicional “Escola Alemã¹⁶⁰”, por estarem à frente no campo das pesquisas. Na época da epidemia, muitos médicos apoiavam esta teoria, mas havia um debate para descobrir se o bacilo de Pfeiffer era, indubitavelmente, o agente causador da gripe.

No período da epidemia da Gripe Espanhola, as discussões na comunidade científica internacional a respeito de qual agente patológico seria o responsável pelo surto de gripe, que estava atingindo o mundo, tornaram-se mais frequentes. A “Medicina Científica” tinha e queria dar respostas para a Gripe que estava matando a população mundial. Não demorou para que a maioria dos médicos acabassem concordando em definir a epidemia como sendo de origem microbiana.

Entretanto é importante ressaltar que mesmo Pfeiffer mantendo reservas quanto à descoberta de o bacilo ser de influenza, a comunidade médica internacional não titubeou e tomou a pesquisa para si e como tábua de salvação, como uma forma de acalmar a comunidade médica que podia passar a tratar os doentes sabendo qual o agente causador da epidemia, o bacilo de Pfeiffer¹⁶¹.

Dúvidas quanto à etiologia da gripe foram o que mais enfraqueceu o discurso bacteriológico, já que o bacilo de Pfeiffer não aparecia em todos os casos de gripe, fazendo com que alguns médicos da comunidade internacional reconsiderassem suas posições a respeito da etiologia da gripe. Outros médicos acabaram solucionando esse impasse assumindo que o bacilo de Pfeiffer era sim o agente causador da gripe, entretanto outros micróbios seriam os responsáveis pelas versões graves da doença¹⁶².

Mesmo que a teoria do bacilo de Pfeiffer tenha se tornando quase unânime entre os médicos e pesquisadores, não foi à única teoria para explicar o agente causador da gripe. Após a discordância de alguns pesquisadores em acreditar que a doença seria provocada por um bacilo, outra teoria foi ganhando força e se destacava por acreditar que a doença era causada

doenças específicas passaram a ser uma realidade nos fins do século XIX, contribuindo decisivamente para o desenvolvimento de certas vacinas.

¹⁵⁹ Richard Friedrich Johann Pfeiffer nasceu em Zduny, atual Polônia, em 1858 e faleceu em 1945. Higienista, imunologista e bacteriologista, Johann Pfeiffer tinha estudos voltados, principalmente, para a área de imunização, higiene em geral, e estudo de doenças como Gripe, Malária, Febre Tifóide, Cólera e a Praga. 1892 descobriu o bacilo que leva seu nome. Nessa descoberta Pfeiffer afirmava que o bacilo descoberto por ele era o agente causador da gripe.

¹⁶⁰ A tradicional escola alemã do século XIX dominou grande parte do cenário intelectual nos anos de 1850 a 1940. Nesse período, inúmeros estudiosos e pesquisadores influenciaram pesquisas no campo das ciências médicas e das ciências sociais.

¹⁶¹ SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. **Op. Cit**

¹⁶² PORRAS, Gallo. **Op. Cit.**

pela transmissão de agentes patogênicos bem menores que o bacilo, os chamados “vírus filtráveis”.

Através de observações, cientistas do final do século XIX começaram a analisar líquidos contendo bactérias, o estudo era sobre o Mosaico do Tabaco¹⁶³. Estes líquidos, na pesquisa, foram passados por vários filtros, tendo como resultado uma solução, a princípio, estéril, ou seja, para os pesquisadores, não havia qualquer tipo de agentes patológicos na solução. Ao colocar esta solução em contato com plantas de tabaco saudáveis, estas continuavam a contrair o Mosaico. Logo, houve a dedução de que haveria uma nova forma patogênica de vida que não podia ser vista através do microscópio ótico comum da época, uma vez que este líquido estéril não cultivava bactérias, mas continuava a transmitir a doença às plantas saudáveis. Estes novos agentes foram chamados de “vírus filtráveis”, “ultravírus” ou “ultramicroscópios”¹⁶⁴. Essa teoria ganhou mais respaldo e respeito quando os pesquisadores Friedrich Loeffler e Paul Frosch, em 1898, descobriram que a febre aftosa era um vírus, conceito esse que aos poucos ia ganhando aceitação moderna¹⁶⁵.

A teoria de que a gripe comum era um vírus só passou a ser observada com o isolamento em 1933 do vírus em humanos, o que pode proporcionar nas pesquisas uma revolução, pois foi somente a partir dessa descoberta que métodos mais eficazes puderam ser utilizados para combater a gripe. Uma das pesquisas que ajudou a descobrir a mutabilidade da gripe, ou seja, que existiam várias cepas de gripe e que podiam mudar rapidamente, foi feita em 1936, quando aprenderam a cultivar o vírus em ovos de galinha fertilizados: “A ideia seria injetar o vírus no líquido amniótico que envolve o embrião do pinto. Ao respirar, o embrião inspira e expira o líquido amniótico. O vírus se desenvolve nos pulmões do embrião e é excretado de volta para o líquido amniótico quando o embrião expira”¹⁶⁶. Em 1941, a partir desses estudos, vacinas puderam ser feitas e novas formas de prevenção eficazes puderam ser realizadas.

No entanto, em 1918, mais dúvidas a respeito da gripe espanhola existiam do que soluções para o males que ela causava. Não só a bacteriologia ia entrando em xeque quanto

¹⁶³ Mosaico de Tabaco é um vírus que infecta as plantas, especialmente a do tabaco, sendo este o primeiro vírus descoberto.

¹⁶⁴ Mesmo que esse estudo ter iniciado fins do século XIX, só se tornou evidente a partir da primeira década do século XX. Possibilitando o cultivo de vários agentes como o da poliomielite, escarlatina, varíola, sarampo e etc. que passaram a ser pesquisados como espiroquetas ou vírus. IN: Christiane 150 e MEDEIROS, Ricardo Brillhante de. **VIROLOGIA BÁSICA**. Editora CopyMarket, São Paulo, 2000.

¹⁶⁵ IN: PORRAS, Galo. Op Cit. pp 322 – 325 e BENCHIMOL, Jaime Larry. A instituição da microbiologia e a história da saúde pública no Brasil: Ciência e Saúde coletiva Vol. 2. Rio de Janeiro. 2000.

¹⁶⁶ KOLATA. **Op Cit.** p. 108.

todas as outras teorias para explicar a doença. Em virtude dos sintomas da gripe serem parecidos com outras moléstias, como dengue, cólera e peste, mais difícil realizar um diagnóstico preciso, sem contar com a variedade de suposições causais para a gripe.

A bacteriologia ia fracassando frente à virulência e disseminação que parecia não ter solução e o que mais intrigava era a alta taxa de mortalidade, para uma doença que parecia comum em todos os invernos, a gripe. Por mais competente que fosse a teoria para explicar a doença, o vírus da gripe estava além das expectativas da ciência da época. É de suma importância que em nossa reflexão abandonemos a ideia de êxito e fracasso da ciência ou, até mesmo, de verdade e erro. Parafraseando Benchimol, que tenhamos o espírito desarmado para observar a ciência da época.

No Brasil, para os pesquisadores, era quase unanimidade acreditar ser a gripe uma doença bacteriológica. Entretanto, muitos discordavam sobre o agente etiológico da Hespânica. Diante disso, algumas vertentes médicas davam suas teorias para explicar a gripe.

Christiane Souza destaca as três principais correntes da comunidade médico-científica para explicar a gripe e a Hespânica: primeiro, que a gripe aparecia no indivíduo de forma benigna, assumindo depois a forma mais grave; segundo, que a epidemia era de gripe, mesmo estranhando alguns sintomas apresentados e a última, de que a epidemia não era de gripe, chegando até ser confundida como febre amarela e dengue.¹⁶⁷

Adepto da segunda teoria, Carlos Seidl¹⁶⁸, o diretor de saúde pública brasileira destacava em suas falas que a epidemia “tratava-se com efeito da Influenza, não da ‘Influenza Hespânica’ porque ela não tem pátria, mas da influenza pura e simples”¹⁶⁹ e que tentar impedi-la seria uma utopia¹⁷⁰. Essa postura referente à epidemia acabou lhe rendendo inúmeras críticas, não só por parte da imprensa, mas também da população que queria respostas.

¹⁶⁷ SOUZA, Christiane Maria Cruz de. **A gripe espanhola na Bahia**: saúde, política e medicina em tempos de epidemia. Rio de Janeiro, 2007. 148.

¹⁶⁸ Para a pesquisadora Adriana Goulart, Carlos Seidl acabou sendo o bode expiatório da gripe. Segundo ela, a ideia da tese sobre a morosidade relacionada ao higienista acabava caindo por terra quando são observados as documentações da época. Isto porque na documentação utilizada pela autora, ela pode observar inúmeros ofícios e diversos pedidos de criação de hospitais provisórios e de isolamento foram feitos, mas nenhuma atendida pelo presidente Wenscelau Bráz, que, segundo a autora, na época estava sendo acusado de desvio de verbas que poderiam ser utilizadas no combate a epidemia. In: GOULART, Adriana. **Op. Cit.**

¹⁶⁹ A Imprensa, 19 de dezembro de 1918.

¹⁷⁰ **AMAZONAS MÉDICO**. Revista da Sociedade de medicina e cirurgia do Amazonas. Manaus, Segunda Fase, n.º 1, 1918.

A imprensa, no auge da epidemia, acusou Seidl de agir com morosidade e principalmente, por dar informações errôneas para a população¹⁷¹. As críticas a Carlos Seidl chegaram ao ponto de virem até mesmo do Presidente da República: Wescelau Bráz. Ele começava a ver na crise sanitária, desencadeada pela Hespânica, seu enfraquecimento político. Não demorou para que a situação de Seidl se tornasse insustentável na administração da Higiene Pública Brasileira, o que o levou a pedir exoneração do cargo¹⁷².

Com a vacância do cargo e a terrível crise sanitária percorrendo o país, tomou posse para enfrentar a situação calamitosa Theophilo Torres. Mas, o médico não permaneceu no cargo devido às críticas que sofria por ser visto somente como auxiliar de Seidl e que provavelmente manteria a mesma política de combate à epidemia, pois para os opositores, era considerada negligente.

Observamos que a antipatia gerada contra o diretor da saúde pública brasileira se deu porque quando um evento epidêmico se instala numa cidade, ela acarreta mudanças, não só físicas e biológicas, também sociais, políticas e culturais. A população acabou exigindo respostas dos legitimadores do saber médico e científico. Como isso não ocorreu, uma frustração foi se instalando e uma sensação de abandono acabou ganhando mais espaço.

Não demorou para que o nome de Carlos Chagas¹⁷³ fosse o mais cotado para assumir o cargo deixado por Seidl. Segundo a pesquisadora Adriana Goulart, o Sanitarista acabou sendo visto como o único cientista capaz de solucionar os transtornos advindos da epidemia. Após ocupar a administração, as pesquisas que chefiava em Manguinhos logo passaram a percorrer o país e servir de guia para os médicos, clínicos e acadêmicos passando a serem utilizadas no combate a epidemia.

Notamos que os discursos desencontrados e muitas vezes contraditórios acerca da etiologia, da profilaxia da doença, do agente causador da enfermidade e da dança das cadeiras na administração da saúde, demonstram a posição perdida que a ciência se encontrava frente à epidemia.

As discussões sobre o agente causador da doença saíram da esfera acadêmica e tomaram os espaços jornalísticos. Estas discussões bacteriológicas estavam em alta no meio acadêmico, mas a dúvida sobre a doença permanecia. Carlos Chagas, diretor do Instituto

¹⁷¹ A Imprensa, 19 de dezembro de 1918.

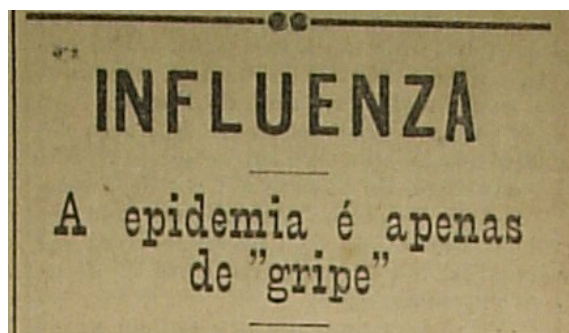
¹⁷² GOULART, Adriana. **Op. Cit.**

¹⁷³ Após a morte de Oswaldo Cruz, toma posse do Instituto Oswaldo Cruz, Carlos Chagas que era visto, pela maioria, como seu sucessor científico e intelectual. Graças ao seu bom relacionamento político, rapidamente pode expandir os programas de criação de hospitais que já estavam no papel na administração de Seidl. In: Idem.

Oswaldo Cruz e Theophilo Torres, diretor de saúde pública no Brasil, fizeram correr através de telegramas e de matérias publicadas nos jornais do país a dúvida da “Medicina Científica” quanto à verdadeira etiologia da doença. Isso porque muitos clínicos acreditavam que a doença, que estava reinando, não era só de gripe, visto que os sintomas, muitas vezes, indicavam a presença de outra moléstia. Diante desta dúvida e do receio da população de que os Estados não estivessem só invadidos pela Gripe, as palavras de Carlos Chagas foram taxativas ao dizer que a epidemia era só de Gripe:

No actual momento, disse-nos S. S. **a única suspeita provável seria a de um reaparecimento da febre amarella, porem, em poucos casos notificados por clínicos como suspeitos** foram feitas todas as pesquisas necessária e **verificou-se tratar-se de modalidades patológicas da “gripe”**. Na febre amarella acrescentou S.S. não se fazem exames bacteriológicos por ser causada por um vírus filtrável. **Os exames tem sido feitos no Instituto “Oswaldo Cruz”** tenho informações seguras vindas daquelle instituto não ter sido verificada em nenhuma de suas pesquisas outra infecção alem da gripe. **Temos observado, adiantou o cientista, que esta moléstia se apresenta com varias modalidades clinicas dando causa a vários médicos desconfiarem tratar-se de uma outra moléstia**¹⁷⁴. (Grifo nosso)

Figura 7



Fonte: Imparcial, 10 de dezembro de 1918.

Mesmo Carlos Chagas e Carlos Seidl enfatizarem através da imprensa que a epidemia era apenas de gripe, muitos clínicos discordavam desta análise. Diante disso, matérias tentando explicar a origem da gripe continuavam a ser publicadas. Um dos estudos que ganhou uma atenção especial e foi publicado pelo jornal **A Imprensa**, era a descoberta do microrganismo causador da doença, que não era o bacilo de Pfeiffer e nem era a gripe. A etiologia se tratava de um:

¹⁷⁴ Imparcial, 10 de Dezembro de 1918.

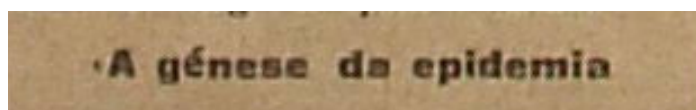
Micrococcus de Gram negativo que foi encontrado em todos os casos nos esfregaços e expultos naso-pharyngeanos.

Foi esse micro-organismo predominante. Com algum trabalho obtivemos culturas quase puras.

A inoculação do micrococcus de Gram negativo na mucosa nazo pharynge em duas pessoas sans produziu a moléstia sob a forma typica. Parece por isso que o micrococcus é provavelmente o organismo especifico seja só ou juntamente com o B influenza¹⁷⁵.

Caso alguma nota aparecesse no jornal explicando a etiologia da doença, não demorava a outras teorias aparecerem colocando não só a comunidade médico - científica em dúvida, mas também a sociedade como um todo que não sabia o que fazer diante da epidemia. O jornal **A Imprensa** passou a divulgar, em suas matérias diárias, uma coluna “A gênese da epidemia”, que dava todos os dias novas explicações para a etiologia da doença.

Figura 8



Fonte: A Imprensa, 21 de novembro de 1918.

A maioria dessas matérias sobre a gênese da epidemia eram reedições de publicações de outros jornais que circulavam no Brasil, principalmente da cidade do Rio de Janeiro e vinham com o cunho de fazer discussões científicas a respeito da gripe. Uma dessas publicações, em especial, destacava que a gripe nada mais era do que uma versão da peste bubônica com um enxerto de uma pneumonia pustosa¹⁷⁶. Essas publicações variavam entre das mais alarmantes as mais brandas.

Quando a epidemia de gripe aportou na cidade, pouco ou quase nada se sabia sobre a doença. Inúmeras teorias fizeram parte do cotidiano da doença, não só na cidade, mas também no mundo, fazendo com que a pergunta ficasse no ar: O que seria a Gripe Hespânica? Qual era sua natureza? Perguntas eram feitas nos jornais todos os dias e respostas também eram dadas. Entre acertos e desacertos, afirmações sobre a descoberta e a profilaxia para a epidemia, o que prevaleceu mesmo em Manaus foi o discurso de que o bacilo de Pfeiffer era o agente da gripe.

¹⁷⁵ A Imprensa, 06 de novembro de 1918.

¹⁷⁶ Imprensa, 23 de novembro de 1918.

Figura 9

Fonte: A Imprensa, 23 de novembro de 1918.

Em Manaus, a medicina acadêmica do século XIX, aos poucos conquistava os espaços e lutava para conseguir respeito e ser a detentora das práticas curativas. Sendo assim, com a chegada da gripe, esse espaço conquistado, sofreu um grande abalo, mesmo porque a medicina não conseguia conter o avanço e nem ditar uma profilaxia exata para combater a epidemia.

Nos jornais do Amazonas, as matérias vinham constantemente com explicações da comunidade médica internacional sobre o tratamento desse agente específico. As explicações médicas reforçavam que em seguida a simples gripe, aparecia a Influenza verdadeira e os seus sintomas podiam variar desde esfriamentos e mal estar geral, seguido de dor de cabeça e perda de apetite. O contágio se dava através das secreções da via respiratória. Indicativos da forma grave da Hespanhola eram: pouca urina, delírio e temperatura elevada, ela vinha sempre de uma melhora repentina, levando na maioria das vezes o indivíduo à morte¹⁷⁷.

A profilaxia por parte dos médicos do Amazonas, Galdino Ramos, Franco de Sá, Madureira de Pinho, Miranda Leão que eram integrantes de uma comissão nomeada pelo Governador para indicar medidas profiláticas e evitar a invasão da epidemia, eram recomendações que já haviam sido utilizadas séculos antes para tratar surtos, tais como: limitar o acesso a lugares e reuniões; a volta da quarentena; isolamento de doentes; desinfecção de roupas; irrigação de ruas; ensinamento dos meios de profilaxia individual; desinfecção de correspondências e suspensão de todos os exercícios que produziam a estafa ou facilitassem os resfriamentos¹⁷⁸.

Este cerceamento sobre a mobilidade humana, recomendada como profilaxia acabou servindo de sátira em algumas páginas jornalísticas que começavam a ver, nisso tudo, ideias

¹⁷⁷ A Imprensa, 13 de novembro de 1918.

¹⁷⁸ Amazonas Médico. **Op. Cit.**

estapafúrdias por parte da medicina oficial. O jornal **O Mínimo**, órgão humorístico, destacava em uma de suas matérias, a profilaxia da gripe. Nesta matéria, o repórter interrogava um empregado na Ponta do Ismael sobre como ter conseguido, entre todos os estabelecimentos de serviço público, não ter tido nenhum caso de gripe e o funcionário responde: é o sistema da estufa, ou seja, de estafa, “lá, quem não trabalha, morre de... gripe”¹⁷⁹.

O mesmo jornal para explicar a origem e a natureza da gripe, noticiou que a epidemia apareceu pela primeira vez no Monte Grappa, após as mais acuradas observações, chegaram a evidenciar que seus bacilos atacavam por grupos, não podendo haver nada mais “científico”, uma crítica pontual a proibições decretadas pelos médicos do estado contra aglomerações ou reunião de muitas pessoas¹⁸⁰. Dias depois, o jornal publica uma nota ressaltando as medidas tomadas contra a Influenza: “é proibido toda e qualquer reunião de mais de uma pessoa”¹⁸¹.

Muitas teorias foram utilizadas para explicar o aparecimento da Gripe Espanhola, seja no âmbito do discurso científico ou dos discursos populares. É possível observar que não foram somente os discursos médicos sobre a epidemia que foram aceitos pela sociedade, mas também o dos “conhecedores” da medicina das plantas da região. Esses não só deram suas definições sobre a doença, como disputaram na arena do poder da verdade aquele que teria o discurso mais forte, aceito e capaz de colocar fim a epidemia.

Várias tentativas de controle da doença foram utilizadas, tanto pela “Medicina Científica” quanto pela medicina popular. Nesse embate de medidas terapêuticas, a população manauense se viu perdida entre os discursos que ora versavam sobre isolamentos e expurgo, ora sobre rezas e chás.

2.2 – MEDICINA CIENTÍFICA *VERSUS* MEDICINA POPULAR

Logo após a confirmação da entrada da epidemia na cidade de Manaus, os jornais locais começaram a publicar formas de prevenção à doença ditadas pelos médicos locais. O asseio e a profilaxia individual eram os mais recomendados. Os velhos saberes conquistados com a teoria miasmática dos séculos XVII, XVIII e início do XIX pareciam ganhar, com a Gripe, um novo fôlego, até porque as principais recomendações médicas vinham com um

¹⁷⁹ O Mínimo, 24 de novembro de 1918.

¹⁸⁰ Idem.

¹⁸¹ Idem, 27 de novembro de 1918.

cunho de higiene pessoal, desinfecção de lugares (quartos, casas, lugares públicos), bem como a prática de isolamentos, limpeza de esgotos e aplicações de cal em lugares com mau cheiro¹⁸².

No entanto quando a gripe chegou a Manaus, não só a preocupação com a desinfecção de lugares ficou latente, como também formas preventivas de se evitar a doença. Entre essas formas preventivas estavam em disputas os saberes de uma “Medicina Científica” que adquiria cada vez mais espaço na sociedade, saberes populares que atravessavam gerações e saberes de uma ciência homeopática que queria conquistar seu espaço.

Quando a epidemia se alastrou pelos bairros de Manaus, a principal falta sentida pela população foi a de médicos para atender aos doentes. Essa ausência de médicos sofreu críticas principalmente por parte da imprensa de menor circulação. O jornal **El Hispano Amazonense** passou a reclamar da ausência de profissionais da medicina e de farmacêuticos na capital para atender a população, principalmente, aquela sem recursos para pagar¹⁸³. Diante dessa falta de médicos para atender na capital, a melhor forma que o Serviço sanitário achou para conseguir medicar a população foi através de notas publicadas nos jornais, não só no jornal oficial do governo, mas também nos de oposição.

A primeira publicação com o cunho de educar a população para se prevenir contra a gripe, foram os ditados pela medicina oficial. As informações contidas eram para que se evitassem apertos de mãos, aproximação com pessoas que espirrassem e tossissem, proibição para tocarem em objetos contaminados, as roupas de doentes fossem mergulhadas em água fervente e que cuidassem, especialmente, do asseio corporal, em especial dos dentes¹⁸⁴. Para as casas, as indicações médicas eram de que o assoalho fosse lavado, todos os dias, com uma solução quente de potassa nas paredes, pelo menos até ao meio¹⁸⁵.

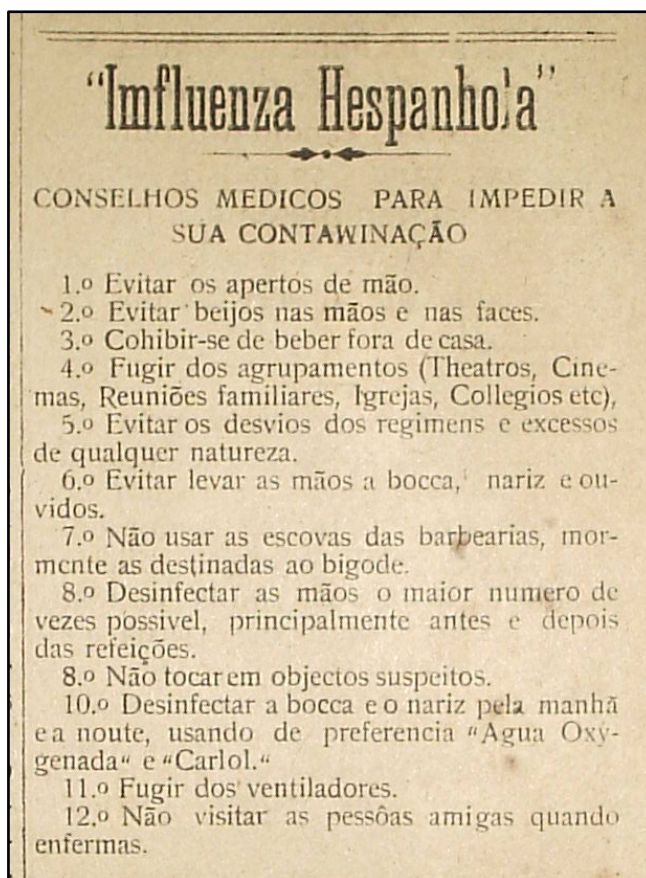
¹⁸² Na “Teoria miasmática” (as doenças provinham de emanções resultantes do acúmulo de dejetos), ou seja, se o ar estivesse infectado resultante de fermentação de substâncias vegetais e animais ficassem parados e não se renovasse e ele fosse respirado por muito tempo, conseqüências danosas poderiam ser esperadas. Essa teoria foi o paradigma dominante entre os estudiosos das condições de saúde, no séc. XIX.

¹⁸³ *El Hispano Amazonense*, 30 de novembro de 1918.

¹⁸⁴ *A Imprensa*, 07 de novembro de 1918.

¹⁸⁵ *Jornal do Commercio*, 09 de novembro de 1918.

Figura 10



Fonte: Gazeta da Tarde, 26 de outubro de 1918.

A primeira medida de ordem médica foi a distribuição de panfletos educativos e informativos nos jornais, todos com pedidos de que não acontecessem aglomerações e de higiene pessoal e com ordens expressas para que toda a população fizesse uso dessas normas, a fim de serem tomadas as medidas a tempo.

As medidas terapêuticas da medicina oficial, assim que a Gripe chegou à cidade de Manaus, eram prevenções e drogas já conhecidas no cotidiano da cidade, uma vez que os médicos acreditaram tratar-se de uma gripe comum. Os narizes e as bocas foram as partes do corpo humano que mais receberam atenção por parte desta medicina, até porque os médicos acreditavam que o micróbio da gripe entrava, exatamente, pelas vias aéreas. O mentol e a água oxigenada foram às armas que os médicos utilizaram para desinfetar estas vias.

São o nariz a bocca e a garganta os fôcos principaes de contágio. Evitemos: 1º Beijos, abraços e apertos de mãos. 2º Aproximação das pessoas que espirram e tussan. 3º Tocar em objetos contaminados e beber água fora da casa, a não ser em copo próprio. 4º Reuniões de sociedades comprehendendo theatros, cinemas, botequis e etc. 5º Levar as mãos a boca, nariz e ouvidos¹⁸⁶.

Junto com as formas de prevenção, foram publicadas, também, receitas médicas para tratamento da epidemia divulgadas pelo diretor do Serviço Sanitário, Miranda Leão, que destacava uma forma simples para tratar a epidemia com calomelano.

Tenho observado em muitos casos que o calomelano é abortivo da influenza, sendo aplicado a tempo, antes de aparecer a febre.

Preescrevo para um adulto: calomelano a vapor 0,20 cent. Em 1 cachete. Duas horas depois três quartos da formula da limonada de citrato de maysena.

Senão houver effeito, passando duas horas – um bock-injector de água morna.

Quando, há febre emprego a formula seguinte, sempre com bom resultado:

Toçao de Todd 20 grammas

Acetato de ammonia 8 grammas

Xarope de codeína 30 grammas

Mistura para tomar uma colher de duas e duas horas. Se a febre persistir, prescrevo:

Paulimas a a 030 cent

E nos intervalos, mando dar o seguinte:

Mangueira fluida 30 grammas

Satol 1 gramma

Aniodal para uso interno 30 gotas

Xarope de gomma 20 grammas

Ultimo para tommar de 1 colher de duas e duas horas.

Havendo complicação somente o medico poderá decidir.

J Miranda Leão¹⁸⁷

Para quem estava doente, mas já em convalescência por causa da doença, uma das receitas mais destacadas pedia que a pessoa não tivesse recaída, pois seria o mesmo que confirmar o atestado de morte. Os sintomas da recaída eram: “língua suja, corpo dolorido e enfraquecimento geral”¹⁸⁸. Para quem estava convalescente e não quisesse ter uma recaída, os preceitos básicos eram:

1º - **Ficar em casa em repouso, durante oito dias depois de terminada a moléstia.** Excepto nos casos muito benignos. E se a moléstia for grave, este período de repouso deverá ser muito maior.

2º - **Alimentar-se de caldos de frango ou de carne, caldo de cereaes, de legumes, mingaus,** café, leite, chá matte, pão torrado, bolachas de água e sal, etc... enquanto a língua estiver suja.

¹⁸⁶ A Imprensa, 04 de Novembro de 1918.

¹⁸⁷ A Imprensa, 11 de Novembro de 1918.

¹⁸⁸ Imparcial, 02 de dezembro de 1918.

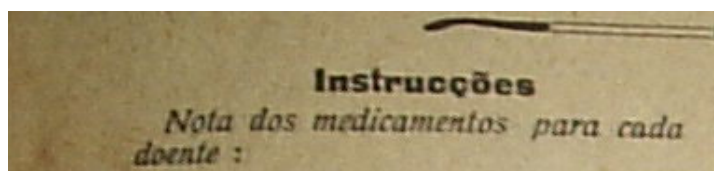
3º - **Fiscalizar o funcionamento do intestino.** Se houver prisão de ventre, fazer regulamente lavagens intestinaes com água fervida.

4º evitar resfriamentos

Victor Rodrigues Junior, diretor da Assistencia clinica¹⁸⁹. (Grifo Nosso)

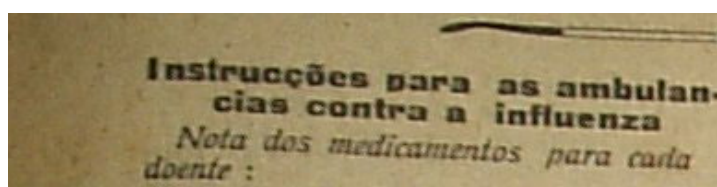
Receitas para quem estava acometido da doença e para as ambulâncias que atendiam a população eram, também, publicadas no editorial do jornal como uma forma de instruir a população e os serviços que eram prestados a ela. Esse método de informar a população de Manaus, contra a gripe, através de notas na imprensa e de panfletos distribuídos nas ruas, foi a tática que o Conselho Sanitário do Amazonas utilizou para alcançar boa parte da população, visto a ausência sentida dos profissionais de saúde na cidade.

Figura 11



Fonte: A Imprensa, 26 de novembro de 1918.

Figura 12



Fonte: A Imprensa, 27 de novembro de 1918.

A circulação de formas preventivas contra a epidemia e de receitas de remédios científicos pelos jornais de maior circulação acabou abrindo um leque para anúncios de inúmeras vertentes de práticas curativas. Vale ressaltar que a difusão de inúmeras práticas curativas pelos jornais, levou a classe médica de Manaus a publicar em todos os jornais que circulavam na cidade a melhor forma científica de combate à doença.

Diante disso, o Serviço Sanitário da cidade encarregou o médico Basílio Seixas de indicar, através dos jornais, a melhor forma científica de combate à doença. Para o médico, o

¹⁸⁹ Imparcial, 02 de dezembro de 1918.

principal tratamento consistia, num primeiro momento, administrar uma dose de laxativos, a fim de desinfetar o aparelho gastrointestinal, seguido de estimulantes “diaphoréticos” (acetato de amoníaco), analgésico associado a um tônico que se chamava febrífugo e uma mistura de aspirina, quinina e guaraná.

Notas informando o uso de medicamentos passaram a ser a arma que os médicos utilizaram para estabelecerem-se como os detentores do saber científico e oficial para o tratamento da Hespanhola. Através dessas notas, os médicos informavam não só o uso correto de cada medicamento ou fórmula, mas também desqualificava os outros saberes.

A sugestão da classe médica, por meio dos jornais, atacava pontualmente, ao que tudo indica, as práticas curativas até então utilizadas pela população carente de Manaus. Todavia, o acesso a essas práticas de curas científicas eram prejudicadas, porque o acesso aos remédios indicados custava dinheiro que a população mais carente não tinha para gastar.

As publicações do período demonstram que boa parte da população carente não tinha como seguir a risca tudo o que as notas médicas receitavam, acabando por fazer uso próprio das receitas divulgadas, o que levou alguns jornais a publicar informações sobre o uso correto de cada nota médica. Dentre essas receitas publicadas, havia uma que informava sobre o uso abusivo por parte da população de álcool e bebidas alcoólicas como medicamento.

É absolutamente errôneo o uso abusivo que tem sido feito em larga escala do alcoólico. As bebidas alcoólicas só valem quando prescriptas dozes tonificantes e, portanto só os médicos podem prescrever-as, porque só elles diagnosticam a moléstia com segurança. Indivíduos há que erigem mesmo a doença em pretexto fácil para ingerir o álcool, de mistura com limão e uma fórmula outras diversas, não sabendo que com isso deprimem o organismo, sujeitando-o mais depressa à infecção¹⁹⁰.

Após dias da entrada da epidemia na cidade, a quantidade de mortos crescente e a “Medicina Científica” não conseguindo uma fórmula eficaz contra a gripe, receitas de cura alternativas foram ocupando também as páginas jornalísticas. Lado a lado, receitas científicas estavam disputando espaço com outras não “científicas” que vendiam e ensinavam porções e fórmulas para o combate, prevenção e até a cura da Gripe.

Dessa forma, os remédios científicos passaram a dividir com outras receitas as notas mais importantes nos jornais, ganhando cada vez mais destaque e espaço nos periódicos as

¹⁹⁰ Imparcial, 08 de novembro de 1918.

práticas curativas antigas e populares. Acreditamos que isso ocorreu devido a grande necessidade de se ter medicamentos alternativos que pudessem auxiliar no momento de caos que reinou na cidade no auge da epidemia.

Após o médico Miranda Leão observar que as fórmulas científicas e médicas publicadas nos jornais estavam fazendo mais mal que bem à população (porque eram tratamentos para uma gripe comum) e devido à publicação de inúmeras outras receitas, muitas delas consideradas pela medicina científica como milagrosas e obscuras, o diretor do Serviço sanitário fez publicar uma nota no jornal **A Imprensa** sobre os remédios químicos e científicos que não estavam fazendo bem à população. Entre os medicamentos oficiais para combater a epidemia e que ficaram proibidos estavam: a antipirina, o Salicilato de sódio e a quinina em dose elevada.

Nesta doença, os rins são atacados fortemente, produzindo desde o começo a diminuição considerável da urina e as vezes a falta desta (anúria), o mesmo a supressão (uremia), segundo Dopter, além de hipertrophia e lesões de seus tecidos (Lemoine).

A antipyrina faz o papel de represa nos rins, é considerada bem a propósito como um *tapa-rins*, um estanca urina. Sendo a influenza uma infecção polybacillar, é necessário que haja franca eliminação da urina (...).

Neste caso a antipyrina por si so pode ocasionar todos os phenomenos mórbidos (...).

Nas mesmas condições se acha o salicylato de sódio, embora a formula contenha bi-carbonato de sódio, ou outros corretivos.

O salicylato augmenta as náuseas e vômitos, produz desarranjos no tubo digestivo, allucinações visuais e auditivas.

As doses exageradamente feitas dos purgativos, inclusive da quinina, da aspirina, do pyramido etc. ocasiona males consideráveis pelo que bem podemos dizer: ***é melhor que se não deem essas drogas aos atacados de Influenza.***

Não devem portanto, aplicar certos medicamentos sem ouvir a opinião de um medico¹⁹¹. (Grifo Nosso)

As indicações de remédios publicados nos jornais acabaram ocasionando uma procura nas farmácias por determinadas drogas, fazendo com que esses remédios sumissem das prateleiras. Como medida imediata após o fim do estoque de medicamentos na capital, o Governador do Estado, Alcantara Barcellar e o diretor do Serviço Sanitário, Miranda Leão, começaram a receitar formas alternativas de tratamento, como chás e infusões. Em via disto, os médicos da capital mudaram e começaram a medicar as pessoas através dos jornais dando informações principalmente de chás que poderiam aproveitar das propriedades medicinais de plantas da região.

¹⁹¹ A Imprensa, 28 de novembro de 1918.

O stock de medicamentos exgotou-se a esse tempo, sendo, então, publicadas pelo illustre Sr. Dr. João Coelho de Miranda Leão, Director do Serviço Sanitário do Estado, uteis informações sobre o aproveitamento das propriedades medicinaes de plantas de nossa flora no tratamento da influenza. Dos boletins, contendo medidas para a cura da moléstia, aquella directoria fez distribuição profusa¹⁹².

O Director do Serviço Sanitário, após muitas discussões científicas e de perceber que os remédios químicos não conseguiram seu objetivo de curar e proteger, e devido à profusão de receitas caseiras publicadas ganhando cada vez mais espaço na imprensa, achou melhor prescrever um chá que ele chamou de “grog”, que era uma mistura de bebida alcoólica, açúcar e limão, acrescentando outras ervas amazônicas para dar força, aumentar a urina, como purgativo e para tosse, sendo que para cada sintoma, uma erva diferente e o famoso escalda pés¹⁹³.

Quando houver hyperthermia (febre alta) é melhor recorrer a hydrotherapia, aos banhos quentes, loções de vinagre aromatico, ao **escalda-pés**, tudo isso preferível a qualquer antithermico.

A febre alta da influenza tambem cede com a **administração de um grog feito com uma xícara de água quente assucarada, o sumo de quatro limões e quatro colherinhas de qualquer bebida alcoólica.**

Cobre-se o doente para suar e repete-se o *grog* se a febre se mantiver elevada.

Se apezar disso não houver melhoras, é conveniente fazer irrigações do intestino com água fervida.

Se não houver melhoras é porque há serias complicações para os pulmões, as meningeas e etc, neste caso o escalda-pés pode prestar serviços.

Para sustentar as forças dos doentes, recorro ao **chá de canella**, casca preciosa e principalmente ás folhas de puxio ou de cravo da India.

Para provocar o augmento da urina (diurese) façam **chá da folha de embaúba** (o totem do Ceará), das folhas de rinchão, do **pipó-tuira**, etc.

Nos sítios do interior existe abundantemente o **pinhão de purga**, ou purgueira.

Cada fructo contem três sementes ou pevides e dentro uma amêndoa branca, oleosa, adocicada e um tanto ocre.

É nesta semente que reside a substancia purgativa, e é sufficiente pizar a metade de uma para se obter o effeito desejado, podendo repetir-se a mesma dose seis horas depois, se não houver dejecção com a primeira metade.

Tira-se por completo o envolvero ou casquinha preta que envolve a amêndoa, e depois pise-se antes de por numa xícara de água quente; coe-se em um panno e dê-se ao doente para beber este chá da amêndoa do pinhão.

Para as nauseas e mesmo para os vômitos uma colher de água quente pura tem produzido bom resultado.

Para a tosse o cozimento das **folhas do malvaisco**, (malva branca) e da casca do paricá ou anjico e as do jutahizeiro.

O doente enfraquecido na convalescia encontra o allivio com o uso da **infusão das folhas ou das cascas da quina** – quina.

J. Miranda Leão¹⁹⁴ (Grifo Nosso)

¹⁹² Mensagem do Governador a Assembleia Legislativa, 1919. P. 25.

¹⁹³ O escalda- pés era o suador mais utilizado em paciente com febre. Consistia em colocar os pés em balde de água quente, sem deixar a água esfriar. Após o paciente suar muito, era administrado um chá de limão, com ou sem álcool, e continuava coberto até molhar toda a roupa, para somente, depois, se despír, alimentar-se e dormir.

¹⁹⁴ A Imprensa, 28 de novembro de 1918.

A indicação do “Grog” pela medicina tradicional, em um momento tão conturbado e caótico da cidade, acabou servindo como um acalento doce. Já que para além da promessa de cura e prevenção, o paciente se sentia mais leve em dias tão perturbadores. A variedade de propagandas com venda de cachaça, bagaceiras e bebidas alcoólicas depois dessa indicação, aumentou nas últimas páginas dos jornais como possíveis curas e tratamento para a epidemia.

Após a profusão de propagandas para o preparado “Grog” e do uso e venda indiscriminado dos produtos de indicação médica, Miranda Leão voltou atrás quanto à indicação do preparado e dos banhos quentes, voltando a fazer indicação de produtos químicos para a epidemia. Para isso, ele fez circular na imprensa notas informando que esse preparado nem sempre produzia o efeito esperado e que nessa embaraçosa situação, não se podia abrir mão dos remédios químicos.

Na gripe nem sempre é possível livrar o doente da acção de certos productos chimicos. A febre alta não baixa com a applicação de um ou dois grogs quentes de limão; o banho a vapor ou o banho quente nem sempre é possível fazer, ou não produz o effeito esperado; as irrigações do grosso intestino com a água fervida pouco diminuem o calor da febre; os escalda-pés repetidos tornam-se intoleráveis para o doente¹⁹⁵.

Ressaltamos que tanto a medicina científica quanto as outras práticas curativas não conseguiram conter a Espanhola. A medicina oficial ia demonstrando fraqueza e desorientação, o que abriu espaço para que outra ciência começasse a conquistar os espaços vazios: a Ciência Homeopática. Esta “ciência” resolveu entrar na disputa dos saberes e da cura da gripe, passando a divulgar, também, na imprensa preceitos para a cura da epidemia.

A Homeopatia foi desenvolvida em 1796 pelo médico alemão Samuel Christian Friedrich Hahnemann (1755-1843), que começou a divulgar a teoria do princípio da Homeopatia através do livro *Órganon da Medicina Racional*, sendo que mais tarde esse livro passou a se chamar *Órganon da Arte de Curar*. O objetivo central da obra era desenvolver um método terapêutico baseado na “lei dos semelhantes” e nas doses infinitesimais. A primeira teoria se baseia que só se cura uma doença crônica pela superposição de outra, ou seja, era preciso colocar na doença, que se quer curar, o medicamento que produz uma doença artificial semelhante. Na segunda, utilizar doses diluídas, mas em quantidades massivas¹⁹⁶.

¹⁹⁵ Idem, 30 de novembro de 1918.

¹⁹⁶ A Homeopatia é uma palavra de origem grega que quer dizer doença semelhante. É um Sistema terapêutico criado por Christian Friedrich Samuel Hahnemann (1755-1843), que consiste em tratar as doenças por meio de

Como em todos os lugares onde foi desenvolvida e aplicada, a Homeopatia no Brasil não foi aceita principalmente por médicos da medicina convencional. Entre as polêmicas e disputas por espaço, a Homeopatia começou a se estabelecer no Brasil definitivamente a partir de 1840, quando surgiram as primeiras instituições que adotaram a doutrina homeopática.

Os médicos homeopatas acabaram adquirindo, no Brasil, uma estreita relação com a caridade e com os preceitos espirituais. Segundo a historiadora Liane Bertucci, foi graças a essa relação que a homeopatia encontrou empatia com a medicina popular que preconizava o uso de chás e ervas para tratamentos em geral e com o espiritismo. Isso se deu, em muito, devido à ligação com a cura religiosa ou “energizações”, como autora chama as heranças de cura africana e com as orações para os santos católicos brasileiros: “Uma medicina espiritualizada que foi facilmente identificada como uma medicina espírita”¹⁹⁷. Essa estreita ligação do Espiritismo com a homeopatia se deu através do médico alopata Adolfo Bezerra de Menezes que era espírita e aos poucos foi introduzindo a homeopatia como terapia de cura entre os doentes.

Durante o período da gripe em Manaus, a Homeopatia ganhou muitos adeptos. Facilmente era possível achar uma receita da Federação Espírita de Manaus ou mesmo propagandas de remédios homeopáticos combativos da gripe nos jornais. Não tardou para que as terapias, preceitos e formas de tratamentos homeopáticos também ganhassem seu espaço no tratamento da epidemia.

Um dos preceitos básicos para se prevenir da gripe através da ciência homeopática consistia em “camphora, para os que tinham necessidade de andar fora de casa e Arsenicum para os que ficavam em casa”¹⁹⁸. O remédio utilizado para o combate a Hespanhola era o Gelsemium, um medicamento que os homeopatas utilizaram para a prevenção e a cura da gripe. Esse remédio foi idealizado pelo médico homeopata Alberto Seabra de São Paulo e foi

substâncias ministradas em doses diluídas a ponto de se tornarem, por vezes, quantidades infinitesimais, que produz, em indivíduos sadios, quadros clínicos semelhantes aos que apresentam os doentes a serem tratados. Por isso o lema da escola homeopática, e "Similia similibus curantur", ou seja, tratam-se as doenças por meio de substâncias que, quando utilizadas numa pessoa sadia, produzem sintomas semelhantes aos da doença a ser tratada. Para a Homeopatia, a doença aparece por conta de um desequilíbrio da energia vital, que é a responsável pelo funcionamento do nosso organismo. O clínico homeopata não investiga somente os sintomas isolados. Ele procura tratar o paciente como uma unidade formada de corpo e mente que sofre a influência do meio externo (social e ambiental). É daí que vem a afirmativa de que “A Homeopatia trata o doente, não a doença”. IN: SOARES. Maria Lúcia Batoni. A homeopatia trata o doente e não a doença! IN: <http://www.jperegrino.com.br/artigos/80-a-homeopatia-trata-o-doente-nao-a-doenca-.html> acessado em 17/08/2012.

¹⁹⁷ BERTUCCI, Liane Maria. Op. Cit. p. 213.

¹⁹⁸ Jornal do Commercio, 23 de novembro de 1918.

feito a partir da raiz do jasmim amarelo. Em Manaus, era vendido na livraria Queiroz na Rua Marechal Deodoro e na Federação Espírita do Amazonas.

Figura 13



Fonte: Imprensa, 17 de novembro de 1918.

Nos casos mais graves da gripe, eram receitados pelos homeopatas: arsênico, *Beladona* e *Bryonia* juntas, quatro gotas de cada para uma colher de água, de quinze em quinze minutos. Em casos menos graves eram receitados *phosporus* e *licopodium* alternados e para os casos com problemas hepáticos, era receitado *Nux-vomica* e *Eupatorium*¹⁹⁹. Já os com sintomas de pneumonia, o receitado era *Acontium*, *Bryonia* e *Beladona*²⁰⁰.

É importante destacar que se o lema da homeopatia era tratar o doente e não a doença, ou seja, para cada pessoa, um diagnóstico, para cada caso, um caso, como então era divulgado na imprensa uma fórmula geral para o combate da gripe?

Não foi só a homeopatia que ganhou fôlego com as incertezas da medicina oficial, mas principalmente as fórmulas e receitas caseiras da medicina popular²⁰¹, isso devido à

¹⁹⁹“O Gelsemium apresenta em sua patogenesia um quadro clínico de prostração, fraqueza, tremores, calafrios e afecção febril de evolução lenta, o que lhes confere uma similitude com o quadro clínico da gripe. A patogenesia do medicamento Eupatorium está relacionada a uma similitude clínica com síndromes infecciosas do tipo gripal caracterizadas por sensação de dores musculares e ósseas como se os ossos estivessem quebrados; dores dos globos oculares com sensibilidade à pressão; hiperemia conjuntival, necessidade contínua de mudar de posição sem obter alívio, coriza com espirros, sede intensa de água fria e uma transpiração moderada” IN: EUPHEMIO. Márcia Luiza Lopes. **Indicação Clínica de Eupatorium perfoliatum e Gelsemium sempervirens em Epidemias de Gripe**. Homeopat. Bras. vol.8 · nº 501. 2002

²⁰⁰ Jornal do Commercio, 23 de novembro de 1918.

²⁰¹ A medicina popular aqui nesse trabalho se apresenta como uma alternativa às praticas oficiais. É importante definir que esses saberes populares não foram adotados pela maioria da população manauense somente porque não tinham recursos para a medicina oficial, mas também porque elas respondiam as necessidades e interesses de visão de mundo de um determinado grupo. Nosso papel aqui não é de destacar a relação de poder entre essas

familiaridade que a população da região tinha para com esta prática curativa. Notadamente, receitas caseiras começaram a se espalhar pelos jornais e vinham sempre em notas pequenas e rápidas, mas minadas pelos quatro cantos dos jornais.

Todas apregoavam quase sempre as mesmas fórmulas, modificando uma dose de açúcar a mais ou a menos e uma infinidade de plantas e ervas que podiam ser feitas como chás. Chás de sabugueiro, eucalipto, canela, olho da goiabeira, capim limão ou santo; carmelitana, malvarisco, embaúba, cipó-tuira e eucalipto eram as mais citadas²⁰². Entretanto, a receita que mais fazia sucesso entre as receitas caseiras era: chá de cabeça de alho e a metade de um limão espremido de duas em duas horas. Segundo as publicações, bastavam duas xícaras para controlar a febre²⁰³. Entre as muitas indicações das receitas caseiras, uma informava que o banho demorado fazia mal e o indicado era o banho rápido e com folhas de cipó alho²⁰⁴.

Outra receita popular, muito difundida, foi feita por um médico que atuava no interior do Tarumã e foi repassada para os jornais através do Serviço Sanitário. Foi divulgada pela imprensa como a receita caseira mais eficaz contra a gripe. O método de cura específico consistia num purgante de resina de jalapa, gargarejo com chá de olho da goiabeira e suco de limão²⁰⁵. Observamos que o limão era a preferência não só da medicina popular, mas também da medicina tradicional e seu uso foi tão intenso que chegou a faltar por diversas vezes na praça.

Outros tipos de práticas curativas populares para prevenção da gripe povoaram, também, as páginas dos jornais como: os rapés, que era indicação dos indígenas que atendiam a população fazendo remédios caseiros²⁰⁶, bem como dos supostos feiticeiros (segundo o jornal **A Marreta**) que atuavam na cidade e eram bem conhecidos. Dentre eles, o Américo que atendia na Ramos Ferreira e a Conceição, na Vila Rezende²⁰⁷ que faziam chás e rezas sobre o doente.

duas vertentes, mas de perceber a presença do hibridismo cultural que permitiu, no momento de caos, o saber popular influenciar e até modernizar a Medicina tradicional.

²⁰² Jornal do Commercio, 01 de dezembro de 1918.

²⁰³ Idem, 23 de novembro de 1918.

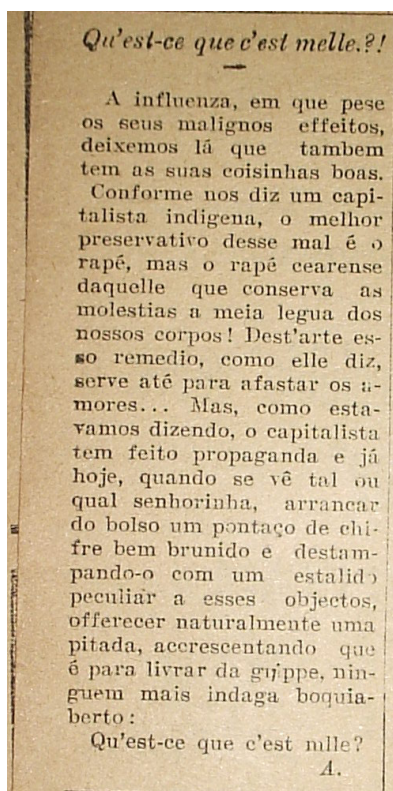
²⁰⁴ Idem, 28 de novembro de 1918.

²⁰⁵ Idem, 14 de novembro de 1918.

²⁰⁶ O Minuto, 07 de novembro de 1918.

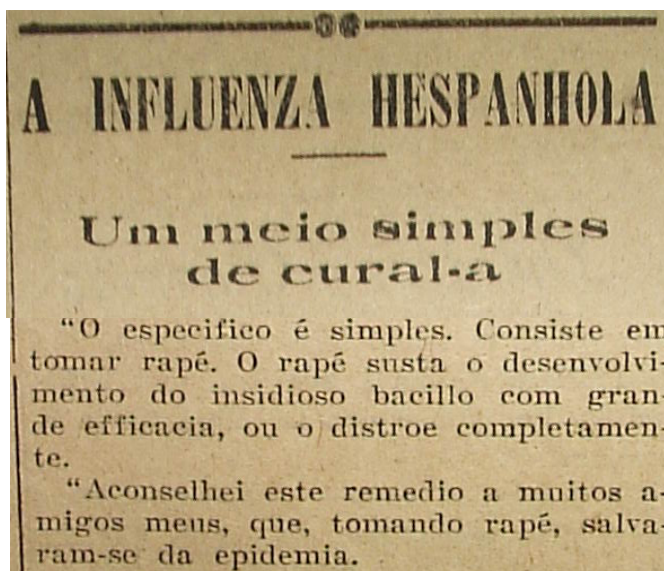
²⁰⁷ A Marreta, 22 de dezembro de 1918.

Figura 14



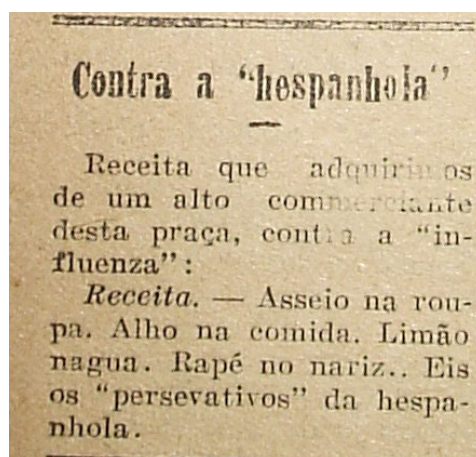
Fonte: O Minuto, data ilegível, de 1918.

Figura 15



Fonte: Imparcial, 12 de outubro de 1918.

Figura 16



Fonte: O minuto, 07 de novembro de 1918.

Devido à profusão de receitas caseiras e homeopáticas divulgadas pela imprensa local, a ciência médica resolveu contra-atacar e começou a anexar, em seu discurso, elementos das receitas caseiras e homeopáticas. Isso foi possível perceber no "hibridismo" aplicado as receitas oficiais que começaram a empregar em suas indicações químicas, chás de plantas da região e combinados homeopáticos como a Brionia. Um dos tratamentos consistia em utilizar água com bryonia (homeopatia), leite com limão (caseiro) e purgantes diluídos em água (medicina oficial)²⁰⁸.

No início da epidemia seria impensável misturar sabores tão diferentes. Mais diante de uma Manaus doente e em razão do discurso médico oficial ter começado a perder terreno, o melhor foi fundir os saberes para que a medicina científica se mantivesse como a detentora do conhecimento sobre as enfermidades. Nesse momento, a medicina científica adotou uma forma perspicaz de se comunicar com a população, principalmente através das páginas dos jornais. Isso, acreditamos, para manter-se detentora do discurso que poderia proporcionar o saber da cura e o domínio sobre a doença.

Notamos que as práticas alternativas só surgiram após a medicina científica se tornar impotente diante da epidemia. No início, a medicina teve até fôlego para acirrar uma disputa com outras práticas curativas e não perder, assim, a legitimidade de ser o saber acadêmico e científico das enfermidades, mas aos poucos, e diante da sua própria impotência, acabou abrindo espaço para outras práticas não oficiais, como a homeopatia, chás e rezas.

²⁰⁸ Jornal do Commercio, 21 de novembro de 1918.

A maioria dos medicamentos, no auge da epidemia, foram sintomáticos, ou seja, exclusivamente para tratar os sintomas comuns da gripe, como febre e dores pelo corpo. Alguns medicamentos foram largamente utilizados por esta medicina para aliviar o doente. Os mais utilizados foram: calomelanos, quinina e purgantes. A preocupação com os purgantes se deu exatamente porque os médicos, da época, acreditavam que se o intestino agisse regularmente e a eliminação de fezes fosse frequente, os micróbios da Gripe deixariam o paciente, daí a grande quantidade de purgantes utilizados pela medicina científica da época.

A homeopatia, como prática curativa não oficial, começou sua atuação na cidade em fins do século XIX. O que observamos, nesta prática homeopática, foi que os remédios homeopáticos para a Gripe Hespânica e os que se apresentavam como preventivos, para tratamento e cura da epidemia, eram os mesmos já utilizados pela Ciência Homeopática para a Gripe Comum, fato esse que lhe rendeu algumas críticas.

A medicina popular, quando apareceu nas páginas dos jornais, veio em excelente hora para a população carente, pois esta se viu cercada de instruções e de medicamentos da medicina científica, que não podiam ter acesso devido ao seu alto custo. Entre as rezas, chás de plantas, que podiam ser retiradas do quintal de casa, o manauense desfavorecido sobreviveu ou tentou sobreviver à epidemia. O discurso não oficial sobre a doença na sociedade ganhou força rapidamente e acabou dando legalidade e legitimidade a práticas que até então eram chamadas de superstição e curandeirismo.

Ao perceber as inúmeras formas terapêuticas que foram utilizadas pelos diversos ramos do saber, observamos que esses saberes mais do que conquistas, trouxeram perdas e derrotas e distribuíram impotências e frustrações para os homens do início do século XX.

A medicina oficial e científica, munida de saberes conquistados com o tempo e experiências, foi a primeira a sentir o impacto da epidemia em seu discurso autorizado. Entretanto, quando não conseguiu encontrar uma forma de obstar a propagação da doença, nem de conseguir uma receita capaz de amenizar o sofrimento dos doentes e nem evitar a quantidade de morte através do seu saber sanitário, deixou com que outros saberes ocupassem os espaços, entre elas os inúmeros chás e banhos ditados pela medicina popular e a homeopatia que dividia, cada vez mais, o espaço com a medicina autorizada.

A Gripe Hespânica, porém, parecia não ouvir e nem dar atenção às inúmeras práticas curativas. Levando a desmoronar não só os discursos da medicina científica como também da homeopática e da popular. A Gripe modificou não só a forma como o doente se

comportava diante da doença, mas principalmente a forma com que as inúmeras práticas curativas aprenderam a lidar com a epidemia.

2.3 – A ESCASSEZ DE ALIMENTOS

Um dos maiores problemas enfrentados pela população manauense doente foi a carestia de alimentos. Obter alimentos de primeira necessidade foi um dilema para aqueles que estavam encarando a doença, quer estivessem doentes, em convalescência ou na iminência de contrair o *morbus*. Como boa parte do comércio estava fechado e com a pouca circulação de dinheiro, a questão central oscilava entre a falta de alimento e a falta de dinheiro para comprá-lo.

Quando a Gripe alcançou seu auge na cidade, a falta de alimentos foi sentida mais fortemente não só para quem não possuía recursos, mas até para a população mais abastada. Faltava açúcar, carne, limão, café, frango e, principalmente, leite. Quando estes produtos eram encontrados no mercado, o preço era tão elevado que os tornavam inacessíveis, principalmente para a população pobre.

O preço do leite chegou a custar quase, no final da epidemia, três mil réis, o triplo do que estava sendo vendido, por exemplo, na cidade de São Paulo no mesmo período da epidemia²⁰⁹. Ressaltando que antes da entrada da gripe em Manaus o leite custava setecentos réis um aumento, com a epidemia, de aproximadamente 329% de ágio.

A grande taxa de mortalidade, no período epidêmico, não se deu somente pela moléstia em si, mas também pela carência de recursos financeiros para a aquisição de alimentos de primeira necessidade. Isso levou ao aumento considerável de mortes causadas por inanição, pois a população carente, já acometida da doença, sofreu também pela falta de alimentos básicos²¹⁰.

Os preços elevados na cidade de Manaus não eram notícias novas. Em 1917, a alta dos preços dos produtos alimentícios acabou sendo parte efetiva das reivindicações dos trabalhadores e tema de greves que se deram na cidade. A historiadora Maria Luiza ressalta em sua pesquisa que não eram só os trabalhadores que sentiam essa alta dos preços, mas a

²⁰⁹ BERTOLLI Filho, Cláudio. **Op cit.**

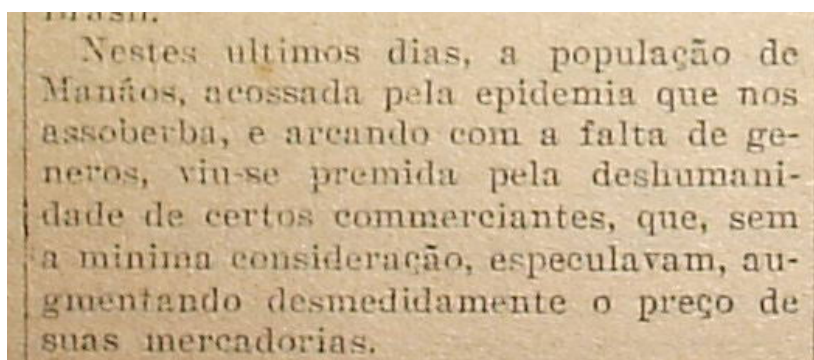
²¹⁰ A Capital, 18 de novembro de 1918.

população de uma forma geral e, segundo a pesquisadora, os preços elevados se davam porque os gêneros de primeira necessidade acabavam vindo de outras regiões²¹¹.

Com o passar dos dias da doença em Manaus, a cidade foi ficando cada vez mais sem recursos alimentícios. Cabe salientar que nesse momento de crise comercial e com o fechamento de grande parte do comércio, os jornais de oposição e da situação começaram a denunciar o aumento abusivo dos preços dos gêneros alimentícios. Os da oposição, acusando o Governo de não tomar nenhuma atitude contra os comerciantes e os da situação, denunciando a forma abusiva com que os comerciantes vendiam os produtos.

E irrisório. A baixa especulação aos nossos principais gêneros de alimentação, exercida por quem nunca tivera alma nem coração, atingiu ao auge; sabíamos que o leite, a commum lata desse produto de marca “Moça” ou “Águia”, vendera-se na praça de Manaós a três mil reis; que o preço do assucar augmentara escandalosamente, mas o que não sabíamos era que até a nossa chicarasinha do precioso café soffrera a influencia exploradora dos que tem feito a fortuna vendendo-a a cem réis²¹².

Figura 17



Fonte: Imparcial, 13 de novembro de 1918.

A inflação dos preços dos gêneros alimentícios acontecia devido a maioria dos comerciantes estocarem os gêneros, gerando uma demanda reprimida, causando, consequentemente, um forte aumento dos preços daqueles produtos que estavam disponíveis. Esses casos de aumento de preços dos alimentos não foram poupados pelas críticas dos jornais da época. O governo até ensaiou criar uma comissão, chefiada por Theophilo Medeiro, então inspetor de Alfândega, para controlar a situação. Essa comissão se encarregaria de

²¹¹ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925)**, Editora UFAM, 2003. P. 69/74

²¹² Imparcial, 28 de novembro de 1918.

controlar a venda dos alimentos em Manaus, mas ficou somente no papel, pois até o final da epidemia a cidade continuou com os seus preços elevados e a referida comissão não chegou a ser efetivada²¹³.

Alguns gêneros alimentícios em particular foram os que tiveram maior elevação de preços, em muito devido às disputas entre receitas científicas e receitas populares. Isso porque na maioria das indicações para alimentação do doente eram receitados os mesmos produtos²¹⁴. Entre esses gêneros alimentícios estavam: o café, o açúcar, o leite, o limão, os mingaus de farinha e derivados; folha de canela para feitura de chás e caldos, principalmente, de carne.

A carne foi a fonte de proteína mais consumida durante a epidemia, até porque o peixe foi proibido de ser consumido por quem estava gripado pela medicina científica. Dentre os alimentos de origem animal, o peixe acabou sendo considerado o mais pernicioso para quem estava acometido da gripe, ficando seu consumo proibido até o décimo dia de convalescência²¹⁵. Isso se deu porque a medicina alegava que a conservação do pescado se dava de forma muito precária (gelo e sal), fazendo com que o peixe apodrecesse rapidamente, podendo trazer problemas gastrointestinais ao doente²¹⁶.

Salientamos, no entanto, que o peixe era a fonte de proteína animal mais consumida pela população carente da cidade, que ficou impossibilitada, para além de não poder comprar os gêneros alimentícios básicos, também de consumir o que podia dentro do seu orçamento, ou seja: o pescado.

Diante de tanta especulação no mercado a respeito desses gêneros alimentícios, a população, que podia pagar pelos alimentos, começou a fazer estoques nas suas residências, principalmente de leite, o que fez com que o jornal **A Imprensa**, em determinado momento, solicitasse, através de uma matéria publicada, que as pessoas mais abastadas da cidade parassem de comprar leite, no intuito de não levar esse produto à escassez no mercado, dando a possibilidade para aqueles que economizaram comprar pelo menos um litro de leite para sua convalescência²¹⁷.

Mesmo com este pedido a quem podia comprar pelo leite, não foi possível evitar a sua escassez no mercado, o que fez com que inúmeras associações de caridade enviassem cartas ao Governador tornando até algumas públicas no jornal. A Federação Espírita

²¹³ A Imprensa, 12 de novembro de 1918 e Imparcial, 13 de novembro de 1918.

²¹⁴ A Imprensa, 11 de novembro de 1918.

²¹⁵ Imparcial, 15 de novembro de 1918.

²¹⁶ A Imprensa, 10 de dezembro de 1918.

²¹⁷ A Imprensa, 09 de novembro de 1918.

Amazonense, em uma dessas cartas, pediu ao Governador providências referente a um barco que estava chegando em Manaus trazendo leite. O Governador deveria requisitar da Associação do Comércio todo o seu estoque a fim de que o produto não fosse para a praça ser vendido a preço exorbitante e sim a preço de custo, principalmente aos doentes²¹⁸.

Entretanto, com vários pedidos feitos, tanto pela imprensa e associações, quanto por parte do Governo, para que este produto fosse vendido a preço baixo, a Associação Comercial, de posse desse gênero e de alguns artigos alimentícios que já haviam sido requisitados pelo Governo, entregou aos retalhistas as mercadorias que foram vendidas ao público. Assim, mesmo com tanta atenção voltada para a majoração de preços, nada foi feito efetivamente²¹⁹.

Figura 18



Fonte: Imparcial, 02 de dezembro de 1918.

Além das denúncias de escassez de leite, denúncias de leites e produtos adulterados passaram a ser corriqueiros durante este período. Enquanto o **Jornal do Commercio** destacava a venda de leite podre pela cidade²²⁰, o jornal **Imparcial** destacava a adulterabilidade de leite de gado feitos com a mistura de leite de castanha, maisena e água, sendo amplamente vendidas na rampa do Mercado Público²²¹.

Figura 19



Fonte: Imparcial, 26 de novembro de 1918.

²¹⁸ Idem, 02 de dezembro de 1918.

²¹⁹ Idem, 19 de novembro de 1918.

²²⁰ Jornal do Commercio, 23 de novembro de 1918.

²²¹ Imparcial, 26 de novembro de 1918.

Varias pessoas tem trazido ao nosso conhecimento o modo pouco escrupuloso porque está sendo feita a venda do leite na Leitaria Ramos, da avenida Eduardo Ribeiro, queixando-se de que em vez do leite puro o consumidor é obrigado a pagar agora com gomme e pedem para este abuso a intervenção das autoridades sanitárias.²²²

O **jornal do Commercio**, em uma de suas matérias sobre os problemas da alimentação, destacou que a escassez do leite chegou ao limite quando comerciantes passaram a vender o produto somente no copo. Quem quisesse comprar leite, teria que levar o copo ou tomar no bar, na mercearia, na leiteria ou no café. Fato que gerou muitas críticas, principalmente por parte da imprensa que viu nesse ato, um abuso, visto que nem todos os doentes podiam sair as ruas para comprar leite²²³.

Outro gênero alimentício muito procurado pelos convalescentes era a farinha que chegou a ser comercializada o preço mais caro que o do leite. O preço foi tão elevado que o Governador solicitou ao Tesouro Público dinheiro para comprar toda a farinha existente na praça de Janauaca e que o produto fosse trazido à capital para ser distribuída entre a população para fazer caldos²²⁴, principalmente o da caridade²²⁵.

Fora esses gêneros alimentícios terem subido de preços, a gasolina não resistiu à inflação de preços no mercado e também aumentou, dificultando o emprego de automóveis e barcos movidos à gasolina, que serviam de transporte para os doentes da epidemia²²⁶.

Devido a tanta especulação, os jornais começaram a publicar que o açúcar começaria a baixar de preço. Em uma nota no jornal **Imparcial**, o destaque ia para a chegada na cidade de 2.900 quilos de açúcar e, devido a este fator, provavelmente as especulações de baixa agiotagem que vinha sendo exercida na capital, cessariam.

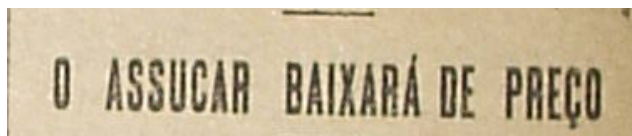
²²² Jornal do Commercio, 22 de novembro de 1918.

²²³ Idem, 19 de novembro de 1918.

²²⁴ A Imprensa, 21 de novembro de 1918.

²²⁵ O caldo da caridade era um recurso utilizado pelas índias para restabelecer as forças logo após o parto. Era/é feito com farinha de mandioca, sal, alho, pimenta do reino, cebola e água, levasse ao fogo e espera formar um pirão de consistência fina. Durante muito tempo esse caldo ficou restrito a utilização em mulheres no pós parto. Contudo, começou também a ser utilizado em pessoas gripadas que necessitavam restabelecer suas forças logo após intenso período doente. O nome caridade acabou surgindo em virtude da produção do caldo requerer poucos ingredientes e de fácil acesso principalmente pela população carente ou seja o caldo poderia ser feito pelas instituições e serviços de caridade ou vizinhos e oferecidos como caridade para o doente.

²²⁶ A Imprensa, 11 de novembro de 1918.

Figura 20

Fonte: Imparcial, 04 de dezembro de 1918.

Após inúmeras críticas da imprensa, do Governo, das associações católicas e espíritas, a Associação Comercial dos Retalhistas resolveu convocar uma reunião com os comerciantes de gêneros alimentícios para deliberarem sobre as inúmeras críticas lançadas contra o abusivo preço dos produtos. Nessa reunião, a Associação colocou a culpa nas praças exportadoras, assumindo o compromisso de estudar um meio para obter o barateamento dos gêneros de primeira necessidade, enviando para isso um memorial ao Governador contendo uma lista dos gêneros, cuja venda o Governo devia regular, fixando os preços que poderiam ser vendidos os ditos gêneros, salvaguardando o lucro de 20%²²⁷.

Entretanto, mesmo com todos os esforços da Associação dos Retalhistas, segundo seu relatório, nenhuma providência ou resolução foi tomada com respeito ao assunto, o que fez com que o público, e a opinião pública, incriminassem ainda mais o comércio retalhista.

Um fato que também contribuiu para o aumento do açúcar foi a veiculação de uma possível cura da tuberculose com a utilização do açúcar. A receita, para além de seu emprego na tuberculose, também foi utilizada na gripe, uma vez que era uma receita fácil de ser feita e de acesso para os farmacêuticos.

Methodo inventado pelo professor Italiano Dr° Lo Mônaco, escreve o dr. Lucien chassaigne sobre o modo de preparar as cinco grammas de assucar crystalizado com cinco grammas de água destilada.

Quer dizer: qualquer pharmaceutico tendo assucar de primeira e água destilada, pode perfeitamente preparar uma solução esterelizada injectavel, é para adultos e as injectões são intramusculares²²⁸.

O que observamos foi que os manauenses com medo da epidemia acabaram mudando seus hábitos alimentares. Sua dieta incluía ora as medidas profiláticas e indicações

²²⁷ Relatório da Directoria da Associação Commercial dos Retalhistas, 27 de dezembro de 1918. Typographia do Ca' e La'. 1919.

²²⁸ Jornal do Commercio, 06 de novembro de 1918.

terapêuticas ditadas pela medicina científica, ora a dieta da medicina popular, onde estavam incluídas as raízes e ervas amazônicas. Outro fator importante que determinou a alimentação no período epidêmico foi à escassez dos produtos de primeira necessidade, já que muito deles faltavam na praça da cidade e outros eram tão caros que não estavam acessíveis à maioria da população.

Foram muitas as dificuldades para se obter os alimentos de primeira necessidades, principalmente os citados. Eles não só ficaram caros, mas ficaram também escassos. Os apelos para as autoridades municipais e estaduais foram inúmeros através da imprensa para que acabassem com a especulação e os preços exorbitantes. Algumas medidas foram até tomadas pelos órgãos competentes, mas foram insuficientes diante do impasse instalado entre o consumidor e o fornecedor.

2.4 – O COMÉRCIO, OS LUCROS E A PROPAGANDA NO IMPÉRIO DA HESPAHOLA

Com o aparecimento da Hespahola e a ineficácia dos tratamentos caseiros e médicos não conseguiram surtir o efeito desejado, foi posto a disposição da população manauense, através dos discursos propagandísticos, uma infinidade de produtos para o combate da epidemia. Produtos que iam de cigarros e roupas, a bebidas e desinfetantes. Segundo as fontes jornalísticas, as farmácias ficavam lotadas em busca dos medicamentos anunciados pelas propagandas com eficácia no alívio das dores. Estas propagandas eram veiculadas tanto pela medicina científica quanto pela popular, que prometiam prevenção, tratamento e cura para a doença.

O jornal **O KCT** satirizou esse afã da população em tomar comprimidos aleatórios para se livrar da gripe, publicando uma matéria que troçava um homem que havia mandado preparar cápsulas de quinino para prevenção da gripe. Na hora marcada de buscar o remédio, o homem entrou “na pharmacia às pressas e encontrando no balcão alguns comprimidos pensando ser sua, tomou logo quatro pilulas e engoliu. Só não sabia que os comprimidos eram para prisão de ventre, causando logo uma influenza gástrica.”²²⁹

Diante deste tipo de procura desesperada por tratamento e cura, muitos comerciantes começaram a lucrar com a desgraça que atendia pelo nome de “Gripe Hespahola”. Isso

²²⁹ O KCT, 31 de outubro de 1918.

resultou numa enxurrada de propagandas e receitas que preveniam e tratariam a Gripe, tornando o nome da doença num produto lucrativo e rentável.

A partir daí, as propagandas, de olho na procura exagerada da população por remédios que as livrassem da doença, encontrou o momento oportuno para vender seus produtos. De repente, remédios que eram utilizados antes para curar e prevenir outros males, como que num passe de mágica, passaram também a ser utilizados para prevenir, combater e até curar a Gripe Hespânica. As propagandas, acompanhando a demanda, acabaram utilizando largamente o nome “Hespanhola” para aumentar as vendas de medicamentos que pouco, ou quase nada, faziam contra a Gripe. Esses medicamentos estavam antes da epidemia com as vendas em baixa. Como o caso do antisséptico Aniodol e o ferro bravais que foi utilizado para a covalência dos gripados.

Figura 21



Fonte: Jornal do Commercio, 17 de dezembro de 1918.

Figura 22



Fonte: Jornal do Commercio, 24 de agosto de 1918

É importante observar que para o comércio, no período da gripe, os remédios ganharam inúmeras qualidades para combater diversos tipos de moléstias: remédios até então vendidos para outros males passaram a ser utilizados no combate à Hespanhola.

Com a paralisação parcial do comércio, produtos com as vendas estagnadas em virtude da epidemia, e com o aumento das vendas de artigos contra a gripe, começaram também a utilizar a marca “hespanhola” e alavancar, assim, as vendas. Os anúncios eram claros: a ideia era vender seus produtos, fossem da indústria de bebidas, da farmacêutica e até do comércio em geral, como a venda de sapatos, ou mesmo propagandas de bar. O bar

Azevedo enfatizava temas como: caixões, cemitérios, medo e hespanhola, convidando o povo manauense para o tradicional bar da cidade. Conforme se pode observar abaixo.

Figura 23



CONTRA A GRIPPE
A Sapataria
BOTA INGLEZA
 acaba de receber pelo vapor OLINDA
 um grande sortimento de calçados
 impermeáveis para evitar a humi-
 dade, causadora da GRIPPE.
 Rua Municipal, 91. — Telephone,
 363.

“A sapataria Bota Ingleza, acaba de receber pelo vapor Olinda um grande sortimento de calçados impermeáveis para evitar a humidade, causadora da GRIPPE. Rua Municipal, 91 – Telephone 363

Fonte: Jornal do Commercio, 19 de novembro de 1918.


Figura 24



A HESPANHOLA
 Está terminado o flagello, acabou
 o terror, já ninguém falla mais. A-
 gora só se falla em sapatos para es-
 nhoras, dos quaes acabam de chegar
 as mais altas novidades para o Bleho
 dos Calçados.

Fonte: Jornal do Commercio, 15 de dezembro de 1918.

Figura 25




Ha muita gente quem diga
Que da grippe não tem medo,
Outros dizem: "é uma espiga"...
E destes é o Souza Azevedo.

Elle como bom commerciante
Leva a coisa á sério sem chalaça
E queimando tudo num instante
Convida o povo ao
FOGO SEM FUMAÇA.

MARECHAL DEODORO, 69 e 71
(Junto ao Itatyiaia)
AZEVEDO & Ca.

Fonte: Jornal do Commercio, 19 de dezembro de 1918.

Figura 26



Ha quem descubra minerios...
Outros dirigiveis e balões,
Hygiene e graça em cemiterios,
Arte e luxo em graves caixões.

Porem, ha melhor invenção,
Em que uma pessoa até se ása...
E' procurar um logar ao balcão
Do celebre **FOGO SEM FUMAÇA.**

MARECHAL DEODORO, 69 e 71
(Junto ao Itatyiaia)
AZEVEDO & Ca.

Fonte: Jornal do Commercio, 12 de dezembro de 1918.

O universo do comércio de nome Hespanhola teve vários produtos, vacinas, calçados, bolachas, cigarros, bebidas, remédios, etc. Entretanto, os campeões de propaganda nos jornais foram os cigarros e bebidas alcoólicas. Os taberneiros passaram a vender bebidas contra a gripe espanhola: no bar do X.P.T.O. era vendida a bagaceira do cacau e no bar do Azevedo, Whisky e bagaceira, com a propaganda publicada em todos os jornais dessa forma:

*“A influenza com seu baque Não nos faz perder a estribeira: A enfrentamos sem ter medo
Bebendo do bom conhaque Do bom Whisky e bagaceira Que só vende o Azevedo.”*²³⁰.

Figura 27



“(O PRESERVATIVO DA INFLUENZA)

Aromatizam o halito e tornam a boca perfeitamente aséptica, impedindo assim a entrada e proliferação do microbio da gripe (bac Pfeifer) A venda na tabacaria Boer. Avenida Eduardo Ribeiro nº 11 , Manãos”.

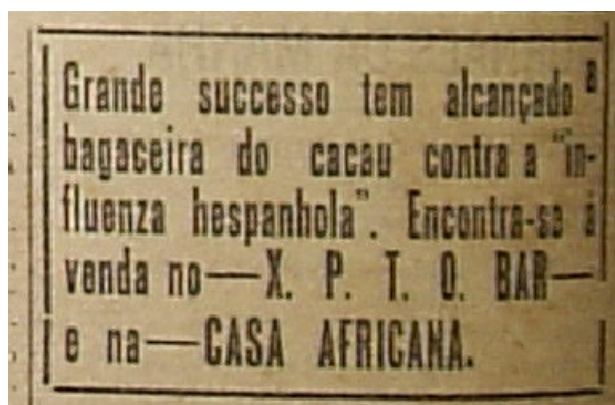
Fonte: Jornal do Commercio, 07 de novembro de 1918.

Figura 28



Fonte: Imparcial, 25 de outubro de 1918.

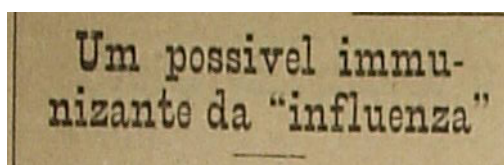
²³⁰ KCT, 31 de Outubro de 1918.

Figura 29

Fonte: Imparcial, 13 de novembro de 1918.

Além dos comerciantes de bebidas terem inundado as páginas dos jornais com propagandas de bebidas para o combate da epidemia, não tardou para que o apelo propagandístico de bebidas tivesse respaldo dos doutores. Uma propaganda que tivesse sua eficácia apoiada pela ciência acabava ganhando valor frente a outras propagandas sem o mesmo poder. Diante disso, os vendedores de bebidas se apoiaram em uma matéria que foi publicada no jornal **Imparcial** que enfatizava que a “experiência teria descoberto um imunizante?”. Nela, o articulista dava a informação reforçando que a experiência tinha sido feita com sucesso entre os alemães que bebiam cerveja.

Uma folha do sul toma que foi raro o allemão accometido pela “influenza”. Ora, esta mesma observação foi feita nesta capital e em Belem, não só relativa a allemaes aqui e lá residentes como a muitas outras pessoas. Mas o que é notável em tudo isso é que esse cidadãos fazem uso exclusivo da cerveja, nas refeições, ou fora dellas, de preferênciã a qualquer outra bebida, mesmo na terrível phase pestilenta. Isto posto, não será para acreditar-se que a cerveja pela sua composição na qual entram o lúpulo e a cevada, talvez seja um poderoso imunizante da gripe infecciosa?²³¹

Figura 30

Fonte: Imparcial, 09 de dezembro de 1918.

²³¹ Imparcial, 09 de dezembro de 1918.

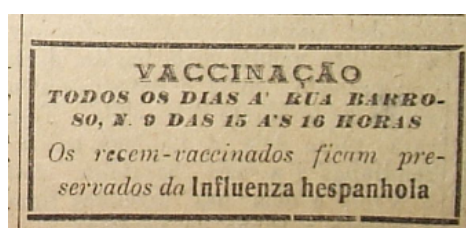
Muitos pareciam querer lucrar e se aproveitar da situação calamitosa para ganhar dinheiro durante no reinado da epidemia, isso foi possível notar na profusão de propagandas que os comerciantes, farmacêuticos, curandeiros e taberneiros fizeram publicar nos jornais.

Os Farmacêuticos começaram a vender, desde o início da epidemia, preventivos contra a gripe. Cada farmácia vendia um tipo de remédio diferente para todos os tipos de dores: a Studart começou a vender o Carlo²³², um tipo de xarope que no início da epidemia foi vendido como preventivo, logo depois como cura. Como a doença se alastrou rapidamente pela cidade e o xarope não dava resultados à farmácia, começou a vender vacinas²³³.

As vacinas antivariólicas foram vendidas como preservativos contra a gripe espanhola e foram altamente recomendadas através de notas nos jornais que continham respaldo de médicos conceituados e histórias de sucesso com a vacina. “Finalmente, offereço a consideração do publico brasileiro o meio prophylatico contra a gripe epidêmica preconizado pelo dr. Goldchimidt, sitado pelo professor G. Andre, da Universidade de Toulouse, meio fácilimo e ao alcance de todos. É a vacinação recente.²³⁴”

Entretanto, só quem podia pagar pelas vacinas seria a parte da população mais abastada, uma vez que os preços propostos por essas vacinas ficaram exorbitantes para a população carente. Somente a partir de dezembro, a vacina passou a ser distribuída gratuitamente para quem fosse, reconhecidamente, pobre e logo depois para a população em geral²³⁵.

Figura 31



Fonte: Imparcial, 24 de outubro de 1918.

²³² Imparcial, 24 de outubro de 1918.

²³³ A vacina que era utilizada contra a gripe espanhola era antivariólica ou vacina jeneriana que surgiu fins do século XVIII. Antes desta vacina se acreditava na variolização, ou seja, se um individuo pegasse e sobrevivesse a varíola, ele estaria imunizado. A vacina desenvolvida por Jenner foi desenvolvida a partir de observações da pústula desenvolvida pela vaca, que ao ser inoculada no homem, fazia surgir no local erupções semelhantes a da varíola. Dali era tirada a linfa para ser feita novas inoculações, formando-se uma cadeia de imunizantes. No Brasil, a vacina chegou ainda no século XVIII. FERNANDES, T.: ‘Vacina antivariólica: seu primeiro século no Brasil (da vacina jenneriana à animal)’. História, Ciências, Saúde — Manguinhos, VI(1): 29-51, mar.-jun. 1999.

²³⁴ A Imprensa, 23 de novembro de 1918.

²³⁵ Mensagem do Governador a Assembléia Legislativa, 1919. P. 22.

Figura 32

A influenza hespanhola
e sua prophylaxia

Segundo ouvimos, muito se recommenda a excellencia do Carlol, como preservativo da grippe, a terrivel enfermidade que nos ameaça em caracter epidemico. Esse preparado e prescripções para seu uso encontram-se na conhecida pharmacia Studart, á avenida Eduardo Ribeiro.

Fonte: Imparcial, 24 de outubro de 1918.

Com o mesmo poder apelativo das outras propagandas, os medicamentos antes utilizados para outros males como o Biotonico Fontoura, o Bromil, Carlol, Emulsão de Scott, pastilhas Valda e Tricalcine, passaram a ser utilizados para combater, revigorar, restabelecer forças e, principalmente, aliviar os sintomas causados pela gripe.

Figura 33

A GRIPPE
e a INFLUENZA

Espanhola ou de outra qualquer nacionalidade.
Evita-se, tomando diariamente, pelo menos, tres calices de

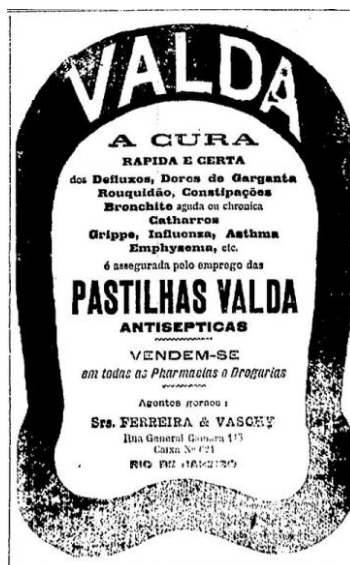
Quinado Cálem

Nos principios de constipação, symptomas de "Grippe" e da "Influenza", deve usar-se a seguinte formula,

QUINADO CALEM: Suas partes:
Água com assucar: uma parte. Aquecer em segulda, sem ferver, e toma-lo tão quente quanto possível.

Fonte: Jornal do Commercio, 26 de outubro de 1918.

Figura 34



Fonte: Jornal do Commercio, 17 de agosto de 1918.

Como visto, a disputa de lucros não se deu somente entre os comerciantes e vendedores de remédios, mas, principalmente, entre comerciantes de gêneros alimentícios e de produtos em geral. Segundo alguns jornais o comércio, as farmácias e os comerciantes de medicamentos intensificaram suas vendas durante o período tétrico, mas aqueles que vendiam produtos variados foram, sem duvida, os que mais se adaptaram ao novo cenário. Houve um aumento considerável de propagandas nos jornais de produtos variados, fossem eles medicamentos ou acessórios (chapéu, cachaça, biscoito, torradas, roupas) utilizados durante a epidemia com o rótulo da “Hespanhola”.

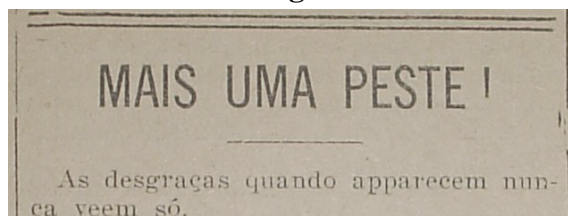
Figura 35



Fonte: Imparcial, 16 de dezembro de 1918.

É possível notar que essas propagandas exploram a sensação de medo causada pela epidemia visando praticamente o lucro, mesmo que tenha sido através da ironia. As propagandas do comércio Vinte e Dois Paulista revela bem essa exploração:

Figura 36



MAIS UMA PESTE!

As desgraças quando aparecem nunca veem só.

Assim está acontecendo no Amazonas, tudo se conjuga contra elle, já não ha peste que o não persiga! Quando julgava Manãos saneado, surge mais o posto das Queimações! A peste das Liquidações! O que nos vale é que esta não é fulminante, mas é massadora, é mesmo uma *migalhinha*. Aos nosso clientes aconselhamos o seguinte preservativo: - cautella com a isca, as queimações inventadas só servem para vender caro! Queimação real, queimação com motivo, queimação definitiva, só a do VINTE E DOIS PAULISTA. Estas sim, porque o complot dos cooperativistas mandaram-lhe um ultimatum. Em 31 de Março termina o praso para entrega da casa. É este o motivo porque vendemos tudo por menos do custo. As nossas mercadorias estão marcadas com os preços antigos e os actuaes. As diferenças são fabulosas! Mas é só no VINTE E DOIS e na PAULISTA.

O discurso da desinfecção foi um dos grandes elementos combativos da peste, quer nos grandes centros de reunião, quer nas repartições e nas casas. Logo no início da entrada da epidemia, os jornais passaram a fazer reclamações sobre ruas e casas com mau cheiro. Não demorou para que as últimas páginas dos jornais fossem inundadas com propagandas de desinfetantes.

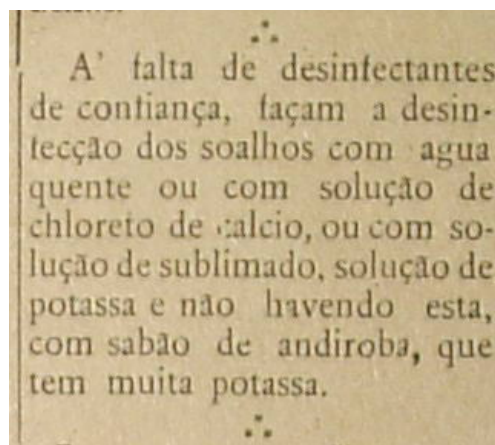
Figura 37



Fonte: Jornal do Commercio, 23 de novembro de 1918.

Devido a essa inundação de propagandas de desinfetantes para o combate contra a gripe, notícias de reclamações sobre produtos desinfetantes falsificados foram também as notícias correntes daqueles dias. Em virtude disso o serviço sanitário começou a divulgar formas caseiras de limpar o assoalho, com soluções de cloreto de cálcio sublimado e potássio.

Figura 38



Fonte: A imprensa, 15 de novembro de 1918.

Mesmo após as notas de publicações diárias informarem o uso correto de desinfetante, industrializados ou caseiros, não demorou para que o seu uso fosse desaconselhado, isso porque o número de mortos nas casas desinfetadas, principalmente por creolina, só aumentava. Por causa disso, o Serviço Sanitário resolveu proibir o uso de desinfetantes²³⁶.

Na mesma linha de desinfetantes, mas os utilizados para higiene pessoal, “o sabão russo” ganhou reforço, não só porque utilizava o poder do discurso propagadístico, mas também porque em seu discurso havia o respaldo de médicos conceituados, que aconselhavam a higiene do corpo com o respectivo sabão: “aconselhamos por nosso intermédio que toda a população do Brasil ao tomar banhos quente ou frio, use-o “sabao russo” por ser o mais higiênico e desinfectante para pelle. Usar evitará a transmissão de todas as terríveis pestes.”²³⁷

²³⁶ A imprensa, 21 de novembro de 1918.

²³⁷ A Imprensa, 27 de novembro de 1918. Observamos que os títulos de doutor respaldando os produtos davam credibilidade aqueles que eram vendidos na praça a mais de cinco anos, mas no período da gripe esses medicamentos se apresentavam com as mesmas fórmulas, mas com um diferencial, sendo também possíveis preventivos e curadores da epidemia.

Essa prática de utilizar em propagandas de produtos contra a gripe o respaldo de médicos conhecidos foi muito aproveitada, principalmente, por produtos de higiene ou fortificantes. Mesmo após a passagem da gripe pela cidade, ainda tinham aqueles que lucravam com ela. O saber científico se emprestava, novamente, como fiador para propaganda de produtos para alopecia. Isso ocorreu com os produtos que foram produzidos para impedir a queda de cabelo, para os que sofreram com a epidemia, aumentando, assim, o consumo de loções indicadas pelos médicos.

Figura 39



Fonte: Jornal do Commercio, 06 de março de 1919.

A imprensa, de uma forma geral, foi a maior anunciadora não só da epidemia, mas como, também, dos produtos relacionados a ela. As propagandas, mais do que buscar ajuda para a cura e prevenção dos doentes, pensavam nos lucros e benesses trazidas pela doença.

CAPÍTULO III: *A grande Necrópole: Manaus diante do medo e da morte.*

“Todos os homens tem medo. Todos. Aqueles que não têm medo não são normais, isso nada tem haver com coragem” (SARTRE).

“O desenvolvimento da epidemia era já assustador. Desorganizaram-se os serviços; por toda a parte a desolação, o pavor, o lucto e o ruído terrificante e sinistro dos caminhões para o cemiterio” (Pedro Alcântara Bacellar)

3.1 – CENAS DO COTIDIANO E DO COMPORTAMENTO COLETIVO NA PASSAGEM DA “DANSARINA” EM MANAUS

Ao primeiro anúncio da gripe espanhola na cidade, notamos certa ambiguidade na postura da população manauense frente à epidemia; ao mesmo tempo em que a maioria da população acreditava nos discursos médicos que vinham da capital da República sobre a não letalidade da gripe, também enchiam as farmácias e tomavam vários medicamentos preventivos para todos os tipos de males e assim evitar o mal que se aproximava. Em algumas passagens jornalísticas, é possível até notar a tranquilidade dos manauenses e até a confiança de que a epidemia não atingiria a cidade da mesma forma com que já atacava alguns estados brasileiros.

Essa tranquilidade era sentida nos bares, cinemas, escolas e casas comerciais abertas que ainda permaneciam com suas programações diárias, todas em pleno funcionamento. Manaus parecia não ter visto na entrada da gripe um problema que pudesse ser preocupante, os ares em meados de outubro ainda eram de tranquilidade e normalidade, mesmo com notícias diárias de contaminação e mortes nos estados já atingidos pelo *morbus*, principalmente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

Os discursos da benignidade da doença ecoavam nas ruas da cidade. Tanto os médicos, quanto os poderes públicos divulgavam amplamente essa informação. Nesse ínterim, as informações que eram divulgadas diariamente pelos jornais, mantinham-se na ordem de como se evitar o contágio, reforçando a ideia de que caso a população se ativesse as regras básicas de higiene estabelecidas pelas autoridades médicas manauenses, a cidade e a população estariam assim salvas da propagação da doença e de seu iminente contágio no espaço citadino.

Todavia, com o passar do tempo, principalmente a partir da primeira semana após a entrada oficial da epidemia, as feições da cidade mudaram drasticamente; pânico e medo começaram a ditar as novas relações que permearam o comportamento e o cotidiano da cidade. No início de novembro e com a divulgação de tantos casos confirmados, aquela aparente tranquilidade de meados de outubro parecia ruir junto com a rotina da urbe. As casas de diversões estavam sendo fechadas, onde havia circulação de vozes e pessoas, instalou-se o silêncio e o abandono. O comércio, nos meses de novembro e dezembro, ficou quase “totalmente” paralisado, salvos alguns pontos comerciais que vendiam gêneros alimentícios

com o preço exorbitante e as farmácias que vendiam suas fórmulas para o alívio dos transtornos que a gripe causava ou até mesmo para a sua prevenção.

A desorganização da normalidade do cotidiano²³⁸ na cidade ia desmoronando conforme a divulgação dos novos casos da doença. Os jogos desportivos paralisaram, suspenderam-se as aulas e o comércio, aos poucos, fechava suas portas. Inúmeros anúncios de fechamento de estabelecimentos comerciais foram publicados. Estabelecimentos conhecidos tradicionalmente foram fechando em virtude dos empregados e dos próprios donos estarem acometidos pela doença. A Manaós Harbour, em meados de Novembro, funcionou somente pela parte da manhã e interrompeu inúmeras vezes seus serviços durante esse mês. O jornal Nação Portuguesa deixou de circular a partir do dia 21 de novembro, só retornando após 10 de dezembro; o restaurante Veneza paralisou seu funcionamento quase todo o mês de novembro, bem como o Café Marques, o restaurante Lauro Sodré e a fábrica Mimi que deixou de produzir pães quase todo este mês.

A vida na cidade estava ficando insustentável e devido à baixa circulação de pessoas, os principais bares e estabelecimentos comerciais não suportaram mais a falta de compradores e fecharam suas portas, como o botequim Porto Arthur, na Avenida Epaminondas, a padaria Luzitana, da Rua Dos Andradas e o hotel Ships-Chandler que fechou suas portas devido ao grande número de seus trabalhadores estarem acometidos pela gripe²³⁹.

Todas as repartições públicas municipais, estaduais e federais fecharam suas portas a partir do dia 19 de novembro de 1918. Mas, entre tantos fechamentos na cidade, o que causou bastante transtorno para o manauense foi o fechamento do Mercado Público Municipal e o Matadouro. O Mercado Público Municipal fechou em virtude de todos os trabalhadores da localidade terem se recusado a permanecerem no local devido à enorme quantidade de transeuntes e consumidores doentes que apareciam para comprar “carne verde”, o que transformava o lugar num centro irradiador da epidemia²⁴⁰. Restabeleceu-se a relação de comércio no Mercado somente a partir do final da última quinzena do mês de novembro, o

²³⁸ O cotidiano é entendido, neste trabalho, como o espaço da cidade que possui uma plasticidade, onde são construídos e elaborados, através do processo de socialização dos indivíduos, as práticas sociais como: formas de comportamentos, táticas de sobrevivência e principalmente a inventividade dos mais fracos diante do inesperado. É importante destacar que, para o autor, há uma distinção entre espaço e lugar, sendo a atividade que qualifica o espaço, tornando-o lugar. In: CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Vol. 1: artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1994.

²³⁹ Jornal Imparcial, Jornal do Commercio e A Capital do mês de novembro de 1918, que noticiavam seus fechamentos e motivos nas 2ª e 3ª páginas dos jornais.

²⁴⁰ Imparcial, 27 de novembro de 1918.

que só ocorreu devido às inúmeras intervenções municipais e estaduais para que não ocorresse a interrupção definitiva da distribuição de alimentos.

Devido à baixa circulação de moeda durante esse mês, inúmeras foram as solicitações de dispensas do pagamento de aluguéis na cidade de Manaus. Os inquilinos pediam ajuda do Governo para que interviesse junto aos proprietários de casas e comércios para que não cobrassem o aluguel do mês de novembro, pois devido à epidemia e a confusão que reinou na cidade, tudo ficou paralisado, ficando os inquilinos impossibilitados de pagarem os aluguéis e conseqüentemente, as multas referentes ao atraso do pagamento. Após longa conversa com os órgãos competentes e entre inquilinos e senhorios, ficou estabelecido o não pagamento dos aluguéis do mês de novembro, fato este que só pode ocorrer depois do dia 14 de dezembro de 1918, momento em que o comércio começava a se reerguer novamente depois do surto epidêmico²⁴¹.

A cidade de Manaus estava, no último bimestre de 1918, “remando contra a maré”. A Beneficente Portuguesa²⁴² estava lotada e passou a não aceitar outros doentes, os comitês de salvação não funcionariam mais e o último golpe para a população foi o fechamento do maior e único hospital público da cidade: a Santa Casa de Misericórdia, que não aceitou novos doentes gripados a partir do dia 2 de novembro²⁴³.

Na medida em que a gripe se alastrava pelos quatro cantos da cidade e em razão da ausência de poder público sendo sentida nos bairros como: São Raimundo, Educandos, Cachoeirinha e os mais distantes como: Chapada, Bilhares, Flores e Colônia dos Franceses, foram sendo noticiadas nas páginas dos jornais cenas inesperadas de medo da população diante da gripe. O jornal **Imparcial** informava, no dia 5 de Dezembro, haver inúmeros espanholados pelas zonas suburbanas da cidade, onde famílias inteiras acometidas pela doença estavam morrendo²⁴⁴. Esse quadro não foi só percebido pelos jornais, mas também pelo médico chefe de higiene municipal, Alfredo da Matta:

A mortalidade embora enorme e favorecida, quiçá e por vezes, por causas imprevistas, a que serve de exemplo famílias inteiras grippadas que ficaram sem auxílios prestos e rápidos por não terem ellas uma pessoa sequer que podesse sair a rua e pedir providencias²⁴⁵.

²⁴¹ Jornal Imparcial e do Commercio no mês de Novembro.

²⁴² Idem, 02 de novembro de 1918.

²⁴³ A Imprensa, 03 de novembro de 1918.

²⁴⁴ Imparcial, 05 de dezembro de 1918.

²⁴⁵ Relatório apresentado ao Superintendente municipal Antonio Ayres de Almeida Freitas pelo médico Alfredo da Matta sobre as ocorrências de 01 de outubro de 1918 a 28 de fevereiro de 1919. Página 21.

É importante notar que a zona suburbana da cidade, compreendida pelos bairros Chapada, Colônia dos Franceses, São Raimundo, Educandos e Cachoeirinha, viviam sob condições básicas e de sobrevivência mínimas. A falta de poder público nessas localidades, somada à falta de alimentos, de água e de moradias adequadas acabou deixando o organismo desses indivíduos residentes nestes bairros debilitado e conseqüentemente, propício a doenças. Portanto, quem morava nesses bairros sentiu mais intensamente os efeitos da epidemia de gripe. Estes corpos já fragilizados, ao se depararem com a Gripe Hespânica, uma doença desconhecida, que não aceitava os remédios e nem as medidas profiláticas, geraram nesses bairros carentes verdadeiros cenários mefistofélicos²⁴⁶.

A forma como a população dos bairros carentes de Manaus sentiu os efeitos da epidemia eram completamente diferentes dos sentidos pela área abastada e central da cidade, com condições de terem repouso, alimentação e medicamentos. Delumeau, ao analisar a representação mental das epidemias através dos quadros de Nuremberg e Munique, percebeu que as flechas mortais lançadas pelo céu em direção à cidade, atacavam indiferentemente a todos, no entanto ao analisar os documentos, o historiador percebeu que essas mortes não haviam sido tão democráticas assim, pois dizimava com maior intensidade as pessoas pobres²⁴⁷.

Devido aos inúmeros casos de Gripe Hespânica já relatados na cidade e da falta de controle do Estado sobre a epidemia, os médicos da capital, em uma tentativa de debelar o mal, começaram a pedir a população manauense que usasse o costume das festas tradicionais de São João e São Pedro do mês de junho: de manter uma fogueira em frente as suas casas. Aqueles que assim o fizessem, o Governo forneceria ramos de alcatrão para serem queimadas junto às chamas. Dessa forma, a população acabou sendo intimada a ajudar na profilaxia da cidade, assim como faziam o Estado e o Município nas principais ruas da cidade ou nos principais pontos da proliferação da doença, onde eram levantadas grandes fogueiras para a queimação do alcatrão. Uma ficava constantemente em frente ao Cemitério São João e outra, na Praça Antonio Bittencourt, pois os médicos acreditavam que o alcatrão tinha um alto poder desinfetante do ar²⁴⁸.

²⁴⁶ Mefistófeles, o diabo, personagem do drama Fausto, de Goethe, que faz um pacto com Fausto. Pacto este rompido pelo diabo, transformando a vida do protagonista num verdadeiro inferno na Terra. Portanto, Mefistofélico remete-se a uma situação diabólica e sarcástica, igual a vivida pelo personagem Fausto.

²⁴⁷ Verificar Delumeau quando analisa as “imagens de um pesadelo”. In: DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente**: 1300 – 1809. Uma cidade sitiada. Companhia das letras, SP, 1989. PP. 112-117.

²⁴⁸ Jornal do Commercio, 20 de novembro de 1918.

O passar dos dias na capital do Amazonas cercada pelo medo e pela Gripe Espanhola tornou-se cada vez mais abatida e silenciosa, com os vários setores de atividades da sociedade fechados: escola, igrejas e comércio. Enquanto o cotidiano da vivência desmoronava com a Espanhola, o medo da morte foi aos poucos tomando conta da população manauense que tentava fugir da doença de todas as formas. Quando uma pessoa contraía o *morbus*, tanto o poder público a abandonava quanto os próprios vizinhos, pois com medo de adquirirem a doença se fechavam em casa e proibiam a entrada de qualquer pessoa que estivesse doente.

Na Exposição da Intendência, no relatório sobre as atividades do intendente do município, sobre a epidemia, o medo também estava presente:

“A violência da gripe, com manifestações insólitas e gravíssimas, obedecendo assim ao polymorphismo de suas manifestações pathológicas, a ausência de socorros organizados e de severo regime dietético, materialmente impossível durante dois a três dias, produziram até o terror forçoso é confessar, visto as centenas, e milhares de pessoas atacadas repentinamente.

[...] com as tenebrosas impressões daqueles dias de novembro tristes.”²⁴⁹

A vida da cidade não estava fácil. Além da epidemia que matava parte da população, principalmente a carente por falta de alimentação adequada e péssimas condições de moradia, na última semana de novembro uma tempestade²⁵⁰ desabou em Manaus dificultando o acesso das ambulâncias e dos socorros apropriados para os bairros mais distantes. Este incidente resultou em muitas mortes durante a semana, sendo possível contabilizar em um único dia oitenta e dois mortos. Metade foi enterrada no cemitério do Mocó, a outra nos outros dois cemitérios clandestinos, onde a população, segundo o jornal **Imparcial**,²⁵¹ teimava em sepultar seus mortos.

Se enterrar os mortos passou a ser difícil para a população em meados de novembro, perder os laços e relações com vizinhos, parentes, amigos, foi um dos grandes problemas que a população manauense, no decorrer do mês de dezembro, teve que lhe dar.

Depois que a população se viu diante de uma doença que não entendia, não sabia explicar e nem sabia como curar, o pânico começou a tomar conta de Manaus. Iniciou-se o medo das coisas mais rotineiras do cotidiano, do medo da eminência da morte, medo da

²⁴⁹ Exposição apresentada a Intendência Municipal de Manáos pelo superintendente Dr. Antonio Ayres de Almeida Freitas. 1919. P. 20.

²⁵⁰ Mensagem do Governador a Assembleia Legislativa, 1919. P. 19

²⁵¹ Imparcial, 22 de novembro de 1918.

simples passagem do caminhão de lixo que chamava atenção dos urubus²⁵² (símbolo do mau agouro), de contrair a doença no ato de conversar com outras pessoas. O medo da morte tornou-se mais presente, morria-se em qualquer lugar, nas ruas, nas casas, em frente aos cemitérios e nas Igrejas.

Este pânico foi tomando conta aos poucos da população durante o mês de novembro e em dezembro alcançou seu ápice, deixando a cidade abandonada devido ao receio que seus habitantes tinham de sair de casa²⁵³. Caso saíssem, o faziam correndo para comprar remédios, fossem eles para qualquer sintoma, o importante era não contrair a doença. O Jornal **A Marreta** satirizou o pânico que tomou a cidade relatando histórias de desespero da população diante do inesperado, contando casos de pessoas que iam à farmácia e tomavam qualquer comprimido na esperança de não morrer²⁵⁴.

Inúmeros casos contando dramas encenados pelas pessoas comuns também foram satirizados pelos jornais diários, dentre eles destacamos dois: um deles conta a história do motorista do caminhão que carregava os cadáveres e outra é encenada por um dos personagens que foi carregado por este mesmo caminhão. Jair era o motorista do caminhão que transportava os corpos daqueles que tinham perecido frente ao ataque do *morbus*. Certa feita, Jair tinha o hábito de tomar inúmeras doses de aguardente e fazer passos de maxixe para, em seguida, pegar nos corpos e colocá-los dentro do caminhão. Entretanto, um dia, antes de carregar novos corpos espalhados pela cidade e após iniciar seu ritual, saiu da taberna e se deparou “com corpo de um mulato estendido no passeio, ainda vivo”. No mesmo ato, todos aqueles que viram Jair sair da taberna, pediram que ele levasse o doente para o hospital. Apesar disso, Jair, por se encontrar alcoolizado, resolveu que levaria o mulato junto com os outros corpos. Após fazer o seu trabalho, que consistia em recolher os falecidos e deixá-los no cemitério, se o mesmo ainda estivesse vivo, o levaria para o Hospital. No entanto, devido os solavancos do caminhão e a forma como foi transportado, o doente não resistiu e faleceu durante a viagem²⁵⁵.

O outro drama encenado foi feito por Carriça (Manoel Freixo Carriça) e se deu também devido a problemas alcoólicos. Dono de uma pequena embarcação, ele tinha por hábito, após as refeições, tomar de meio litro a um litro de “verduco truz” que dizia fazer de qualquer pessoa consolada, ou seja, “desestressada”, até mesmo dos efeitos da epidemia.

²⁵² Jornal Imparcial, 16 de novembro de 1918.

²⁵³ A Marreta, 22 de dezembro de 1918.

²⁵⁴ Idem, 31 de outubro de 1918.

²⁵⁵ Imparcial, 15 de dezembro de 1918.

Entretanto, em um domingo de epidemia, entornou mais do que devia e saiu sem saber para onde o vento soprava. Cambaleando pela cidade, se deparou com um cadáver de um gripado e começou a conversar, logo depois dormiu. Neste dia, o caminhão de coleta de cadáveres trabalhou intensamente carregando as vítimas da epidemia, ato automático que se fazia durante o período tétrico: “pegava os mortos pelas pernas e pelos braços, não raro um braço ficava nas mãos dos caminhoneiros, decepados pela podridão”. Desta forma, o caminhão ao chegar à Rua Marques de Santa Cruz, onde estavam Manoel Carriça e o seu “amigo” espanholado, atirou-os para dentro do caminhão. O jornal continuava a noticiar a epopeia de Manoel Carriça dentro do caminhão, entre solavancos e beijos gélidos. Sua epopeia só acabou dois dias depois quando foi enterrado junto com os outros cadáveres que estavam à espera de sepultamento, após longos beijos silenciosos e fulminantes dos espanholados mortos²⁵⁶.

Diversos “causos” iguais a estes foram relatados em notas jornalísticas que davam à epidemia um ar menos tenebroso do que aparentemente o era. Histórias que circulavam, não só no cotidiano da cidade, mas no imaginário da população da época que chegou a ver cenas perturbadoras de um mal irreconhecível. Não havia como ignorar a morte, ela estava presente em todos os lugares. É importante destacar nessa passagem jornalística não só a ideia de como o pobre era tratado, mas também a forma com que os jornais satirizavam a gripe e os poderes públicos que acabou abandonando os pobres.

No último mês do ano, a cidade de Manaus ficou sitiada pelo medo, tristeza, solidão e o individualismo que se apossaram da população. Algumas semelhanças existem com o período trabalhado por Delumeau quando analisou o silêncio opressivo de uma cidade sitiada por epidemias. Em sua análise, o historiador ressaltou que dentro de um universo de medo é criado todo um panorama de distanciamento e desconfiança:

Em período de epidemia, ao contrário, os próximos se afastam, os médicos não tocam os contagiosos, ou fazem-no o menos possível [...].
Desse modo, as relações humanas são totalmente conturbadas: é no momento em que a necessidade dos outros se faz mais imperiosa – e em que, de hábito, eles se encarregavam dos cuidados – que agora abandonam os doentes. **O tempo de peste é o da solidão forçada**²⁵⁷. (Grifo Nosso).

Durante o período epidêmico, a cidade de Manaus tomou ares sepulcrais, com mínimas relações pessoais possíveis. O medo que se apossou de Manaus deixou a cidade

²⁵⁶ Imparcial, 05 de dezembro de 1918.

²⁵⁷ DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente**: 1300 – 1809. Uma cidade sitiada. Companhia das letras, SP, 1989. p. 123.

abandonada, e a tristeza e a solidão se apossaram da população. Jean Delumeau, ao trabalhar com o comportamento da população atormentada diante de epidemias, enfatizou que psicologicamente, no bojo do medo vivido por homens em tempos de ruptura humana, são criados ou revelados comportamentos e experiências diferentes dos vividos pelos indivíduos, levando-os a atitudes muitas vezes inumanas²⁵⁸. Estes comportamentos puderam ser observados nas representações dos inúmeros relatos jornalísticos publicados em Manaus durante a epidemia de Gripe Espanhola. Dentre eles, havia o sentimento de pânico quando passava o carroceiro do carro de segurança pública. Este carro carregava os corpos dos mortos e no início da epidemia, ficou proibido pelas autoridades policiais de manter qualquer relação com outras pessoas até o término do surto²⁵⁹. Outro destes sentimentos foi o medo causado pelo taberneiro José Claro, o qual mesmo gripado continuou a vender os seus produtos no balcão do seu estabelecimento, sendo finalmente proibido de fazê-lo após várias denúncias.

Foi nesse cenário de rupturas que outras atitudes apareceram: mesquinha representada pelos comerciantes de venda de remédios e gêneros de primeira necessidade, desespero daqueles que não podiam enterrar seus mortos, angústia daqueles que perderam famílias inteiras e solidão que foi sentida por todos. Foram vários os comportamentos suscitados em virtude do medo da gripe espanhola.

Comportamentos que variavam do mesquinho ao solidário fizeram parte do período epidêmico. Comerciantes, farmacêuticos, todos de uma forma direta ou indireta, participaram da venda de remédios, tanto buscando prevenir quanto aliviar as dores. Taberneiros também foram outros personagens que lucraram durante a passagem da gripe com a venda de bebidas alcoólicas contra o mal. Com o caos reinante na cidade, os preços dos principais gêneros alimentícios subiram exageradamente, levando os donos de estabelecimentos comerciais a explorarem desmedidamente o medo que as pessoas tinham de adoecer e com isso acabando por lucrar com a epidemia.

Cabe salientar que todas essas propagandas, vendas de remédios e do abuso da venda dos principais gêneros alimentícios usavam o medo que a população tinha da Espanhola e de contraí-la. Esses medos não surgiram somente com a entrada da epidemia, mas do que já se tinha das doenças inerentes a região. É possível notar que o medo sentido pela população quanto à gripe em muito foi aumentado pelo poder da imprensa que fazia circulava todos os

²⁵⁸ DELUMEAU, Jean. **Op. Cit.** P. 135.

²⁵⁹ Imparcial, 08 de novembro de 1918.

dias matérias sobre os mortos e de como a epidemia se alastrava pela cidade, através das notícias dos inúmeros mortos insepultos, nos cemitérios e nos bairros²⁶⁰.

Diante do quadro nefasto que imperou em Manaus durante a estadia da gripe, ressaltamos que o medo foi o fator determinante no comportamento que a população adotou durante este período. A sociedade manauense precisou adaptar-se aos dois tipos de medo que permeavam a cidade: o medo da gripe espanhola e o medo que ela suscitava em diversos setores da vida social, tornando a capital cada vez mais parecida com uma cidade morta e abandonada.

A sensação de uma cidade “morta” foi sentida não somente entre aqueles que tentavam fugir da epidemia, mas entre aqueles que voltavam dentre os mortos. Em uma nota do jornal **Imparcial** de 1919, o jornalista João da Ribeira, que havia sofrido intensamente com a gripe espanhola, relatou em sua coluna todo o sofrimento que passou enquanto estava acamado, com altas febres, dores pelo corpo e devaneios febris, que segundo o jornalista pareciam tê-lo “transportado para um outro mundo”. Ao final de sua convalescência, como se tivesse sido tirado das “garras” da morte, o jornalista resolveu sair à rua e comemorar a nova oportunidade de vida que lhe havia sido dada. Entretanto, após o que chamou de “oito dias de martyrio iberico” e acreditando que encontraria uma cidade viva, se deparou somente com a morte e a tristeza:

Como todo aquelle que volta a vida, eu esperava que a natureza inteira desabrochasse num grande, num enorme sorriso de boas vindas. (...) esperava encontrar a população duplicada, as arvores seivosas, gigantescas; o sol a illuminar maiores bellezas...

Ai! de mim! Não tive essa ventura do convalescente.

Renasci para a vida dentro das entranhas mortas de uma cidade funerea.

Como se a moléstia apavorante andasse em correrias pelas ruas, desertam todos das ruas de Manaós, a morta.

As ruas desertas e silenciosas despertam momentaneamente ao chocalhar dos ferros de um carro funebre que passa com sua lugubre carga despreendendo o triste odor do ácido phenico.

As casas fechadas abrem-se apenas para espiar o medico quando passar, ou para deixar entrar o tocheiros que vão allumiar o rosto macillento de um que passou...

Pelas venezianas das janellas fogem de dentro das casas assoladas pelo flagello, gemidos de dor, estertores de tosse, queixas contra a parca inexorável.

A vida palpita dentro das habitações entre as dores e a morte!

Triste convalescença a minha! João da Ribeira²⁶¹(grifo nosso)

²⁶⁰ *Imparcial*, 14 de novembro de 1918.

²⁶¹ *Imparcial*, 25 de fevereiro de 1919.

Comportamentos de solidão forçada, como a citada acima, era comum nos inúmeros casos relatados pelas notícias diárias dos jornais: famílias inteiras atingidas sem ter alguém para socorrê-las. Dos vários casos, destaca-se um publicado no jornal **Imparcial**:

São inauditos os episódios verdadeiramente trágicos que a gripe hespanhola tem levado nos lares onde a miséria se colligou à peste para dizimar a nossa população. O trágico destes acontecimentos pronuncia-se de tal maneira, que somos levados a nelles ver scenas possíveis somente na phantasia dos romances.

Entretanto, são elles a realidade em toda sua crueza implacável. Neste caso está o episodio que vamos narrar. Passou-se com o dr. Barroso Nunes, este clinico fora chamado para ver um cliente seu que fora prostrado pelo flagello que ainda não conseguimos debelar. Após a vizita, foi informado de que a familia de um empregado estava toda com o terrível morbus, sem recursos de espécie alguma. Não havia quem lhe abrisse a porta. Pediu, pois, licença e entrou. Em três compartimentos da casa estavam distribuídos nove doentes tomados de inanição. Notando, porem, que uma das redes movia-se demasiado, dirigiu-se logo para la e verificou que o doente, que era o caçula da desamparada familia, era presa de uma convulsão, motivada pela demasiada elevação da temperatura.

- Esta creança precisa tomar um escalda pés! Gritou o dr. Barroso Nunes. Sim, precisava. Mas quem iria preparal-o.

- Não temos força para nos levantarmos, Doutor, gemeu o chefe da família. Deixe este desgraçadinho morrer.

O caridoso facultativo ainda tentou recorrendo à vizinhança. Salvar o pequeno. Debalde, porem a vizinhança recusou. E o querido desgraçadinho foi abatido impiedosamente pela peste²⁶².

No período de infestação da gripe, as pessoas ficaram trancadas em suas casas com medo de contrair a doença. Todo tipo de relação pessoal foi banida, o medo do contato tornou-se tão nefasto que passou a ser inadmissível ajudar qualquer pessoa contaminada. Vários casos foram narrados nos jornais sobre empregados que deixavam as casas dos seus patrões doentes para não contraírem a doença e de pessoas correndo nas ruas, seminuas, em ataques de alucinações devido ao alto grau de febre²⁶³.

Devido às inúmeras proibições estabelecidas, principalmente pelo poder médico, talvez o que mais tenha incomodado o cotidiano da cidade e até mesmo interferido nas relações pessoais foi, primeiramente, a proibição de beijos logo no início da epidemia. O beijo sempre foi um sinal, para os latinos americanos, de certa intimidade, permanecendo nas esferas dos romances, das amizades e até dos cumprimentos. Com esta proibição, a cidade de Manaus passou a utilizar o aperto de mão com óbvia distância para assim evitar o contágio. Entretanto, ao passar um mês de epidemia em Manaus o médico responsável pelas condutas e proibições estabelecidas durante o período tétrico, proibiu, também, o aperto de mão entre

²⁶² Idem, 25 de novembro de 1918.

²⁶³ Imparcial, 12 de novembro de 1918.

peças conhecidas. Portanto, nem para fechar negócio, nem para se cumprimentar, nem para “pedir uma bênção”, este gesto poderia ser feito, pois iria desrespeitar a proibição imposta pelas autoridades médicas manauenses.

Figura 40



Figura 41



Fonte: jornal **A Imprensa**, 07 de dezembro e 08 de novembro de 1918, respectivamente.

Diante desta nova proibição, algumas sátiras e vendas de produtos foram colocadas nos jornais diários da cidade de Manaus. O jornal **Imparcial** satirizava essa proibição com a nota “Sabor da Corrente”, pedindo à população que coçasse o nariz com os pés, assim a mão ficaria livre de qualquer tipo de germe²⁶⁴. Devido a essa proibição, a venda de chapéus aumentou e modificou o hábito dos homens referente a cumprimentos dado nas ruas da cidade, que em vez do aperto de mãos com os amigos, bastava agora só levantar o chapéu.

²⁶⁴ O **Imparcial**, 11 de novembro de 1918.

Não será preferível ao aperto de mão? Substituindo a este, conserva sempre um pequeno signal de intimidade, de recíproco affecto ou deferencia.

Tratando-se d'uma senhora, parece-me que na rua, devemos limitar o comprimento a tirar o nosso chapéo e conserval-o na mão até sermos convidados a repól-o; em salão, levar apenas a mão á propria fonte, como que tocando a aba do chapéo. As senhoras, num e noutro caso, corresponderiam com um gesto de cabeça e um sorriso.

É importante destacar a disciplina como um mecanismo de controle social dos indivíduos na cidade. Manaus, quando se transformou em uma cidade cosmopolita (como mencionamos no I. capítulo), tornou-se veículo de doenças e epidemias. Para controlar este perigo de epidemias, a cidade se remodelou a partir de estratégias sanitárias: drenagem, aterro de igarapés e pavimentações. Desta forma, observamos que a higiene pública, no espaço urbano, acabou utilizando técnicas de controle com o objetivo de melhorar a saúde. No entanto, destacamos que o corpo não ficou de fora desse processo e no momento dos discursos de controle médico, durante a gripe, notamos como este controle estava sendo efetuado²⁶⁵.

Portanto, os manauenses passaram os meses de novembro e dezembro praticamente sem manter contato físico e relações interpessoais, porque para além das proibições impostas sobre beijos e apertos de mãos, também ficaram proibidas visitas a parentes ou vizinhos, que pudessem estar doentes ou na eminência de ficar. Além disso, qualquer tipo de aglomerações, reuniões e festas em bares, passeios públicos e saraus não deveriam acontecer sem prévia informação às autoridades competentes, pois poderiam ser focos de propagação do *morbis* entre aqueles que participassem de tais eventos²⁶⁶.

Diante de tantas mudanças de atitudes como: mesquinhas, solidão e pânico, ações de solidariedade também fizeram parte deste momento dramático da cidade. A solidariedade partiu de empresas, de pessoas e de sociedades religiosas, as quais diante do quadro mefistofélico que ficou a cidade e das impossibilidades dos poderes estadual, municipal e médico em controlar a situação, agiram coletiva e individualmente para ajudar a população pobre a conseguir sobreviver a temível “Hespanhola”.

²⁶⁵ Este jogo de poder e saber, para Foucault, denomina-se sociedades disciplinares e que atingiram seu apogeu no século XX. O poder disciplinar é fruto da sociedade moderna e está microfisicamente espalhada pela sociedade. Para o filósofo, este enquadramento disciplinar, na sociedade, consiste num controle minucioso sobre a vida e o corpo dos indivíduos, e o hospital e suas ramificações não ficaram de fora deste controle. Sendo possível enquadrar as pessoas dentro de um aparato, onde o saber e o poder médico possuem legitimidades reais de intervenção no corpo do indivíduo. In: FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. Editora Vozes. 20.º Edição. Petrópolis. 1999.

²⁶⁶ A partir do início do mês de novembro, qualquer aglomeração ficou proibida. Verificar pedidos médicos nos jornais O Imparcial, Jornal do Commercio, A Imprensa e Gazeta da Tarde. Ibidem, 31 de outubro de 1918.

A Sociedade da Federação Espírita foi uma das associações que prestou serviços à população carente dos bairros suburbanos, fazendo distribuição diária em pelo menos quinze dias durante a epidemia, de quatrocentos pratos de sopas distribuídos nos bairros de Bilhares, Educandos e São Raimundo. Casos individuais de solidariedade também foram registrados, como de uma moça que saiu à farmácia para comprar remédios para seus familiares, que tinham sido acometidos pela doença, ao fazer um pequeno desvio para visitar uma família amiga, descobriu que tanto os vizinhos de seus amigos quanto os seus amigos estavam acometidos pela doença e por esta razão, ela ficou para cuidar das casas, fazer o alimento e dar a medicação. Depois de três dias deste trabalho, a moça caiu muito doente quase a beira da morte²⁶⁷.

É importante destacar que até os atos como estes de solidariedade tiveram muitas dificuldades de se manterem funcionando, ou serem executados. A doença pelo seu aspecto ruim e por causar várias mortes, não entusiasmava as pessoas a serem solidárias. Portanto, as formas que população encontrou para sobreviver ao mal, foram: clausura e o isolamento.

Enquanto algumas instituições recebiam elogios pelo seu comportamento de solidariedade, outras recebiam críticas pela inoperância, mesmo daquelas que teriam por lema cuidar dos mais necessitados, como foi o caso da Cruz Vermelha de Manaus. O jornal **Imparcial** acusava as enfermeiras desta Instituição de só fazerem desfiles com as suas bandeiras pelos bosques de festas e quando a população precisou dos trabalhos da Cruz Vermelha, a mesma virou as costas para a população²⁶⁸.

Diante dessas acusações, o seu diretor se pronunciou no mesmo jornal com uma carta aberta ao público, onde informava o estado de abandono da instituição e que não poderia ajudar os doentes gripados, pois o único dinheiro que a Instituição possuía no Banco do Brasil havia sido arrecadado na quermesse feita pela comunidade Libanesa, para os soldados que lutavam na Guerra²⁶⁹. No dia seguinte, saiu uma nota no jornal informando que a Cruz Vermelha do Amazonas disponibilizava o dinheiro para ajudar a população carente da cidade²⁷⁰.

O medo da gripe no mês de dezembro transformou em intolerável o já conturbado cotidiano de Manaus. Depois de tantas repressões, proibições e isolamentos, o que pairava no ar era o sentimento de medo que perpassava a ideia de contrair a doença, da dor e da perda. O

²⁶⁷ Imparcial, 19 de Novembro de 1918.

²⁶⁸ Idem, 18 de novembro de 1918.

²⁶⁹ Imparcial, 20 de novembro de 1918.

²⁷⁰ Idem, 21 de novembro de 1918.

medo ficou tão latente na população manauense que o simples som ou barulho na rua era sinônimo de morte e penúria. Um exemplo estava na acusação que os moradores do Alto de Nazareth fizeram contra a Manaós Trainways, denunciando os condutores do bonde da linha Nabuco-Nazareth que quando chegassem ao final da linha, tivessem cuidado de virar os bancos para não fazer barulho no retorno do bonde, visto que causava muito medo nos doentes daquela localidade que se assustavam com o menor ruído possível²⁷¹.

Na última quinzena do ano de 1918, Manaus começava a observar os primeiros passos de controle sobre a doença. Casos isolados, principalmente nos bairros periféricos, eram mencionados pelos jornais, mas com pouco alarde. Casas comerciais, em início de dezembro, começavam a abrir suas portas, restaurantes a publicar a reabertura de seus estabelecimentos, fábricas voltavam ao seu funcionamento normalmente. Timidamente, iam saindo nos jornais os primeiros anúncios de Natal, mesmo faltando uma semana para o evento. Aos poucos, a população começava a circular pelas praças e bares da cidade.

Um editorial do jornal **Imparcial** intitulado “o epílogo da tragédia” informava que começava a se apagar o terror e o pânico dos dias do flagelo epidêmico. Nele, o jornal publicava o que foram àqueles dias sombrios para a população manauense.

O flagello epidêmico atingio ao seu paroxismo, dizimando sem piedade, quando os vehiculos com extrepidoes tartalhante corriam de um ponto a outro da cidade, ou alta noite, quebravam o silencio de agonia que a tudo amortalhava, fonfonando as buzinas agonizantes; quando as ruas lembravam sombrias aléas de necrópolis, sem a alegria clara (sic) e esquecida das aglomerações ruidosas dos botequins; quando cessou a vida nocturna pelo fechamento dos cinemas; quando as pharmácias se apinhavam de gente de olhar inquieto; quando a porta das leitarias, cem braços erguidos disputavam a compra do precioso alimento; quando a população; farta de contemplar a silhueta do caminhão esquifo, refugiara-se aterrada, no interior das habitações, por onde a morte não tardaria a arrastar o manto redemptor; quando, finalmente, a desolação consorciada ao dismantello de todos os serviços públicos e particulares levava ao desanimo aos mais ousados e a desesperança aos mais crédulos. O vendaval pestífero passou. Ficaram porém para a sua eterna e maldita memória os seus efeitos, seus estragos²⁷². (Grifo Nosso)

Não há como negar que a cidade de Manaus teve seu cotidiano todo alterado em virtude da passagem de gripe espanhola, em quatro meses da emergência, podemos dizer que, por um espaço de sessenta dias, Manaus mais se parecia com uma cidade abandonada, triste e sitiada em

²⁷¹ Jornal do Commercio, 01 de Dezembro de 1918.

²⁷² O Imparcial, 14 de dezembro de 1918.

razão do que muitos acreditavam ser o fim do mundo. Cenas dramáticas foram notícias correntes de uma cidade que, nem de longe, aparentava a cidade festiva de outrora.

Não foi fácil à cidade voltar à normalidade. Os órgãos de imprensa notando isso, bem como o poder público, começaram a fazer campanhas para animar e trazer novamente a população às ruas. A campanha se deu no dia de Natal com programações nos bairros que compreendiam de festas de arraial, músicas, cinemas a festejos para que a população pudesse voltar novamente a sorrir, depois de tanto abatimento moral.

Há ainda uma grande tristeza derramada por sobre a cidade. Parece que paira o espírito público a incerteza de que o estado sanitário de Manaós não esteja recomposto da desorganização radical a que o reduziu a terrível invasão do morbus de forma de que **a vida de outrora não voltou a animar as nossas ruas, nem a alegria enfeita os lares.**²⁷³ (Grifo Nosso)

Mesmo com muitas casas comerciais, restaurantes e parte da cidade ativa ter voltado a sua quase normalidade, algumas das principais distrações, principalmente, da população jovem da cidade e que levava boa parte deles para o centro, ainda permanecia fechada que eram principalmente os cinemas. Estes só voltariam a serem reabertos em 10 de janeiro de 1919²⁷⁴.

Figura 42



Fonte: Imparcial, 20 de dezembro de 1918.

Quando a Gripe abandonou o cenário da cidade, deixou um conjunto de atitudes, sentimentos e comportamentos na população referente a epidemia. Em todos esses casos, o medo foi a maior razão da modificação dos comportamentos da população. Finalmente

²⁷³ Idem, 18 de Dezembro de 1918.

²⁷⁴ Verificar os jornais, El Hispano Amazonense, Imparcial e Jornal do Commercio, nos meses de Dezembro e Janeiro, quando começa a pressão dos jornais para a abertura dos cinemas.

quando abandonou o cenário da cidade, surgiram novas representações produzidas pelos seus habitantes dos dias mefistofélicos que viveram.

3.2 – O TRABALHO DE LUTO E OS CADÁVERES EM DECOMPOSIÇÃO

Sigmund Freud, especialmente no artigo “Nossa atitude diante da Morte”²⁷⁵, texto em que o psicanalista escreveu considerações sobre a guerra e a morte em 1915, ressalta que a morte é uma “coisa natural, indiscutível e inevitável”, no entanto, sempre vamos ter uma propensão para evitá-la e até mesmo, silenciá-la.

“Nós pretendíamos sustentar que a morte era o desenlace natural de toda a vida, que cada um de nós e devedor de uma morte a natureza e que devia estar preparado para pagar tal dívida, e que a morte era coisa natural, indiscutível e inevitável. Mas, em realidade, nos conduzimos de outra maneira. **Mostramos uma patente inclinação a prescindir da morte, a eliminá-la da vida**”²⁷⁶ (Grifo Nosso)

O historiador Rui Sá Silva de Barros²⁷⁷, ao analisar o inconsciente e a morte nesta mesma obra de Freud, ressalta que essa mudança no modo de entender a morte se deu a partir das condições que a moderna sociedade burguesa impôs na vida cotidiana, como o de perturbar o bom andamento do processo da morte, a começar pela solicitação do abreviamento do luto. A sociedade deixava, portanto, de fazer pausas pelo desaparecimento de um indivíduo e começava a encarar a morte como um tabu.

Philippe Ariès, em *O homem perante a morte*, destaca que até o século XVIII o homem tinha a morte como a morte domada, ou seja, a população aceitava a morte como um desenlace natural da vida. No entanto, a partir deste período o homem começou a ter a morte como indomável, transformando-a em um tabu inominável, o que o autor chamou de a morte invertida. O morrer, agora, já não era mais familiar, era um processo estranho e indesejável²⁷⁸.

É importante destacar que Ariès vai chamar esse momento de o “início da mentira”, pois mesmo tentando tornar conscientes essas mudanças, a morte que fora expulsa pela janela

²⁷⁵ FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a Guerra e a Morte**. Tradutor: Artur Morão. Coleção textos clássicos de filosofia. Universidade de Beira Interior, Covilha, 2009.

²⁷⁶ FREUD, S. “Nossa atitude diante da Morte”, obras completas, Vol. II, pág. 1102. In: BARROS, Rui Sá da Silva. **Tomando o céu de assalto: Esoterismo, ciência e sociedade 1848-1914 França, Inglaterra e EUA**. USP/São Paulo, 1999, pág. 245. E FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a Guerra e a Morte** P. 19

²⁷⁷ BARROS, Rui Sá da Silva. **Tomando o céu de assalto: Esoterismo, ciência, e sociedade 1848-1914 França, Inglaterra e EUA**. USP/São Paulo, 1999.

²⁷⁸ ARIÈS, Philippe. **O homem perante a morte I e II**. Publicações Europa-América. Portugal, 2000.

sempre dava um jeito de regressar tão depressa como desapareceu. Ariès destaca que essa mudança de uma concepção de morte para outra se deu de forma muito lenta, quase imperceptível na sociedade, até porque, fundamentalmente, a relação entre morte e sociedade tem uma imagem muito forte: a de que “a morte sempre foi um facto social e público²⁷⁹”. Portanto, um grupo social atingido pela morte reage coletivamente e se comove, tornando-se necessária toda uma ritualização para cicatrização da dor e da perda de um indivíduo que desaparecia, processo imprescindível para que o trabalho de luto pudesse ter sucesso.

O trabalho de luto foi um conceito utilizado por S. Freud em “Luto e melancolia²⁸⁰”, onde o psicanalista ressaltava que essa tarefa é nada mais que o trabalho que nossa mente faz inconscientemente para lidar com as perdas e com a morte. Este aspecto foi explicado pela psicanalista Ângela Valore.

O trabalho de luto, como Freud nos fez ver, é o de descosturar, ponto por ponto, ali onde a ligação ao objeto perdido se desdobra nas representações de coisa que nela se entristeciam. É o de descontornar o furo sem deixar que as peças se separem e de voltar alinhavando até a borda sem apertar demais a costura. Porque nunca se sabe quando será preciso voltar a desfazê-la e refazê-la outra vez.²⁸¹

Portanto, para haver sucesso no luto é preciso que o homem tenha tempo “para que o sujeito se desligue paulatinamente do objeto amado perdido e internalize firmemente sua imagem no mundo psíquico²⁸²”, como numa verdadeira negociação entre assimilação e distanciamento, esquecimento e recordação²⁸³. Ariès analisa que mesmo na lentidão da mentalidade humana referente à ritualização em torno do morto, não é seguro dizer que esse modelo tradicional esteja condenado a desaparecer, mesmo porque “o período de luto estava cheio de visitas de amigos, parentes e família”²⁸⁴, tornando esse ato menos temível e doloroso.

Diante disto, destacamos que o indivíduo necessitava ter direito ao luto, mas no contexto de 1918, na cidade de Manaus, durante o período epidêmico, isto não foi possível,

²⁷⁹ ARIÈS, Philippe. **O homem perante a morte I e II**. Publicações Europa-América. Portugal, 2000. p. 309 e 310.

²⁸⁰ FREUD, Sigmund. **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos**. Volume XIV (1914 -1916).

²⁸¹ VALORE, Ângela M. S. **Trabalho de luto**. Trabalho apresentado no encerramento da XII Jornada de Apresentação de Trabalhos e Cartéis da BFC”, Dezembro/2001.

²⁸² BARROS, Rui Sá da Silva. **Tomando o céu de assalto**: Esoterismo, ciência, e sociedade 1848-1914 França, Inglaterra e EUA. USP/São Paulo, 1999. P. 246.

²⁸³ MEZAN, Renato. **A sombra de D. Juan e outros ensaios**. São Paulo: Brasiliense, 1993 e DOSSE. François. **História e Ciências Sociais**; Bauru, São Paulo, Edusc, 2004. p 96 e 97

²⁸⁴ Idem p. 309.

pois a gripe espanhola ocasionou uma ruptura neste tipo de ritual ocidental cristão, que fazia parte do inconsciente compartilhado.

Manaus sofreu com o rompimento de alguns rituais habituais da cidade durante a passagem da gripe, dentre eles o de não fazer a romaria no dias mortos, o de não enterrar os seus parentes e vizinhos e acima de tudo, de observar a decomposição de cadáveres de familiares expostos em frente a suas casas para serem levados pelos caminhões contratados para recolher os corpos espalhados pelas ruas.

No bairro de Bilhares, por exemplo, pedia-se das autoridades públicas “levantamento de cadáveres podres ali existentes²⁸⁵” que foram deixados embaixo de mangueiras, provavelmente por pessoas sem recursos que não podiam transportá-los para mais perto do centro da cidade e dos cemitérios. É bom destacar que no decorrer do caminho do bairro de Bilhares para o Centro da cidade havia inúmeros igarapés com pontes de madeira, dificultando mais ainda o transporte de restos mortais. Nesse período chovia muito em Manaus, tornando mais difícil a remoção de alguns corpos, principalmente os que se localizavam próximos aos igarapés.

No bairro de São Raimundo, pedia-se das autoridades expurgo e a vinda de caminhões para carregarem os corpos que eram postos nas ruas e ficavam dias expostos ao sol²⁸⁶, pois causavam um mau cheiro nessas localidades – o ar fétido era uma das reclamações constantes nos jornais sobre os bairros carentes, principalmente no tocante aos corpos expostos as intempéries.

Em razão da quantidade de mortos espalhados pelos bairros e pelas ruas da cidade, caminhões da cervejaria Amazonense, a pedido do Governador, foram utilizados para fazer o transporte dos restos mortais daqueles que pereceram por causa da doença²⁸⁷.

²⁸⁵ Imparcial, 14 de Novembro de 1918.

²⁸⁶ Imparcial, 18 de Novembro de 1918.

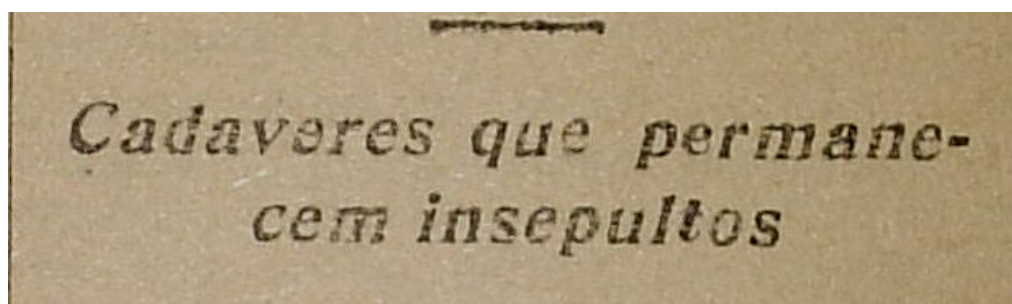
²⁸⁷ Mensagem do Governador a Assembleia Legislativa, 1919. P. 25. e Jornal Imparcial, 18 de novembro de 1918.

Figura 43



Fonte: Imparcial, 14 de novembro de 1918.

Figura 44



Fonte: Imparcial, 14 de novembro de 1918.

Havia relatos de famílias inteiras atingidas pela gripe nesses bairros e inúmeras solicitações de auxílio para a retirada de corpos. Nara Brito, ao analisar o impacto psicológico da gripe no Rio de Janeiro, considerou que a quantidade de mortos expostos nas ruas criava diversos significados para a morte:

A doença infecciosa incide sobre a esfera pública, constituindo quase sempre uma forma de morte quando se difunde de forma epidêmica. Uma e outra portam distintos significado de morte. Sob o reinado de uma epidemia, a morte iminente representa uma experiência crucial: a extinção de todas as referências próximas ou longínquas dos indivíduos. No bairro ou na cidade não se morre sozinho, mas em série. **O número de vítimas, a impotência diante da morte e a exclusão social mostram a doença em sua realidade mais funesta**, impondo de forma absoluta o destino coletivo.²⁸⁸ (Grifo Nosso).

²⁸⁸ BRITO, N A de. La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. In: **História. Ciência. Saúde. Manguinhos**, IV. 1997. p. 14.

A mudança de hábitos devido ao rompimento do cotidiano da cidade através do fechamento do comércio, da perda das mínimas relações com o outro e com os ritos coletivos, causou bastante transtorno na cidade e nos seus moradores, pois além de se encontrarem numa cidade sitiada pelo medo e pela morte, ainda tinham que lidar com a visão diária de cadáveres nas ruas.

Em novembro e dezembro, Manaus, passando por uma proibição generalizada em todos os aspectos sociais e urbanos, sofreu ainda mais com a proibição de entrada de pessoas no cemitério, seja para enterrar seus mortos ou para ver a pilha de corpos²⁸⁹ que lá se encontrava. Quem tivesse que enterrar seu parente morto tinha que se contentar em deixar os caminhões do governo (polícia, coveiros, agentes sanitários) levarem os corpos de seu conhecido, parente ou amigo sem poder se despedir e sem poder dar um desfecho ao ritual de doença e morte. Delumeau, ao trabalhar com os rituais de mortes durante o período de peste na Europa, enfatizou que:

(...) comumente, a doença tem ritos que unem o paciente ao seu círculo; e a morte, ainda mais, obedece a uma liturgia em que se sucedem toaletes fúnebres, velório em torno do defunto, colocação em ataúde e enterro. As lágrimas, as palavras em voz baixa, a lembrança das recordações, a presença dos parentes e dos amigos: elementos constitutivos de um rito de passagem²⁹⁰.

A população de Manaus sentiu na pele o abandono desses habituais costumes. Quem não podia enterrar seus mortos, se viu cerceado de toda essa ritualização fúnebre, tornando assim, o ato de morrer mais temível ainda²⁹¹.

Devido à enorme quantidade de corpos espalhados pelas ruas, Manaus, nos dois últimos meses do ano, mais se pareceu como uma grande necrópole. Eram corpos em frente às igrejas, em praças, empilhados nos bairros carentes, em frente aos mercados, em canoas abandonadas na travessia de São Raimundo para Aparecida. O pavor, as lágrimas, o medo, a miséria, a fome, os mortos, a confusão de cadáveres, a dor e o desespero deram ao espaço urbano um ar verdadeiramente sinistro.

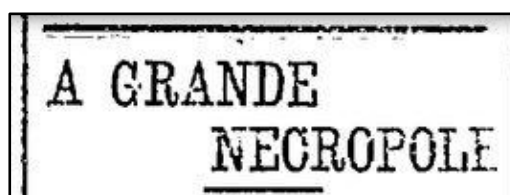
²⁸⁹ Enterrar os mortos ficou proibido a partir de meados de novembro de 1918 até janeiro de 1919.

²⁹⁰ DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente: 1300 – 1809**. Uma cidade sitiada. Companhia das letras, SP, 1989. p. 123.

²⁹¹ É importante ressaltar que a nossa pesquisa sobre a Gripe através das fontes jornalísticas não nos foi possível analisar o medo sob a ótica da população **indígena** na cidade de Manaus, uma vez que as fontes analisadas por nós não mencionam este personagem. Fato este que nos deixou extremamente intrigados a respeito de saber o porquê de silenciar esta boa parte da população de Manaus durante o surto epidêmico. Sabemos que seus ideais de vida e morte eram/são extremamente diferentes do medo ocidentalizado.

A exposição desses elementos deixou a cidade receosa e a população com receio de andar nas ruas. As cenas eram tão inverossímeis, parecendo que a população estava tendo um pesadelo. Cenas dantescas, sofrimentos individuais e coletivos nas ruas criaram o ar insustentável. Era como se um museu dos horrores estivesse aberto para todos assistirem, causando um “trauma psíquico” na população como cenas verdadeiras de um pesadelo.

Figura 45



Fonte: Jornal do Commercio, 26 de novembro de 1918.

Os corpos dos mortos pela gripe não causavam só transtornos a quem passasse nas ruas ou tivesse na frente de suas casas alguns empilhados ou em estado de putrefação. Mas causou transtornos, também, ao maior hospital da cidade de Manaus, a Santa Casa de Misericórdia, que passou a não aceitar mais cadáveres de gripados em seu necrotério²⁹² por três fatores: o primeiro, devido ao medo que alguns moradores próximos do Hospital tinham dos corpos e de contrair a doença; segundo, devido à quantidade de corpos que estavam se acumulando e não puderam ser mais carregados pelos carros do necrotério do Hospital, ficando a Instituição à espera dos “caminhões da morte” cumprirem o serviço de carregar os corpos da rua para depois levar os do hospital²⁹³; e por último, devido a enormidade de curiosos que queriam ver a aparência dos corpos dos hespanholados no necrotério da Santa Casa²⁹⁴.

Pelo motivo do excesso de corpos a serem retirados das ruas e dos hospitais para o cemitério, o **Jornal do Commercio** destacava em uma nota a forma “deshumana” com que os caminhões de cadáveres carregavam os corpos apodrecidos das ruas, muitos até sendo postos no caminhão aos pedaços, devido ao estágio avançado de decomposição e dá o exemplo de uma criança morta pela epidemia, moradora da Villa Augusta, que ficou dias a espera do

²⁹² Os familiares que não tinham medo de pegar nos cadáveres e moravam próximo aos hospitais, podiam deixar os corpos dos pericidos no necrotério do hospital, que o serviço da Santa Casa se encarregaria de levar para o Cemitério, lembrando que neste momento havia a proibição dos enterros aos mortos nos Cemitérios.

²⁹³ Jornal do Commercio, 15 de novembro de 1918.

²⁹⁴ Idem, 13 de novembro de 1918.

caminhão e só foi recolhida quando estava em avançado estado de decomposição. O jornal também relatava o caso de outro cadáver que devido a demora, acabou servindo de comida aos urubus “na praia do mercado”²⁹⁵.

Uma das formas que a população manauense encontrou para não ver, nem a decomposição e nem o corpo de alguém conhecido na rua, foi o de embrulhá-lo em redes a espera do “caminhão da morte” em frente as suas casas, para assim dar um desfecho menos drástico e dramático a pessoa conhecida que desaparecia²⁹⁶.

O pavor de olhar um corpo em decomposição, principalmente de alguém próximo, acontecia porque “a decomposição é o sinal do fracasso do homem”²⁹⁷ e diante deste fracasso, era necessário “livrar-se” o mais rápido possível dos corpos. Desta forma, envolvê-lo em rede dá uma ideia de desfecho em uma morte rápida, já que o próprio ritual fúnebre não podia ser feito, devido às proibições impostas. A morte tinha que ser anunciada mesmo que fosse temida. Morrer repentinamente era considerado infame e vergonhoso, mesmo sendo uma crença antiga. Ariès destaca que esse padrão ainda permanecia em nossa sociedade:

Hoje, que banimos a morte da vida quotidiana, ficaríamos pelo contrário impressionados com um acidente tão súbito e absurdo e levantaríamos nessa ocasião extraordinária os interditos habituais. A morte feia e vil não é apenas na Idade Média a morte súbita e absurda, é também a morte clandestina que não teve testemunhas nem cerimônias, a do viajante do caminho, do afogado no rio, (...). Pouco importa que fosse inocente: a sua morte súbita marca-o com uma maldição²⁹⁸.

Com a greve dos coveiros em meados de novembro no maior cemitério da cidade de Manaus, o Cemitério São João Batista, conhecido no cotidiano como cemitério do Mocó, inúmeros cadáveres ficaram insepultos e empilhados. Conforme a quantidade de corpos trazidos pelos caminhões aumentava, várias cenas funestas aconteciam e acabavam atraindo curiosos e jornalistas que ficavam esperando alguma história para ser contada aos amigos²⁹⁹.

²⁹⁵ Idem, 15 de novembro de 1918.

²⁹⁶ Jornal do Commercio, 15 de novembro de 1918.

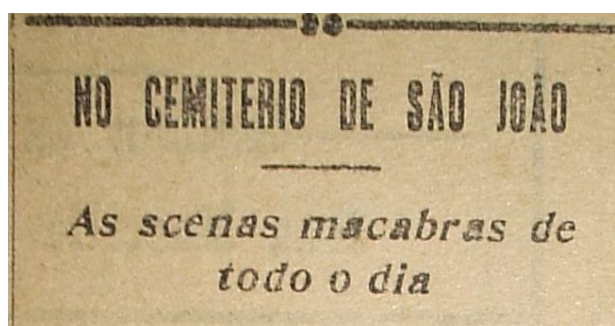
²⁹⁷ Para o historiador Ariès, o homem adulto ocidental a partir do século XVIII começou a experimentar o sentimento de fracasso, uma espécie de dívida quando chega à idade adulta e percebeu que não realizou as promessas da adolescência. Daí mencionarmos a decomposição do cadáver como um término de promessas não cumpridas. Reforçamos esta ideia porque a gripe espanhola teve um grande índice de mortandade em homens de 20 a 40 anos, muitos pais de família, mediante isso acreditamos que a colocação de rede foi para evitar a vista de todos, e principalmente dos familiares, a decomposição para além de um corpo, de sonhos que se perderam. ARIÈS, Phillippe. **História da morte no ocidente**. Ed. Ediouro. P. 56.

²⁹⁸ ARIÈS, Phillippe. **O Homem Perante a Morte**. Biblioteca Universitária. Publicações Europa-América. Mem Martins. Portugal. p. 20

²⁹⁹ Verificar primeiro capítulo, quando analisamos a greve dos coveiros e a reposição dessa mão de obra pelos guardas e pelos presos.

Quando acontecem tempos de peste, a ruptura das relações humanas no cotidiano de uma sociedade ameaçava a convivência social e fazia aflorar comportamentos e perturbações na coletividade na forma de angústia, medo, loucura e insegurança. Notadamente em Manaus, através dos relatos jornalísticos, foi percebida a forma como algumas pessoas tiveram ao observar os inúmeros cadáveres insepultos e apodrecendo, um comportamento tipicamente de período em peste.

Figura 46



Fonte: Imparcial, 16 de novembro de 1918.

Diante de tantos mortos a serem enterrados no cemitério, os jornais **A Imprensa**, **Imparcial** e **Gazeta da Tarde**³⁰⁰ denunciaram a abertura de valas comuns no cemitério São João, onde corpos, segundo os jornais, eram enterrados “sem o mínimo de humanidade”. O Jornal **Imparcial**³⁰¹ criticou as ações do Governo de sepultar os mortos dessa maneira e enfatizou a doação de 20 caixões para enterrar os indigentes daquele dia. O Governo, por sua vez, negou todas as acusações de abertura de valas comuns, informando que todos haviam sido enterrados de forma humana e respeitosa³⁰².

A presença da morte tornou-se evidente, nas ruas, nas casas, entre os amigos, parentes e vizinhos e provavelmente seria difícil conhecer uma pessoa que não tivesse visto um corpo no chão, não tivesse um dos seus que tivesse contraído a doença ou até morrido com a gripe. Álvaro Maia, para retratar a situação calamitosa que a cidade estava passando durante o reinado da epidemia, escreveu um poema intitulado “Dias de Peste” que foi editado pelo jornal **Imparcial**:

³⁰⁰Os três jornais durante o mês de novembro denunciaram a abertura de valas comuns para enterrarem os mortos, fato este negado pelo Governo.

³⁰¹ Imparcial, 20 de Novembro de 1918.

³⁰² Exposição apresentada a Intendência Municipal de Manáos pelo superintendente Dr. Antonio Ayres de Almeida Freitas. 1919. P.37

I

Quem porventura, a enfrenta á alegria não volta...
 Segue-lhe o passo errante uma funebre escolta
 De micróbios lethaes e de invisíveis dardos...

II

A scena inspira á tela uma pintura forte...
 Vê-se ao fundo, ao luzir de fulvos reflectores,
A férrea picareta á mão dos cavadores,
Que abrem vallas triumphaes nos canteiros da morte...
Vão os defunctos, como os bois para os mercados,
Em tardos caminhões, ás dúzias carregados,
 - Homens negros de pó, virgens de seios rentes...
 E vendo-os caminhar para o eterno horizonte,
 - dantesca procissão nas águas do Acheronte –
 Todos sentem no corpo o furor dos tridentes...

III

Neste cyclo de dor, que os nervos atasalha,
 Quanta belleza extrema os olhos enardece...
 Vêde! A renda do luar é uma tênue mortalha:
 O sol é um círio ardente, é a cor ardendo em prece...

IV

Está morta a energia. A ansiedade está morta.
As longas ruas são rios por onde passa,
Gemendo os vagalhões, toda a immensa desgraça
 De um colosso asphyxiado em fulminea retorta...
 Rompendo o isolamento, entreabre-se uma porta...
 O quadro é impressionante: á luz tremula e baça,
Surge a putrefacção nojosa de uma raça
 Que em sua formidanda angustia se conforta.
 Rondam germens no espaço... Esplendem, céus em fora,
 Fogueiras de alcatrão... Busacndo um desafoço,
 Tomba a frente em virgilia até o alvor da aurora...

V

Erguem vozes de dor, como um fundo marulho
 De golfos em resáca e enseadas em maretas,
 Misturando ao rolar fanhoso das carretas
Um clamor de penúria, um pungente barulho...
 Chegam ferindo o ouvido, uns rumores soturnos...
 Será alma de Chopin compondo outros noctunos?
Não! São os vários sons de soluços e escarros,
O rouquenho ranger dos funerários carros
 E as patas dos corcéis batendo o calçamento
 Alvaro Maia (Grifo nosso)³⁰³

³⁰³ Imparcial, 28 de Novembro de 1918.

O que notamos no poema além da morte muito presente no cotidiano da cidade de Manaus, era a ideia de corpos na rua espalhados e em estado de putrefação, bem como o medo que o barulho dos caminhões e carros que carregavam os corpos que ficavam expostos ao sol, a chuva e a noite causavam à população. Mas, principalmente, a representação de como a cidade ficou neutralizada diante do que a Hespânica lhe impusera. Na mensagem lida pelo Governador do Amazonas depois da epidemia, percebemos como o dia a dia foi desmoronado, mas também notamos como a epidemia causou pânico e luto:

O desenvolvimento da epidemia era já assustador. Desorganizaram-se os serviços; **por toda parte a desolação, o pavor e o lucto, (...) e o ruído terrificante e sinistro dos caminhões para o cemitério**

(...) Fecharam as casas commerciaes, os vehiculos paralyzaram o transito, e até dificuldade houvev no transporte de cadáveres, sendo preciso que o Governo contractasse caminhões para esse trabalho e providenciasse sobre enterramentos³⁰⁴ (Grifo Nosso)

Estima-se que mais de duas mil pessoas morreram somente no mês de novembro³⁰⁵ e quase mais de mil e quinhentas no mês de dezembro. A contagem oficial de mortos foi de dois mil duzentos oitenta e oito³⁰⁶. Enquanto o médico Antônio Loureiro³⁰⁷ estimou em seu livro em torno de seis mil óbitos devido à perda de controle do Estado em enterrar os corpos em valas comuns. Nós estimamos aproximadamente em mais de oito mil mortos em virtude do número oficial não ter levado em consideração alguns detalhes.

Na análise dos jornais e de alguns documentos como o relatório da Sociedade Portuguesa Beneficente do Amazonas na gerência de 1918, na exposição apresentada a Intendência Municipal de Manaus e na Mensagem do Governador à Assembleia Legislativa do ano de 1919, notamos algumas contradições no que tange a contagem e porcentagem dos mortos durante a epidemia de gripe. Nosso estudo demonstrou que a gripe espanhola foi confundida com algumas doenças, tendo como exemplo o primeiro caso de gripe espanhola registrado na cidade que foi confundido com pneumonia³⁰⁸.

³⁰⁴ Mensagem do Governador à Assembleia Legislativa, 1919. P. 20/21 e 25.

³⁰⁵ Os jornais Imparcial e do Commercio.

³⁰⁶ Mensagem do Governador à Assembléia Legislativa, 1919. Vale ressaltar que o médico Alfredo da Matta no relatório que fez para à Superintendência sobre a gripe espanhola, reforçou a ideia de que “faltava a chefia completos e precisos dados para organizar junto a estatística mortuária geral de 1918” em virtude dos enterramentos terem exigido demais dos empregados que perderam o controle p. 21

³⁰⁷ LOUREIRO, Antônio Jose Souto. **Tempos de esperança** (1917 – 1945). Editora Sérgio Cardoso. Manaus, 1994.

³⁰⁸ Imparcial, 28 de outubro de 1918.

A gripe espanhola também foi confundida com outras doenças, como: tuberculose pulmonar, agonia e infecção intestinal, todas excluídas dos registros oficiais como gripe espanhola no intuito de demonstrar que a gripe não foi um grande problema, o Serviço Sanitário começou a fazer lançamentos dos possíveis casos da doença em outros tipos de males, sendo isto muito comum no início da epidemia, quando não se pensava em alarmar a população. Outro dado que não fez parte da contagem oficial dos mortos, relaciona-se aos enterros ocorridos por conta da população em cemitérios clandestinos, uma vez que a contagem dos mortos foi somente a dos registrados nos cemitérios oficiais, nos hospitais flutuantes, no hospital público da Santa Casa de Misericórdia e o particular da Beneficente Portuguesa. Ficaram de fora aqueles corpos que foram enterrados nas margens dos rios³⁰⁹ e em valas comuns abertas nos bairros carentes³¹⁰. Isto acontecia em virtude do Governo não transladar o corpo para o cemitério e a entrada desses socorros nos bairros mais distantes ter sido interrompida inúmeras vezes. Estes dados levam-nos a estimar que esse número, de mais de oito mil pessoas, possa ser o mais perto de uma contagem mais próxima daqueles que morreram devido ao surto epidêmico na cidade de Manaus.

A morte para os manauenses parecia tão irrepresentável quanto inverossímil. Até porque a gripe espanhola manifestou nos manauenses os seus impulsos e instintos mais interiorizados, quer fossem motivados pelo medo da morte individual ou pelo sentimento de autopreservação da comunidade, dos parentes ou das pessoas mais próximas num sentido coletivo. Daí os diversos tipos de comportamentos da população suscitados durante a passagem da epidemia.

Sigmund Freud em “A nossa atitude diante da morte”³¹¹ parece dar conta dessa historicidade da morte no passar dos anos, observando como tratamos os doentes, os mortos e a morte, ressaltando que, devido observar esses elementos, o homem de luto acabava perdendo o interesse pelo mundo, perdendo o sono e até a fome. Este quadro de desespero, pânico, suicídio, mesquinharia e medo, foi notado nos inúmeros relatos entre as páginas jornalísticas de como a doença, o luto e o medo da morte despertava o melhor e pior do homem durante a passagem da “Dansasarina”.

³⁰⁹ Idem, 22 de novembro de 1918.

³¹⁰ Idem, 18 de novembro de 1918.

³¹¹ FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a Guerra e a Morte**. Coleção Textos Clássicos de Filosofia. Universidade da Beira Interior, Covilha, Portugal, 2009.

3.3 - AS AGENTES DE SATÃ: AS PROSTITUTAS DE MANAUS NOS DIAS MEFISTOFÉLICOS DA EPIDEMIA

“Mulher víbora, não ser humano, mas fera selvagem, e infiel a si mesma
Ela é assassina da criança e, bem mais, da sua em primeiro lugar,
Mais feroz que a áspide e mais furiosa que as furiosas (...).
Mulher pérfida, mulher fétida, mulher infecta.
Ela é o trono do Satã; o pudor está a seu cargo; foge dela, leitor”
(Trechos do *De contemptu feminae*)

Não é tarefa fácil trazer à tona o cotidiano e o impacto da gripe espanhola nas meretrizes do centro da capital do Amazonas, em virtude das poucas informações e registros que foram deixados nos jornais que externavam opiniões muitas vezes preconceituosas e juízos ácidos, a respeito dessa parcela da população que foi silenciada, esquecida e invisibilizada durante a passagem da Influenza.

Manaus, em 1918, nem de longe parecia a sonhada *Belle Époque* proporcionada pelo rápido enriquecimento de fins do século XIX. Nela, a cidade do progresso estava cheia de esplendor e de homens que desfilavam seus luxos em bares, cafés e restaurantes majestosos. Durante o dia e a noite glamourizavam a cidade através dos inúmeros cabarés com conhaques e vinhos caros acompanhados de “cocotes” de várias partes do mundo que povoavam a imaginação dos que podiam e não podiam pagar pelos seus serviços, pelos agrados das prostitutas de luxo, que ostentavam joias, cabelos loiros, ruivos e roupas caras:

O perfil feminino da prostituição, na cidade, era retratado na forma de mulheres com “os lábios polpudos e sensuais, os olhos languidos e as maçãs do lindo rosto empoado à francesa – assim como sorriam as cocotas que nos chegavam de Lodz – as famosas ‘polacas’ das zonas do meretrício, e as ‘modemoselles’ dos cafés cantantes daquele tempo (...)”³¹²

Entretanto, Paulo Marreiro ressalta que observar a prostituição da cidade de Manaus no período da *Belle Époque*, somente pelo viés do luxo, além de ser uma imagem cristalizada, é também um erro. Segundo sua pesquisa, as prostitutas de luxo existiam para aqueles que podiam pagar por elas. Todavia existiam, também, aquelas que vendiam seus favores à classe trabalhadora, ficando a imagem do cabaré de luxo mais distante desta realidade³¹³. Neste

³¹² MARREIRO. Paulo dos Santos Júnior. **Pobreza e Prostituição na Belle Époque manauara: 1890-1917**. IN: Revista de História Regional. 2005.

³¹³ MARREIRO. Paulo dos Santos Júnior. **Op. Cit.** P. 89.

outro extremo, conhecido como baixo meretrício³¹⁴, as prostitutas da cidade não só ganhavam pouco dinheiro como também tinham que conseguir outros meios de sustento para a sua sobrevivência, como furtos de alimentos, costuras e até venda de flores pelas ruas da cidade. A prostituta pobre “adquiria todo um caráter de sordidez maldita”³¹⁵.

Com o passar dos anos, entre o início da crise da atividade gomífera e a Primeira Guerra Mundial que intensificou na cidade baixas exportações e pouca circulação de dinheiro, a situação das prostitutas em Manaus piorou gradativamente, não só com as que exerciam suas atividades com a classe trabalhadora, mas também das que se intitulavam de luxo. Para além da pouca circulação de dinheiro na capital do Amazonas, as meretrizes tiveram que resistir às inúmeras campanhas para retirá-las do centro da cidade, especificamente nas ruas Itamaracá e da Estrada de Epaminondas de onde notícias policiais e jornalísticas eram constantes sobre a atuação dessas mulheres.

O jornal **A Marreta** com uma concepção conservadora de sociedade fazia forte campanha desde 1912 para o fim das casas de pensão e da circulação de prostitutas nas principais artérias da cidade. Elas eram vistas e classificadas como fontes de doenças físicas (a perversão), como disseminadoras de doenças social através da exposição de seus corpos nas ruas e principalmente como propagadoras de doença moral (a depravação). Daí o apelo, a luta e o preconceito do jornal para pedir sua imediata exclusão do centro da capital:

Essas mulheres velhas, syphiliticas e tuberculosas que vivem vendendo amores aos incautos, porventura não são ellas as fontes principais de tão perigosa quão asquerosa moléstias.

Pensamos que os poderes competentes devem mandar examinar essas infelizes e excluir do meio dellas, as tysicas e as syphilicas.

E verdade que não temos asylo para internar essas infelizes, porque ellas não são mendigas, porem se poderá prohibil-as deste meio de vida desonesto e fazel-as procurar um outro menos **contaminador da saude publica**³¹⁶.(grifo nosso)

Essa ideia das prostitutas serem focos de doenças e um mal para a saúde pública fazia parte da mentalidade do início do século XX no Brasil. As rameiras, como os jornais as chamavam, eram sinônimos de messageiras das “degenerações hereditárias”, isso devido ao seu comportamento considerado desviante. Esses ideais acabaram legitimando a utilização de

³¹⁴ O baixo meretrício era o oposto da prostituição “chique”, e geralmente associado a “ideia de animalidade da carne, da bestialidade do sexo, do gozo irrefreável e da orgia sem limites”. RAGO. Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930**. Paz e Terra. p 273.

³¹⁵ RAGO. Margareth. **Op. Cit.** P 274.

³¹⁶ A Marreta, 13 de outubro de 1912.

algumas medidas saneadoras que foram adotadas pelas políticas públicas voltadas à saúde nas principais cidades do Brasil e, certamente, na cidade de Manaus.

Notamos que a prostituição não era mais vista somente como pecado³¹⁷, mas agora também como doença. Mediante isso, uma intervenção por parte dos poderes públicos acabou ganhando mais respaldo frente à sociedade, principalmente quando mulheres apresentavam em seus corpos na rua os *cancros*³¹⁸ como parte do processo da sífilis. Os discursos médicos que ganhavam espaços cada vez mais junto ao poder público e mais precisamente junto à sociedade para se firmarem como os “ordenadores daquilo que era visto como desordem e transformarem a cidade num espaço civilizado”³¹⁹, encontraram o momento certo para sanear as ruas da presença das meretrizes na capital do Amazonas. **A Marreta**, notando o momento, pregava em quase todas as suas matérias o fim dos prostíbulo e das mulheres que haviam rompido com a imagem de mulher ideal, que era associada ao casamento e a maternidade.

No decorrer dos anos de 1911 a 1918, as prostitutas da cidade de Manaus foram alvos de inúmeras intervenções saneadoras³²⁰ e sua presença em algumas ruas da cidade passaram a ser perseguidas por alguns órgãos jornalísticos e por setores da polícia, que queriam a exclusão delas do centro, nem que fosse necessário utilizar de força física para controlá-las e bani-las desses espaços.

A autoridade competente ficou aterrorizada pela quantidade de meretrizes indecentes que preambulavam a esmo como caranguejo no manguê, **com vestes (pode se dizer meia tanga)** sem respeito a moral.

Certificada destes casos, ordenou a seus auxiliares não consentir tal abuso castigando a estas que forem encontradas pelos cantos³²¹. (Grifo Nosso)

A liberdade em Manáos já é tanta que **as prostitutas afrontam a moral** com toilettes idênticos ao desta semi-caruncha³²² (Grifo Nosso)

³¹⁷ Até então as mulheres que não se submetessem as normas cristãs, eram automaticamente ligadas ao diabólico e passariam a ser “as agentes do Satã”. A partir do momento que a prática sexual se tornou o pecado por excelência, a mulher passou a ser a maior culpada. Mesmo com o passar dos séculos de uma mentalidade religiosa, notamos que essa mudança de observar a mulher (prostituta) foi e é muito lenta, podendo se percebido indícios em 1918 de como a sociedade e os homens religiosos, ou não, ainda viam e entendiam as mulheres como algo ainda demoníaco.

³¹⁸ Lesões ulceradas.

³¹⁹ ENGEL. Magali. **Meretrizes e doutores: Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840- 1890)**. São Paulo: Brasiliense, 2004. P .39

³²⁰ É importante destacar que a historiadora Maria Luiza Ugarte, em sua análise sobre a cidade dos estivadores, ressalta que não foram só as prostitutas que foram perseguidas por serem disseminadores de doenças, mas também o porto e seus trabalhadores, que era visto pelo saneadores também como o “espaço privilegiado de manifestação das principais moléstias que assolavam a cidade”. In: PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925)**, Editora UFAM, 2003.

³²¹ A Marreta, 23 de junho de 1918.

³²² Idem, 19 de maio de 1918.

Figura 47

Fonte: Imparcial, 19 de maio de 1918.

*Toilette da Faustina quando foi visgada por um guarda, em plena rua Itamaracá.

Dentro dos discursos médicos a doença física (a perversão), moral (a depravação) e social (comércio do corpo) ³²³ que as prostitutas causavam e que estavam ligadas a sexualidade pervertida, precisavam de um controle e regulamentos que delimitassem seus espaços, daí a ideia de uma fiscalização rígida tanto por parte dos médicos quanto dos policiais para restringir espaços proibidos e os espaços reservados a esse tipo de comércio.

Quando a gripe espanhola entrou nas fronteiras da cidade, as mulheres que eram vistas até então como um problema de saúde e moral, passaram a não ter importância, tornando-se seres “invisíveis” e até inexistentes para os poderes públicos. É importante ressaltar que por conta da repressão antes mesmo da epidemia, elas já se faziam invisíveis e os poderes públicos de certa forma sabiam disso.

Como vimos, a cidade ficou totalmente alterada com a entrada da epidemia, principalmente com o fechamento de vários estabelecimentos comerciais. Tudo ficou mais

³²³ Para a historiadora Magali Engel, associar a prostituição às moléstias principalmente venéreas foi uma das formas encontradas pelos médicos para legitimar as suas ações saneadoras, mesmo em um universo tão degradante, miserável e imundo quanto os espaços preenchidos pelas meretrizes. Para isso, acabou fixando os limites entre o que seria a normalidade e a doença dentro do campo da sexualidade, não visto mais somente em um sentido físico, mas também moral e social. A partir dessa elaboração, o médico passou a desempenhar vários papéis dentro desse novo saber médico; o de “cientista, o educador, o moralista, o economista, o legislador, o político” entre as prostitutas e dentro da sociedade. In: ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores: Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840- 1890)**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

difícil, desde comprar refeições até remédios por quem quer que fosse. Muitos sofreram para resistir à doença, principalmente os menos favorecidos e invisíveis para os poderes públicos. No topo desta invisibilidade estavam as meretrizes, visto que, segundo alguns jornais, foram as que mais sofreram com a passagem do mal.

A Marreta, um dos poucos a divulgar informações sobre as prostitutas em Manaus, publicou no dia 22 de dezembro que a categoria que mais sofreu com a epidemia foi a das prostitutas, essas fizeram de tudo para sobreviver a gripe, a fome, a falta de fregueses e até a ganância das donas de pensão que exigiam que elas arrecadassem dinheiro, mesmo algumas mal conseguindo ficar em pé.

É importante enfatizar que as prostitutas sempre foram alvos de matérias desse jornal. Durante a epidemia uma trégua foi estabelecida entre o periódico e as prostitutas da cidade. Isso ocorreu devido à emergência da necessidade de ajuda constatada pelo jornal, quer fosse dos poderes públicos ou dos serviços humanitários para as “toleradas” que se encontravam a beira da morte, muitas, segundo o jornal, em estado deplorável. Em virtude do estado lastimoso em que se encontravam estas mulheres - dentro das casas de pensões, nas ruas e até dentro dos bordéis, segundo o noticiário uma imagem “digna de pena” -, em dezembro, o jornal abandona sua posição de ataque para solicitar das autoridades competentes o auxílio ao estado indigno em que as prostitutas se encontravam.

Uma das classes que mais sofreu com o flagello da peste foi a classe das horizontaes, essas infelizes que, arrastando uma vida de penúria, vendiam os seus favores a quem quer que se apresentasse como freguez e que se viram forçadas a vender o ultimo trapo para comprar um purgante ou meio litro de leite³²⁴

Alguns casos relatando o martírio que as meretrizes passaram com a gripe foram relatados em alguns jornais da época. Um deles conta a história de uma prostituta que além de ter que vender o corpo também tinha que costurar roupas para sobreviver à miséria, mas não resistiu à gripe.

A Avenida Joaquim Nabuco em uns quartos habitava, havia muito tempo uma costureira. Modestamente vestida, mas com um certo gosto, a sua freguezia aumentava dia a dia.

No mais intenso da obra nefasta da epidemia que se lastrou por Manáos, Ella não abriu a porta do seu quarto, como de costume. Resolveram pois, arrombar a porta e o assim o fizeram.

³²⁴ A Marreta, 22 de dezembro de 1918.

Com surpresa de todos, encontraram-n'a morta na rede. A morte não foi verificada e com pressa extraordinária, entregaram-n'a ao caminhão da morte que a levou a valla commum³²⁵.

Magali Engel³²⁶, em sua análise sobre as prostitutas no início do século XX, ressalta que devido ao enorme preconceito que as mulheres sofriam no campo comercial, elas acabavam restringindo suas atividades somente a algumas áreas como: lavadeiras, cartomantes, artesanato e prostituição que davam a essas mulheres bons meios de sobrevivência. Contudo, notamos que com a crise que assolava o Amazonas, aliada a entrada da epidemia, fez com que só o dinheiro da prostituição não desse mais para sobreviver. Portanto, essas mulheres foram obrigadas também a atuarem em outros ramos.

Os homens, que tinham por hábito frequentar as zonas de meretrício, estavam se cuidando mais para não pegarem a gripe espanhola. Para isso utilizaram drogas preventivas e passaram a cheirar mentol a toda hora³²⁷, levando-os a se afastarem dos bordéis por medo de contrair a doença entre àquelas que foram consideradas as principais disseminadoras do mal. Geralmente os bordéis da cidade, próximos ao Porto, eram frequentados pelos estivadores que, em busca dos “prazeres da carne”, acabavam se refugiando nas casas “toleradas”. Maria Luiza Ugarte Pinheiro³²⁸ ressalta que na “zona estragada” era comum esses estabelecimentos receberem as prostitutas e seus amantes, geralmente trabalhadores da atividade portuária.

Como os homens³²⁹ deixaram de circular pelas ruas onde havia maior índice de cabarés e bordéis, tais como: rua Epaminondas, rua Itamaracá e frei José dos Inocentes, as prostitutas ficaram impossibilitadas de “fazer” dinheiro e assim, comprarem remédios preventivos e alimentos para sobreviver a doença. A falta de homens e a necessidade de comprar gêneros de primeira necessidade e remédios conduziram as meretrizes a percorrer outras ruas para assim chamar atenção de outros fregueses. Por esta razão, o setor policial baixou uma portaria impedindo que algumas “toleradas” percorressem algumas ruas e até ficassem a beira de suas janelas e nas portas de suas casas, quer fosse com trajes menores ou até mesmos somente impondo suas figuras³³⁰.

³²⁵ Imparcial, 27 de novembro de 1918.

³²⁶ ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores: Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840- 1890)** e *Jornal do Commercio*, 10 de dezembro de 1918.

³²⁷ A Marreta, 15 de Dezembro de 1918.

³²⁸ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925)**, Editora UFAM, 2003. Pag. 63.

³²⁹ Entender esses homens como: os trabalhadores, os vadios, os criminosos e aqueles que homens casados ou não que frequentavam a zona.

³³⁰ *Jornal do Commercio*, 6 de dezembro de 1918.

No entanto, isso não as impediu de mesmo assim, exporem-se nas ruas em busca de clientes, mesmo que fossem presas durante dois ou três dias. Nomes como: Maria Amélia, Raymunda Soares, Maria Augusta e Edith Nogueira (conhecida como Baratinha), já estavam acostumadas, durante a quadra epidêmica, a serem presas por trafegarem na rua para exercer sua profissão³³¹.

Pela quantidade de vezes que essas mulheres foram detidas, durante o mês de dezembro, é possível que o medo de morrer de fome fosse pior do que serem presas, até porque, durante o último mês do ano, as delegacias estavam sendo auxiliadas pelos serviços humanitários de alguns setores da sociedade, que acabavam levando almoço e jantar para os presos e presas que lá estivessem. É importante destacar que o Delegado havia baixado uma portaria determinando que os médicos visitassem diariamente, uma ou duas vezes os detentos da delegacia para medicar os presos atacados de gripe, - uma vez que os médicos estavam se recusando a atender os encarcerados³³². Desta forma, muitos presos tornaram-se os últimos a ser atendidos, devido a essa rejeição. Observamos que durante a passagem da gripe, aqueles que não eram considerados “importantes” para estrutura ativa da cidade, não foram dignos de um tratamento rápido por parte dos médicos.

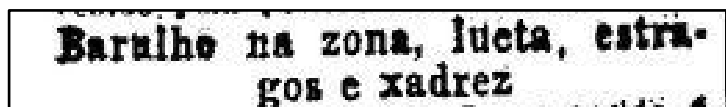
Durante a quadra epidêmica, as profissionais do sexo tiveram que resistir como puderam a epidemia. Alguns jornais da época (em especial **A Marreta** e **Jornal do Commercio**) mencionaram a “felicidade” em observar as prostitutas morrerem com a gripe e de observar a imagem cadavérica que algumas delas ficaram depois de contrair a doença. A polícia da cidade, no mês de dezembro, passou a não pegar e nem recolher as prostitutas que caíam no chão, doentes e com fome, mas passou a prender, por qualquer motivo, as poucas que estavam sadias, desde que não estivesse contaminadas com a gripe.

Uma nota do **Jornal do Commercio** sobre uma confusão na zona de meretrício demonstra o quanto a epidemia desordenou aquele submundo. Por falta de pagamento de uma das inquilinas da pensão, que devido à epidemia não conseguiu dinheiro para pagar o aluguel, a proprietária do estabelecimento, dona Flora Barros (conhecida do jornal **A Marreta**), não considerou nem a gripe e muito menos, a situação de Carolina Alves, tratando logo de expulsá-la. Isto resultou numa grande confusão.

³³¹ Idem, 20 de dezembro de 1918.

³³² Imparcial, 6 de novembro de 1918.

Figura 48



Fonte: Jornal do Commercio, 02 de dezembro de 1918.

Bate boca e um chinfrim diabólico. Chegaram às vias de facto e, na lucta quebraram bilhas, tolletes e capolhos, ficando tudo em estilhaços, pelo meio da sala, como um tornado vivo da campanha terrível.

A policia, porem que embora não seja tão diligente em socorrer as desgraçadas que cahiam na rua atacadas de influenza hespanhola e de fome, acudio prontamente e resolveu acalmar os ânimos e conduzindo ao xadrez³³³

Em tempos de fome, peste e crise, é comum observar comportamentos de indivíduos tomarem feições diferentes como: medo excessivo e condutas de violência e criminalidade. Afinal, eram homens e mulheres acossados pela fome.

A polícia, os poderes competentes e até algumas instituições de caridade, não só omitiram socorro às prostitutas como as tornaram invisíveis durante a gripe. Os jornais satirizaram a morte de algumas meretrizes e a ação dos poderes públicos e até dos caridosos que se recusavam a tratar esse “tipo” de mulher. Parece até que a tão sonhada medida saneadora pedida pelos médicos e alguns setores da sociedade no início do século XX, para retirar da parte central as mulheres que disseminavam a doença moral e física, estava sendo implementada pela terrível passagem da gripe pela cidade.

A **Marreta** deixou de circular durante o pior período da epidemia, nos dez primeiros dias de dezembro. Quando voltou, fez uma sátira com a possível morte dos diretores do jornal, desejada pelas prostitutas, uma vez que esses as perseguiram. Enfatizaram que nem o jornal e nem os diretores haviam morrido e nem haviam sido levados pelo “caminhão negro” e que as meretrizes se preparassem, pois aquelas que tivessem sobrevivido à quadra epidêmica, o jornal iria “marretar e marretar com a toda a força a buchada da zona”³³⁴.

Com o fim da epidemia e de uma cidade sitiada pelo caos, uma alteração foi notada principalmente no lado boêmio da cidade, algumas prostitutas abandonaram a profissão depois de ver a morte tão de perto, muitas acabaram se mudando, após o flagelo, para o lado mais carente e afastado da cidade, numa tentativa de esquecer tudo o que viram e sentiram durante o quadro epidêmico³³⁵. Outras não só ficaram no lado boêmio e continuaram com a

³³³ Jornal do Commercio, 02 de dezembro de 1918.

³³⁴ A Marreta, 15 de dezembro de 1918.

³³⁵ Idem, 15 de dezembro de 1918.

profissão, como procuraram incessante e intensamente pelo prazer, talvez como uma tentativa de apagar os últimos vestígios da epidemia.

Os homens, na iminência da morte e da flagelação do próprio corpo, foram à desforra depois da gripe. Os prostíbulos, as casas de jogos e outras áreas de lazer noturno voltaram a se encher, mas com um perfil diferente, sem medidas e sem limites. É como se a morte ainda estivesse presente no cotidiano da cidade, notadamente durante o período carnavalesco de 1919. Nesta ocasião, observamos as diversas formas com que a população boêmia da cidade e também, as meretrizes foram à desforra da fome, da gripe e, sobretudo, da falta de solidariedade que elas sentiram por parte dos policiais e dos médicos. A vingança se vez sentir nas inúmeras brincadeiras carnavalescas do ano de 1919.

3.4 – A HESPAÑHOLA E A REPRESENTAÇÃO DO APOCALIPSE

Boa parte dos manauenses acoçados pela gripe espanhola começou a representar todo o drama que estavam vivendo como prenúncios do fim do mundo. Fossem eles através das páginas jornalísticas ou pelas inúmeras manifestações populares como as procissões que ocorriam com maior facilidade pelas ruas da cidade.

Essas representações sobre o dia do juízo final na cidade de Manaus se deram nos momentos mais difíceis da passagem da gripe espanhola, com exposição de cadáveres e com a ruptura das relações pessoais. Tudo indica que esse medo do fim do mundo não se deu somente por causa das desgraças que estavam acontecendo como a crise econômica, a fome e a Hespahnola, mas também pelo papel que os meios de comunicação deram ao evento e como a população recebeu essas notícias. É importante destacar que os meios de comunicação colocaram esse momento como aterrorizante, o que fez surgir na população manauense a ideia do fim dos tempos inspirada no livro bíblico do Apocalipse³³⁶.

³³⁶ Apesar da leitura dramática que se faz do apocalipse em virtudes dos episódios catastróficos, trata-se de um livro para os cristãos de esperança e consolo de dias melhores. Apocalipse significa “Revelação”, ou seja, o livro da revelações, “Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para manifestar aos seus servos as coisas que em breve deverão acontecer e que deu a conhecer”. Nesse livro é anunciado que antes do juízo final acontecera catástrofes e cataclismas e depois um período de paz de mil anos. Daí a ideia de esperança dos que não tinham nada a temer (os eleitos), entretanto para aqueles que não estavam “preparados” para o julgamento final era um momento de muito medo, já que os bons seriam separados dos maus.

Nesse contexto de tragédia, entendido como o fim dos tempos, mas acima de tudo como Parúsia³³⁷, é inegável observamos as diferentes formas que os manauenses utilizaram para ter que lidar com essa “espera escatológica” que foi divulgada pela imprensa citadina. Destacamos que o sentimento de esperança para os “eleitos”, mesmo com todas as desgraças acontecendo, era predominante nos crentes. Entretanto, para os “homens comuns” o prenúncio de um fim do mundo era mais encarado como tragédia e desespero.

Os manauenses, durante a passagem da epidemia, tiveram que conviver com todas as mudanças do cotidiano da cidade. Com escolas, igrejas e o comércio fechados uma sensação de isolamento social foi tomando conta da população. Cenas “macabras” não vistas anteriormente, como corpos estirados nas ruas, empilhados e em estados de putrefação, acabaram por aflorar na população um sentimento de castigo divino onde orações e procissões foram feitas pelos moradores da cidade para que o mal fosse embora,

“As vinte e uma horas de hontem um bando de populares, compostos de homens, mulheres e creanças, que empunhavam velas acessas, percorreu diversas ruas da cidade entoando preces pela terminação do flagello que assola a nossa capital”³³⁸.

Ao que parece, as procissões realizadas para debelar o mal serviram como uma espécie de remédio para os moradores da cidade que vivia um cenário distinto. Essas procissões não serviram só como remédio para o mal físico, mas também como uma alternativa para o alívio dos presságios espirituais e, assim, aliviar a atmosfera funesta que pairava sobre a cidade.

Juntamente com as procissões, os jornais de oposição, ante a esse quadro de abandono do poder público, de pobreza e mortes, começaram a publicar, também, matérias sobre as profecias do livro bíblico do Apocalipse: com o fim do mundo cercado de fome, guerra e peste. Segundo essas matérias, a profecia estava literalmente sendo cumprida, esperando somente a vinda do Salvador, principalmente depois da hecatombe que houve no mundo, proporcionada pela guerra e pela gripe espanhola.

As rupturas das atividades da cidade através do comércio, da relação com o outro, dos ritos coletivos (cinema, parque, praça), enfim, da perda desses elementos habituais ocasionou um corte na perspectiva de futuro. Por esta razão, os jornais se preocuparam em

³³⁷ Significa o regresso de Cristo ressuscitado para julgar os vivos e os mortos.

³³⁸ Imparcial, 20 de novembro de 1918.

representar esse momento como o fim dos tempos, pois toda a estrutura ativa da cidade estava alterada e o que se apresentava para a população era uma cidade triste e sitiada pelo medo da morte.

“Os ginetes do Apocalipse se desenfream em galope violento sobre o mundo, onde o homem se queda cheio de pavor e de horror ante a tremenda e nunca vista correria...

E quando não pará. Estupefacta e tremenda dentro de sua própria valia, a creatura humana dobra os joelhos para esse caminho ignoto que milhões de almas percorrem victimas da guerra e da peste ”³³⁹

Figura 49



Fonte: Imparcial, 02 de dezembro de 1918.

Vale ressaltar que o homem ocidental, a partir da era moderna, passou a observar os acontecimentos dramáticos como anunciadores do fim dos tempos e lidos a partir da literatura apocalíptica. No ano de 1918, através principalmente das fontes jornalísticas, observamos que Manaus ficou cercada por essas ameaças apocalípticas, e os casos relatados nesses jornais revelaram o medo que o manauense tinha do Apocalipse bíblico cristão e punitivo. Parafraseando Delumeau, a ideia de uma divindade punir os homens culpados era tão velha quanto à civilização.

Diversos tipos de comportamentos que variaram da loucura ao medo extremo foram registrados pelos jornais, como o caso da família inteira que tentou se matar durante a epidemia, por medo de contrair a doença que seria uma espécie de castigo divino e um estigma para aqueles que não iriam para o Céu no dia do juízo final. Outro exemplo seria a de mais trinta casos de suicídios registrados na duração da epidemia³⁴⁰. Comportamentos de impotência diante do desconhecido em tempos de pestes também são consequências geradas a partir do desmoronamento das estruturas familiares e pela dessocialização da morte, pela angústia permanente e pelo sentimento de impotência, que eram bem comuns em tempos de epidemias³⁴¹.

³³⁹ Imparcial, 02 de dezembro de 1918.

³⁴⁰ Imparcial, 15 de fevereiro de 1919.

³⁴¹ DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente**: 1300 – 1809. Uma cidade sitiada. P. 130.

Na medida em que essas representações do juízo final iam se configurando na cidade, notamos o poder e o impacto que elas tiveram sobre a sensibilidade e a imaginação coletiva, graças, em muito, ao poder que a imprensa desempenhou nessa sensibilização ao representarem o que seria este fim dos tempos.

Editoriais e notas sobre procissões, orações contra a peste e contra o medo e orações dos santos do dia foram destaques nos jornais que publicavam matérias sobre “hecatombe”, “eclipse lunar” e o “fim dos tempos”. Essas matérias fizeram parte ativa dos meses do ápice da gripe espanhola. Uma delas fez parte do editorial de um jornal do Estado do Pará e foi reproduzida no jornal **A Imprensa**.

No momento actual, quando todos estamos perplexos ante os cataclismos que vão vertiginosamente avassalando a terra, terremotos, guerra e peste, penso ser momento oportuno para falar de mais uma prophécia.

Muitos prophetas e prophécia tem apparecido porem a prophécia a que me refiro merece por dois motivos, especial attenção: primeiro porque foi proferida há quasi dois mil annos (...) por Jesus Chisto, segundo porque suas palavras estão se cumprindo.

E perguntaram-lhe (os discípulos) dizendo: “mestre quando serão pois estas cousas? E que signal haverá quando estas cousas estiverem par acontecer?

Disse então elle: **“Quando ouviste a guerra e sedições não vos assusteis, porque é necessário que estas cousas aconteçam primeiro, mas o fim será logo. E haverá em vários logares grandes terremotos, fome e pestilências”**.

Como vemos, esta prophécia esta literalmente cumprida, desde a sua primeira parte “falsos prophetas”, até o fim faltando apenas vermos os grandes signais do céu³⁴². (Grifo Nosso)

Essa espera pelo fim dos tempos podia causar muito medo naqueles que não se encontravam no momento em condições de serem convidados a entrar no reino dos Céus. Nesse ponto, os que sentiam culpabilidade pessoal e até desespero por não terem seguido os “ensinamentos de Jesus”, sentiam-se com mais medo nesse momento. Em vez de estas notícias serem fonte de esperança (como era sentida pelos “eleitos”), tornaram-se fonte de desespero, para aqueles que se suicidaram; de medo, para aqueles que acreditavam que não mais seguiam os preceitos religiosos e de fanatismo, para aqueles que acreditando não seguiam as doutrinas e resolveram, no auge da epidemia, fazer todas as penitências possíveis para se tornarem eleitos para o paraíso. Neste sentido, essas procissões acabavam servindo como atos de sacrifícios, bem como as romarias e as peregrinações.

É importante destacar que logo no início da epidemia o Serviço Sanitário pediu o fechamento das Igrejas na cidade de Manaus. Entretanto, ficou fechada no mês de novembro a

³⁴² A imprensa, 07 de novembro de 1918.

Igreja Batista que parecia exercer menos poder que a Igreja Católica na cidade, que foi fechada no dia 02 de dezembro de 1918. Com a tensão que ficou estabelecida entre os fiéis da Igreja Católica que não se conformaram em ter sua Igreja fechada no momento em que eles mais precisavam, o Serviço Sanitário acabou tendo que ceder a crise, mandando suspender a proibição da abertura das Igrejas durante o período epidêmico³⁴³, logo depois de uma semana fechada. A partir disso, um aumento considerável foi constatado no número de missas diárias e de fiéis a porta da Igreja entre o período de 10 de dezembro até final do ano de 1918³⁴⁴.

As procissões que aconteceram na cidade não serviam somente para conter o avanço da gripe, mas também como ato de sacrifício. Uma das procissões foi feita em preces a São Sebastião³⁴⁵. É possível que nessa procissão, o intuito não era só de amenizar os efeitos da epidemia, (ressaltando que o mártir é o protetor de causas como: a guerra, a peste e a fome), mas também pode ter acontecido com o intuito de remir os pecados. Isto é notável em virtude do santo católico ser o apóstolo dos confessores ou dos que se mostravam arrependidos. Dessa forma, São Sebastião, durante o período epidêmico, acabou sendo uma espécie de “Advogado” dos fiéis diante da Hespanhola.

Não foram apenas as procissões que ganharam destaque nas páginas dos diários da cidade, como também as orações que tinham várias funções entre os eleitores, os espanholados e os que estavam na iminência de contrair o *morbus*. Os empregos das orações iam de pedidos de salvação contra a peste, num sentido coletivo de autopreservação, até a salvação individual. Diante de tudo que a cidade estava vivenciando, tudo que pudesse acalmar um Deus furioso era bem vindo. Nesse conjunto das representações dos medos escatológicos, a oração desempenhou um enorme papel. Isso acreditamos porque a religião, nesse momento, servia, assim como os remédios mencionados no II capítulo, como uma

³⁴³ Na cidade de Madri essa situação ocorreu às avessas, a religião ocupou um espaço significativo durante a epidemia. No entanto, esse espaço foi extremamente rebatido pela imprensa madrilenha, que rejeitava esse tipo de comportamento da população, pedindo em suas matérias que a população se ativesse a recursos provenientes da Medicina Científica e não de discursos religiosos. Conforme pesquisa feita por Porras Gallo sobre a Epidemia de Gripe Espanhola na cidade de Madri. In: GALLO, Maria Isabel Porras. **Las repercusiones de la pandemia de gripe de 1918-19 en la mortalidad de la ciudad de Madrid**. Boletín de la Asociación de Demografía Histórica, XIV, I, 1996.

³⁴⁴ Verificar Imparcial e Jornal do Commercio.

³⁴⁵ A difusão de o Santo ser o protetor contra as epidemias se deu após a transladação de suas relíquias para uma basílica feita em sua honra e que acabou cessando uma peste que atingiu Roma no ano de 680. Entretanto, ganhou impulso com a Peste Bubônica na Europa, já que a Peste era vista como punição divina, ou seja, para representação da época, a Peste era a lança que vinha do Céu jogada na população. E como São Sebastião foi cravejado por flechas, e sobreviveu, nada melhor que esse Santo para proteção das flechas que vinham do Céu. In: ALEXANDRE, Josieldo Ferreira. **Quando o Anjo do extermínio se aproxima de nós: representações sobre o cólera no semanário Cratence O Araribe, 1855 – 1864**. João Pessoa. 2010. UFPB. Imparcial, dia 19/11/1918.

espécie de terapia porque proporcionava ao indivíduo a sensação de cura e de esperança pelo fim da peste.

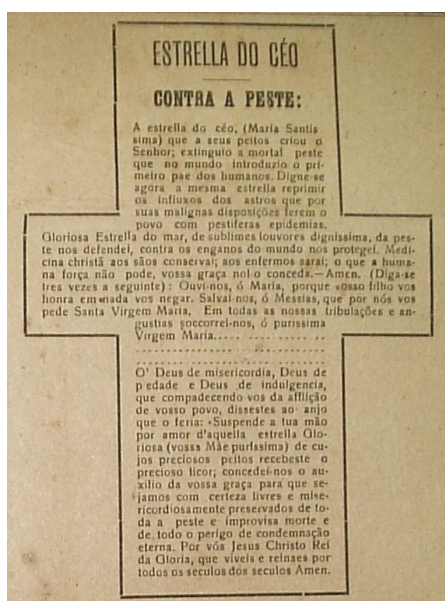
Entretanto, não foi só São Sebastião que teve o poder na oração de interceder junto a Deus pela cidade. Os apelos não foram somente para o santo católico, mas para a mãe de Deus, para quem um pedido não seria negado. Observamos essa representação na “oração contra a peste” que foi divulgada pelo Jornal **A Imprensa** durante alguns dias do mês novembro. Nessa oração, é possível notar o poder da maternidade divina, como a mais poderosa arma que a cidade de Manaus encontrou para lidar com a doença.

A estrella do céu, (Maria santíssima) que a seus peitos criou o senhor; extinguiu a mortal peste que no mundo introduzio o primeiro pae dos humanos. **Digne-se agora a mesma estrella reprimir os influxos dos astros que por sua malignas disposições ferem o povo com pestíferas epidemias.**

Gloriosa estrella do mar, de sublimes louvores digníssima, da peste nos defendei, contra os enganos do mundo nos protegei. Medicina christã aos sãos conservai; aos enfermos sarai, o que a humana força não pode, vossa graça (sic) conceda – Amém. (diga-se três vezes a seguinte): **Ouvi-nos, Ó Maria, porque vosso filho vos honra em nada vos negar.** Salvai-nos, Ó Messias, que por nós vós pede Santa virgem Maria. Em todas as nossas tribulações e angustias. Socorrei-nos, Ó puríssima Virgem Maria.

(...) **suspende a tua mão por amor d'aquella estrella gloriosa (Vossa mãe puríssima) de cujos preciosos peitos recebeste o precioso licor** (...) ³⁴⁶ (Grifo Nosso)

Figura 50



Fonte: A imprensa, 10 de novembro de 1918.

³⁴⁶ Jornal Imprensa, 10 de novembro de 1918.

Essa representação em torno da maternidade divina, na oração acima contra a Peste, se deu não somente porque Nossa Senhora da Conceição era a padroeira da cidade de Manaus e quem melhor que a Mãe de Deus para interceder junto a Ele, por piedade divina em um momento tão doloroso?

Ao que parece, todas as representações somente tinham sentido em razão de boa parte da população acreditar que a epidemia de Gripe era “uma vontade divina”. O retorno a esse sentimento religioso se deu porque a ciência da época não soube explicar o *morbus*, nem o que estava acontecendo no corpo das pessoas, no comportamento da população e nem dar conta da desorganização estrutural da cidade.

Como em epidemias não se morre nem adoce sozinho e segundo as representações apocalípticas, todos da cidade eram culpados pelo flagelo, pedidos individuais para o fim do tormento não bastariam. Eram necessárias orações, peregrinações e procissões públicas e coletivas para acalmar o Deus furioso³⁴⁷. Então notamos o grande esforço que parte da população manauense fez em criar possibilidades para que ocorressem grandes atos públicos e religiosos na cidade.

As fontes consultadas não nos possibilitaram afirmar se o Clero manauense se aproveitou do cenário mefistofélico que se instalou na cidade para reforçar suas doutrinas acerca do que seria o pecado e os atos de penitência que purgariam a iniquidade, mas foi possível perceber sua forte influência na doutrinação religiosa da população contra os efeitos da Hespánhola.

Como já não bastasse todo o medo que estava se vivendo na cidade pela iminência do Juízo Final, o **Jornal do Commercio** publicou no dia 3 de dezembro uma nota que falava sobre o eclipse lunar que ocorreria naquele dia³⁴⁸. A ideia de um eclipse lunar mais se pareceu como um dos sinais antecedentes ao fim dos tempos, do que um simples fenômeno astrológico. Este fenômeno acabou gerando na população manauense mais pânico, pois entre a sua espera e aparição, ativou significados diversos no imaginário da população, não só como respostas ao que estava acontecendo na cidade, nem somente como prenúncios do fim do mundo, mas também como algo tão bizarro e estranho, quanto todo o cenário que a Hespánhola deixava na cidade. Mesmo porque “as visões do apocalipse integravam-se ao

³⁴⁷ DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente: 1300 – 1809. Uma cidade sitiada.**

³⁴⁸ Jornal do Commercio, 03 de dezembro de 1918.

imaginário social, colaborando para uma desagregação social”³⁴⁹ e qualquer elemento estranho ao cotidiano da cidade, fosse ele visto em comportamentos ou eventos da natureza, acabavam causando alguma temeridade sobre o amanhã.

A partir do exposto, notamos que alguns elementos foram fundamentais para que a maioria da população de Manaus tivesse uma visão apocalíptica da Gripe Espanhola. Entre eles, destacamos o poder da imprensa na divulgação desta visão, a medicina e o mundo científico que não conseguiram explicar o fenômeno “A Hespnhola” e a população que, através de antigas representações religiosas, procurou explicar o fenômeno. Esses elementos, aliados a uma dose de mistério científico sobre o que foi a Gripe Espanhola, fizeram com que a cidade de Manaus não só vivesse uma tragédia, como vivenciasse um dos mais dramáticos momentos epidêmico de toda a sua história.

3.5 – O MEDO DA MORTE FOI A ALEGRIA PRINCIPAL DO CARNAVAL DE 1919

O começo do ano de 1919 nasceu trazendo muitas expectativas para o comércio e para a estruturação do cotidiano de Manaus. A gripe parecia que estava dando os últimos suspiros na cidade e com fim da Primeira Grande Guerra, o Amazonas pensava em se reerguer novamente no aspecto financeiro, com uma estruturação do mercado internacional e um possível aumento na venda da borracha, fato este que animava o comércio local³⁵⁰.

A gripe, mesmo aparecendo esporadicamente nas matérias jornalísticas, ainda fazia parte da história dos bairros distantes e carentes, chegando notícias algumas vezes sobre a desorganização social que ainda reinava nesses bairros. Contudo, os jornais não mais informavam detalhes a respeito da situação social dessas pessoas.

As notícias jornalísticas, nos últimos dias de Dezembro, já se despediam da “hespanhola” e começavam a pensar na alegria do carnaval, até porque no centro da cidade de Manaus, a gripe parecia mesmo ter dado os seus últimos suspiros. Publicações e sátiras começaram a sair nos periódicos, destacando o adeus, a tristeza e uma divertida recepção à alegria e ao carnaval.

³⁴⁹ SANTOS, R. A. dos. O carnaval, a peste e a espanhola. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Vol. 13, num. 1, 2006. P 136.

³⁵⁰ Imparcial, 05 de Dezembro de 1918.

Figura 51

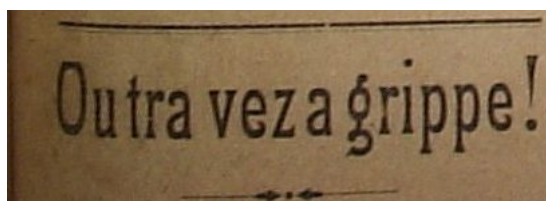


Fonte: A Marreta, 06 de fevereiro de 1919.

Ainda que os jornais, entre o final de um ano e início do outro, tenham vendido a ideia do fim da epidemia, principalmente no centro da capital, essa ideia não perdurou, mesmo porque, a partir do início de fevereiro, os jornais **Imparcial, do Commercio e Gazeta da Tarde** começaram a publicar novamente um aumento na quantidade substancial de contaminados nos hospitais flutuantes: Santa Bárbara e Marapatá. Eram doentes vindos dos barcos que estavam voltando dos municípios interioranos do Amazonas. Isto acabou causando certa temeridade, devido a lembranças dos últimos meses.

Os jornais passaram então a publicar todos os dias, entre meados de janeiro a fevereiro de 1919, a iminência de se ter uma cidade novamente sitiada pela Hespanhola. Logo, críticas recaíram sobre a administração do Estado afirmando que o mesmo não estava fazendo nada pelos municípios afetados pela gripe e que as pessoas dessas localidades, sem recursos em seus municípios, acabavam tentando chegar a Manaus para obterem a cura ou um alento para o que estavam sentindo. Todavia, a maioria dos que faziam essa opção acabava morrendo pelo caminho ou chegava em estado lastimável à cidade, trazendo novamente o vírus sem que as autoridades fizessem nada para impedir novamente a entrada da epidemia³⁵¹.

³⁵¹ Gazeta da tarde, 14 de fevereiro de 1919.

Figura 52

Fonte: Gazeta da tarde, 14 de fevereiro de 1919.

Figura 53

Fonte: Imparcial, 06 de março de 1919.

Vale ressaltar que durante esses meses o interior do Amazonas sofria terrivelmente os efeitos da epidemia, que já havia diminuído em Manaus. Localidades como Maués, Parintins, Tefé, Coari, Manicoré, Lábrea e Borba sofriam intensamente os efeitos da gripe espanhola. Notícias nos jornais do interior do Amazonas³⁵² traziam pedidos de ajuda e destacavam a quantidade de mortos já existentes naqueles lugares. Porém, mesmo tendo uma epidemia ainda fora de controle no interior, a capital do Amazonas tentava controlar a entrada da doença por meios profiláticos. Até então, estes recursos foram eficientes para o centro da cidade como: a quarentena, no meio do rio, do barco contaminado e a própria desinfecção desses barcos³⁵³.

No interior desgraçadamente a situação continua a mesma e talvez peor. De quando em vez chega-nos a notícia da morte de pessoas que a epidemia colhe em pleno esplendor a existência. Mortos e mais mortos e que se encontra em quase todas as casas do interior do município e muitas delas os moradores morrendo por falta de ter que lhe faça chá ou lhe de uma gota d'água³⁵⁴.

³⁵² Imparcial, A Imprensa, KCT, O Rio Madeira.

³⁵³ Destacamos que esse controle conseguia ser eficiente no principal porto da cidade. Contudo, existiam outras entradas de barcos e canoas, como nos inúmeros igarapés e até a entrada pelo Tarumã. Daí o controle do centro ser maior e já quase conseguir a extinção da epidemia nessa localidade, diferente dos bairros periféricos onde o controle da entrada da epidemia era quase inexistente.

³⁵⁴ Rio Madeira, 22 de dezembro de 1918.

Com toda a especulação sobre a entrada novamente da gripe espanhola na cidade, um sentimento de medo e desolação foi tomando conta dos moradores que temiam ver seu cotidiano outra vez alterado. Ainda que a população tenha voltado lentamente para as suas atividades econômicas, para uma situação de normalidade e resgatado a alegria, no início do ano continuava ansiando a normalidade completa. Com a chegada das festividades carnavalescas, essa situação começava a ser sentida e o Carnaval transformou-se na oportunidade para apagar as últimas lembranças e vestígios da daquela que ficou temida por todos.

Devido o temor da entrada da epidemia novamente pela cidade e a gripe ainda se manifestar nos bairros periféricos no início de fevereiro, pairou na cidade a incerteza se haveria ou não o carnaval naquele ano. Diante dessa dúvida por parte dos órgãos oficiais a imprensa deu início a longas matérias alusivas ao carnaval com frases que incentivavam a população a comparecer e pedirem as festividades pelas ruas de Manaus. Citações como o “O rei momo vem aí, fazendo o sorriso aparecer entre os mais tristonhos”, ou lá vem “Pierrot, Columbina, Arlequim, Polichinello e Pierret, tontos de ansiedade, na expectativa das glorificações do rei da folia, do soberano da alegria e do senhor do esquecimento”³⁵⁵. O carnaval de 1919 se aproximava, mas de uma forma diferente; a incerteza, o medo e uma tristeza insistente ainda se faziam presentes.

Até mesmos as tradicionais brincadeiras de vésperas de carnaval, que eram bem comuns nesse período, ainda não estavam sendo feitas como a “*você me conhece?*”, feita todos os anos pelos foliões do Dominó Azul e por algumas prostitutas da cidade. O que acabou deixando, segundo o **Jornal do Commercio**, os domingos que antecediam o carnaval manauense de 1919, mais parecido com “uma sexta de quaresma” do que véspera de carnaval³⁵⁶.

Essa brincadeira, ou “troça carnavalesca”, consistia em um indivíduo mascarado fazer a um desconhecido a fatídica pergunta “você me conhece?” e dada uma resposta, várias outras brincadeiras ocorreriam, como respostas chulas e até insultos. Essa troça era muito utilizada também nesse período carnavalesco pelas meretrizes, que tinham a oportunidade de se vingar de seus algozes, já que estavam mascaradas e tinham o benefício de estarem em clima de festas³⁵⁷. Esse tipo de adivinhação era bem típico dos carnavais de ruas que

³⁵⁵ Imparcial, 15 de fevereiro de 1919.

³⁵⁶ Jornal do Commercio, 17 de fevereiro de 1919.

³⁵⁷ CUNHA. Maria Clementina Pereira. **Ecos da Folia: Uma historia social do carnaval carioca entre 1880 e 1920**. Companhia das letras, São Paulo, 2001.

aconteciam na cidade de Manaus, com pilhérias que eram bem diferentes das brincadeiras dos salões luxuosos da urbe. Observamos que com a interferência da gripe espanhola, esta tradição foi alterada. Não só no centro da cidade, mas também nos arrabaldes de Manaus, onde a brincadeira não só ganhou a animação e pilhéria que eram tradicionais, como pareceu ser mais animada.

O Jornal do Commercio, em uma de suas matérias sobre o carnaval, confirmava que a recepção desses dias festivos nos bairros periféricos da cidade foi completamente diferente daquela feita no centro da capital. Enquanto os bairros já se aqueciam para o carnaval com ensaios todos os dias nos cordões de rua, o centro da cidade continuava em silêncio³⁵⁸.

Vale ressaltar que a recepção ao carnaval se deu de forma variada nesses lugares, devido à diferença de impacto da epidemia. Já mencionamos como a epidemia atingiu intensamente os bairros suburbanos e acreditamos que, devido a esse fator em particular, os moradores desses bairros quiseram ir à desforra de toda a desgraça que lhes aconteceram, como a perda dos costumes, valores, dos usos, da perda dos parentes, da saúde e até da proximidade com a morte. Em virtude do ambiente que foi criado nessas localidades, é possível que a busca do prazer tenha sido um dos elementos principais para a celebração da vida que ocorreu no carnaval de 1919, principalmente nos bairros carentes mais atingidos pela gripe.

Neste sentido, mesmo com a iminência e vestígios da gripe muito presentes na cidade, “os amigos do momo continuavam a se movimentar para os próximos folguedos do carnaval”³⁵⁹. Conforme chegava o dia das festividades, o entusiasmo aumentava e dificilmente alguma coisa impediria sua passagem. Os jornais, notando este apoio ao carnaval, aumentavam as matérias com informações de cordões espalhados pelas ruas. Ao mesmo tempo em que se davam o aumento dessas informações, mais as lembranças dos dias amargos tendiam a desaparecer³⁶⁰.

Nesse ínterim, convites eram anunciados pelos jornais para solicitar à população que comparecesse para assistir aos espetáculos de folguedos carnavalescos que ocorreriam no dia 23 de fevereiro, nas avenidas da cidade, com muitas fanfarras e batalhas de confetes, como

³⁵⁸ Jornal do Commercio, 17 de fevereiro de 1919.

³⁵⁹ Gazeta da Tarde, 15 de fevereiro de 1919.

³⁶⁰ Idem, 19 de fevereiro de 1919.

uma prévia do que seriam os dias gordos de carnaval³⁶¹. Mesmo que todos os jornais estivessem pedindo o comparecimento da população nas festividades do momo, ainda assim o jornal **Gazeta da Tarde**, em editorial, destacava a chegada em “proporções alarmantes e phantásticas de legiões de grippados do alto rio”³⁶².

Em que pese essas últimas notícias de pandemia, a popularidade do carnaval crescia dia a dia, junto com a profusão de blocos e bailes carnavalescos que foram organizados para o início das festividades. Nomes como Dominó Azul, Humildes Veneradores, Caboclinhos do Japurá, Idealistas da folia, Jardineiros, Pierrots e Tenentes do Diabo mandavam convites e cartas para os jornais publicarem sua passagem por algumas ruas de Manaus, bem como os seus últimos arranjos e progressos³⁶³.

Notas carnavalescas nos jornais destacavam a preparação para receber “o rei da pandenga”, destacando que já era hora da população esquecer definitivamente a gripe e mostrar “que a pandemia de grippe vale menos que os requebros do maxixe e os saracoteios de um coco a bahiana”³⁶⁴.

Figura 54



Fonte: Jornal do Commercio, 11 de fevereiro de 1919.

³⁶¹ Idem, 20 de fevereiro de 1919.

³⁶² Gazeta da Tarde, 22 de fevereiro de 1919.

³⁶³ Verificar jornais do Commercio, Imparcial e Gazeta da Tarde.

³⁶⁴ Jornal do Commercio, 18 de fevereiro de 1919

Figura 55



Fonte: Gazeta da Tarde, 19 de fevereiro de 1919.

Figura 56



Fonte: Imparcial, 18 de fevereiro de 1919.

Embora estas buscassem imprimir notas alegres, um tom diferente a um carnaval aparentemente triste, tudo indicava seu pouco efeito para aqueles que ainda se encontravam doentes e em estado de convalescença, como os casos de alguns integrantes e presidentes de clubes e cordões tradicionais na cidade. Muitos afirmavam que não iriam sair às ruas uma semana antes do carnaval, como era de costume, porque seus participantes se encontravam ainda gripados³⁶⁵.

O club dos caiadores que sempre foi a capitancia dos cordões ambulantes não entrará por enquanto na liça, conforme deliberação de seu director, porque vários associados ainda se encontram urucubaculos, as voltas com a pandemia grippal e só saira nas ruas nos três últimos dias do carnaval³⁶⁶.

³⁶⁵ Jornal do Commercio, 18 de fevereiro de 1919.

³⁶⁶ Idem, 18 de fevereiro de 1919.

O **Jornal do Commercio** foi o periódico que mais críticas teceu a respeito do “tédio” que dominava as principais ruas da cidade, com pouquíssimos cordões carnavalescos circulando pela urbe (aqui entendido como centro da capital). Este destaque reforça que o carnaval de 1919 no centro de Manaus aconteceu nos ambientes internos: os arrasta-pés dentro das casas particulares e clubes fechados, bem diferente das movimentações carnavalescas do subúrbio³⁶⁷.

É possível observar que os mesmos jornais tanto narraram o drama apocalíptico da doença, quanto começaram, nesse ínterim, a migrar da narrativa de tragédia para a comédia. O que nos fez acreditar que essa narrativa estava sendo construída para criar um ambiente artificial de positividade, provavelmente devido à desorganização no comércio, que ocorreu desde o início da epidemia. Observamos isso, em virtude do **Jornal do Commercio** ter sido o periódico que mais críticas fez em relação ao desânimo da população frente às atividades carnavalescas, sendo este o mais interessado no reaquecimento das atividades comerciais.

Em março, ao iniciarem as festividades oficiais do carnaval, ou as “gordas do carnaval”, notamos que a imagem que ficou da gripe espanhola para a sociedade foi a da morte, pois a sensação de medo individual e coletivo apareceu nos blocos e carros carnavalescos em Manaus. O jornal **Imparcial**³⁶⁸ divulgou, no dia 3 de março, em plena segunda-feira de carnaval, notícias sobre a passagem dos carros carnavalescos Pierrots, Papagaios e Nacional todos dramatizando os fatos ocorridos na cidade durante o surto epidêmico.

O carro dos Pierrots, que era do bar X.P.T.O., representou a gripe espanhola através dos versos cantados durante sua passagem na rua que dizia:

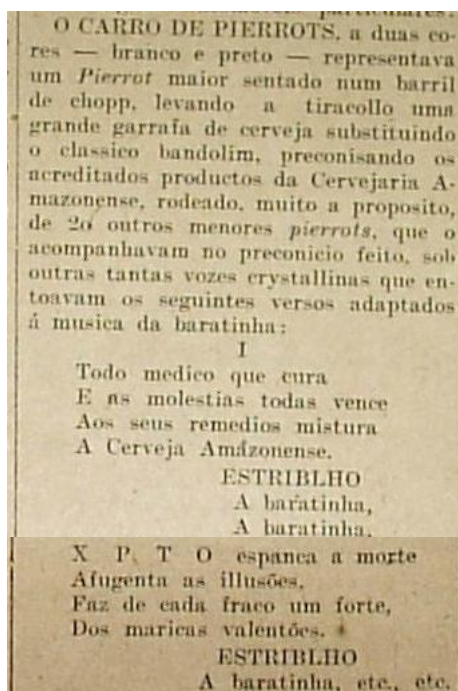
“Todo medico que cura; E as moléstias todas vence; Aos seus remédios mistura; A cerveja Amazonense. A baratinha Yaya, a baratinha Yoyo, a baratinha dos contos da minha avo. XPTO espanca a morte; Afugenta ilusões; Faz de cada fraco em forte; Dos maricas valentões,”³⁶⁹

³⁶⁷ Jornal do Commercio, 04 de março de 1919

³⁶⁸ Imparcial, 03 de março de 1919.

³⁶⁹ Imparcial, 03 de março de 1919.

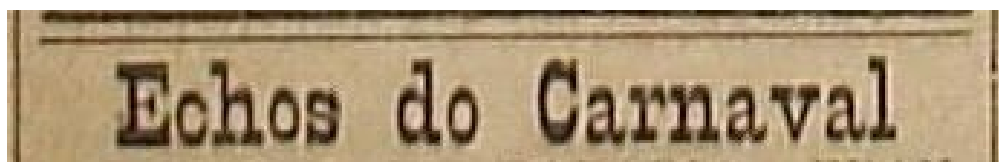
Figura 57



Fonte: Imparcial, 03 de março de 1919.

O medo da morte subjugado pela sátira transformou-se em fonte de alegria pela vida naquele carnaval de 1919, em Manaus. Os jornais **Imparcial**, **A Imprensa e do Commercio**, nas suas publicações sobre o carnaval, satirizaram os personagens principais daquela festividade, a “Dona Hespanhola, essa megera que apareceu vestida de nu estava acompanhada da Dona Crise, essas mulherzinhas de braços dados, não deixaram o povo se divertir”³⁷⁰, as matérias também reforçavam na sátira a ideia de que as duas “megeras” foram presas várias vezes pela polícia, mas conseguiam sempre fugir e voltar para a avenida para amedrontar os brincantes.

Figura 58



Fonte: Imparcial, 06 de março de 1919.

³⁷⁰ Idem.

Os jornais, após as publicações dos dias carnavalescos, enfatizavam a diferença notada entre o carnaval de 19 e os outros que passaram. Algo que podia ser notado, principalmente, no comportamento da população frente às festividades. Observamos que esse comportamento foi alterado, em muito, devido à presença da gripe ainda estar estabelecida no cotidiano durante as festas carnavalescas e também devido a muitos lutos que a cidade estava vivendo. Nem o carnaval, que despertava o desejo de “ocultar a realidade”, conseguiu fazer diferença nessa festividade³⁷¹, entre aqueles que se encontravam acossados pela gripe e entre aqueles que ainda sofriam suas perdas.

Embora possamos enfatizar que uma parcela da população se entregou a tristeza deixada pela gripe espanhola, é importante destacarmos que a outra resolveu transformar o carnaval de 1919 em uma festa inesquecível. “Aqueles que tinham forças, não perderam uma só contra-dança, queriam dançar, dançar, por todo o ano, em suspiros desejando que o carnaval durasse doze meses”³⁷². O jornal destacava também que no último dia de festa carnavalesca na cidade, uma grande diminuição de pessoas foi sentida nos bailes privados, em contrapartida houve uma procura intensa pelos carnavais de rua, os chamados carnavais populares, onde pouquíssimas regras eram aceitas e um abuso maior de liberdade era constatado.

Era a popularização de um carnaval múltiplo de brincadeiras e trotes sem limites, um carnaval de defesas de coisas e causas populares de tradição conhecida nos bairros periféricos e carentes da cidade. Esse foi o carnaval da desforra contra a epidemia de gripe espanhola na esperança de “um eterno carnaval em que a lágrima se transformasse em risos e a angústia em prazer”³⁷³.

Observamos que o significado do carnaval de 1919 em Manaus, assim como em outros lugares, como notou o pesquisador Ricardo Augusto³⁷⁴ em relação ao carnaval do Rio de Janeiro também em 1919, estava ligado a um prazer exacerbado, sem medidas e contenções, situação característica em momentos de subversão da ordem. Os brincantes pareciam estar vivendo como se fosse seus últimos dias de vida. Por esta razão, o carnaval de 1919, em Manaus, foi representado de forma intensa pelos jornais da cidade.

³⁷¹ Imparcial, 05 de março de 1919.

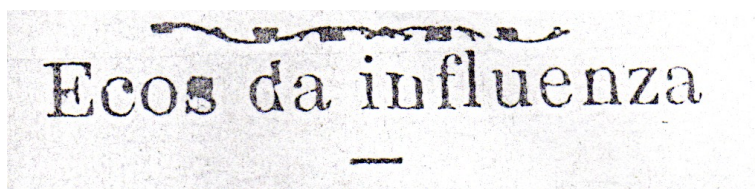
³⁷² Idem, 05 de março de 1919.

³⁷³ Jornal do Commercio, 12 de fevereiro de 1918.

³⁷⁴ SANTOS, R. A. dos. **O carnaval, a peste e a espanhola**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos. Vol. 13, num. 1, 2006.

A alegria do carnaval foi uma tentativa da população de espantar os últimos vestígios da gripe e do medo suscitado por ela. Esta necessidade de espantar o mal definitivamente estava expressa nas formas de representar a festa e a atitude dos foliões noticiada pelos jornais, demonstrando a forma de como se libertaram do medo que a Hespanhola deixou.

Figura 59



Fonte: KCT, 31 de novembro de 1918.

Após a passagem da Gripe pela cidade, Manaus foi ganhando, aos poucos, seu movimento próprio e voltando as suas atividades. A Gripe foi deixando os espaços de propaganda e jornalísticos, conforme a quantidade de mortos ia diminuindo. Contudo, mesmo com este desinteresse da imprensa com a Gripe Espanhola, esta continuava a devastar os subúrbios e bairros pobres de Manaus, que acabava deixando escapar notícias do sofrimento desses bairros carentes. Notícias como: “as lavadeiras estão doentes”, “os operários ainda estão gripados”.

Com efeito, aparentemente, a imprensa deixou de falar sobre a Gripe, como também a administração pública e a maioria das entidades de ajuda humanitária, ao que tudo indica, parecem não ter prestado socorro aos últimos doentes que se encontravam na capital, que na maioria eram pessoas sem recursos.

É importante destacar que após a passagem da gripe espanhola pelo Brasil, algumas discussões a respeito da reforma política de saúde pública ganharam alguns respaldos, discussões a respeito de problemas da saúde pública tornaram-se mais acirradas, falta de organização e de recursos constatados durante o surto epidêmico de gripe espanhola, bem como os inúmeros casos de febre amarela que ocorriam pelo interior do Brasil acabaram sendo os focos principais para tornarem as medidas de socorro público uma questão nacional e não mais municipal como até então havia sido. Gilberto Hochman³⁷⁵ ao analisar a reorganização dos serviços sanitários federais de 1920 ressaltou a importância que a gripe

³⁷⁵ HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil*. São Paulo, Hucitec/Anpocs, 1998.

espanhola teve nesse acordo político para a nova estruturação que o serviço sanitário pretendia alcançar,

A epidemia, atingindo até mesmo o presidente eleito, familiares de ministros e membros das elites políticas, demonstrava, de forma trágica, que representantes de ambos os lados do debate sobre a reforma sanitária tinham razões suficientes para desconfiar dos serviços sanitários existentes. Ao atingir também as elites, a epidemia produziu um consenso mínimo sobre a necessidade urgente de mudanças na área de saúde pública. Afinal, todos pareciam ser iguais perante algumas doenças, o que certamente aumentou a sensibilidade de muitos parlamentares às propostas de reorganização dos serviços sanitários³⁷⁶.

A passagem da Gripe Espanhola, enquanto um evento epidêmico social, biológico, político e cultural, desencadeou inúmeras mudanças na forma com que os poderes, os médicos e as pessoas se comportavam diante de uma doença, mas principalmente nas mudanças e reformulações que obrigou os poderes a terem com os serviços sanitários e de saúde prestados a população.

Após a passagem da epidemia os discursos dos sanitaristas ganharam notoriedade no sentido de mudanças para as reformas que o corpo da cidade precisava e para uma política voltada mais para as necessidades básicas a condições habitacionais. A historiadora Adriana Goulart ao analisar as consequências da gripe no Rio de Janeiro demonstrou a necessidade de um quadro sanitário mais eficiente e de como os sanitaristas se aproveitaram desse momento para executarem as mudanças:

A epidemia reforçava necessidade de políticas que se voltassem para as condições de vida da população que, diante de aspectos como a carência alimentar, saneamento habitacional, das condições de trabalho insalubre e da crescente densidade populacional, se traduziram em fontes de deterioração da saúde do indivíduo, transformando-o num potencial vetor de doença. O evento reafirmaria a necessidade de reorganização da atuação sanitária numa sociedade em grande desenvolvimento, revelada pela complexidade das dependências recíprocas, alargadas pela expansão do capitalismo no mundo³⁷⁷.

A “Hespanhola”, como os jornais chamavam a epidemia, despertou o melhor e o pior do homem diante da morte, representando para a sociedade manauense algo trágico na sua história. Para alguns um castigo divino, para outros a deficiência do quadro sanitário e a limitação da medicina, mas, para todos, o sentimento de medo foi o que determinou a forma como a população observou e tomou atitudes frente a doença.

³⁷⁶ Idem p. 132.

³⁷⁷ GOULART, Adriana. **Op. Cit.** P. 214.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O vírus da influenza de 1918, que ficou conhecida como Hespanhola, até hoje é um enigma para muitos pesquisadores. Como um vírus de gripe atingiu a tantos, em várias localidades no mundo ao mesmo tempo e com uma taxa de mortandade inexplicável? Para desvendar esse mistério sobre o aparecimento da doença, um grupo de cientistas, em 1997, foi atrás de sete corpos enterrados em um cemitério norueguês, no ártico, a fim de conseguir amostras do vírus congelado, na esperança de compreender como um microrganismo pode ter sido tão letal.

Contudo, essa expedição não obteve êxito com os corpos retirados do gelo. Entretanto, ao mesmo tempo, outra expedição era feita no Alasca só que de forma mais discreta do que a primeira. Nesta pesquisa foi possível coletar amostras do RNA viral a partir do corpo de uma mulher obesa, vítima da gripe.

Essa pesquisa revelou que a Hespanhola foi diferente dos dois outros vírus comparados: Gripe Asiática (1957) e Gripe de Hong Kong (1968). Nas duas gripes mais recentes, houve uma mutação que atingiu as duas espécies: homens e aves, podendo ser transmitida de ave para homem e vice versa. Diferente do vírus de 1918, que só havia mudado dentro das aves, tornando-se mais agressivo ao sistema imunológico humano, porque era transmitido de ave (contaminada com a mutação genética) para homem e de homem para homem, não havendo a transmissão de homem para ave. O que não dava tempo para o sistema imunológico responder a agressividade viral. Daí a grande quantidade de mortos durante a epidemia. Contudo, mesmo após a divulgação da pesquisa científica, dúvidas e hipóteses ainda pairam no ar sobre o que poderia ter sido o surto de Gripe em 1918/19.

Nosso estudo procurou compreender como a Hespanhola, enquanto evento de significações, desestruturou as organizações da cidade, as práticas cotidianas, os saberes médicos e desencadeou inúmeras reformulações nas políticas públicas da cidade de Manaus. Sabe-se que a passagem de uma doença em um espaço urbano não afeta apenas o corpo biológico, mas também o corpo social acabando por engendrar no espaço da cidade não só a extensão da complexa desigualdade social, mas também a incipiência da falta de ações de políticas públicas de saúde para dar conta da crise sanitária.

Diante da correria que Manaus viveu e das mudanças estabelecidas e travadas no meio da população, que se viu proibida de frequentar lugares, enterrar seus mortos e de

manter qualquer relação interpessoal, o manauense viveu e teve que aprender a viver com todas as mudanças impostas no cotidiano da cidade.

A Gripe Espanhola, ao passar pela cidade, evidenciou as deficiências do quadro sanitário, a falta de recursos do Estado e os limites da medicina, mas principalmente demonstrou a impotência do homem diante da morte.

REFERÊNCIAS

Documentação diversa

AMAZONAS MÉDICO. Revista da Sociedade de medicina e cirurgia do Amazonas. Manaus, Segunda Fase, n.º 1, 1918.

As mensagens de Governadores estão digitalizadas e impressas nos anos de 1910 a 1922. In: <http://www.uchicago.edu/> site acessado em 02 de agosto de 2005.

Exposição apresentada a Intendência Municipal de Manáos pelo superintendente Dr. Antonio Ayres de Almeida Freitas. 1919.

Relatório apresentado ao Superintendente municipal Antonio Ayres de Almeida Freitas pelo médico Alfredo da Matta sobre as ocorrências de 01 de outubro de 1918 a 28 de fevereiro de 1919.

Relatorio da Directoria da Associação Commercial dos Retalhistas, 27 de dezembro de 1918. Typographia do Ca' e La'. 1919.

Relatório da Irmandade do Santíssimo Sacramento erecta na catedral do Amazonas ano de 1918. Typographia Do Ca' e La'.

Lei, Decretos e Resoluções

Código de Postura do Município de Manaus de 1890.

Regulamento do Serviço Sanitário do Amazonas, 1900. Referente a Lei n.º 286 de 30 de setembro de 1899.

Sítios disponíveis na Internet

<http://www.uchicago.edu/> Acessado em 02 de agosto de 2005.

http://www.miniweb.com.br/literatura/artigos/jeca_tatu_historia1.html Acessado em 16/10/2011.

<http://www.ib.usp.br> Acessado em 20/01/2011.

Referências Bibliográficas

ALEXANDRE, Josieldo Ferreira. Quando o Anjo do extermínio se aproxima de nós: representações sobre o cólera no semanário Cratence O Araribe, 1855 – 1864. João Pessoa. 2010. UFPB.

ANTONACCIO, Gaitano L. P. Políticos influentes no Amazonas (1889 a 2005). Manaus: imprensa Oficial do Amazonas, 2006.

ARIES, Philippe. História da morte no ocidente. Ed. Ediouro. 1998.

_____. O homem perante a morte I e II. Publicações Europa-América. Portugal, 2000.

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. *Epidemiologia e emancipação*. Editora Hucitec-Abrasco. São Paulo-Rio de Janeiro, 2002.

BARROS, Rui Sá da Silva. *Tomando o céu de assalto: Esoterismo, ciência, e sociedade 1848-1914 França, Inglaterra e EUA*. USP/São Paulo, 1999.

BERTOLLI Filho, Cláudio. *A gripe espanhola em São Paulo, 1918: epidemia e sociedade – São Paulo: Paz e Terra, 2003.*

BERTUCCI, Liane Maria. *Influenza, a medicina enferma: ciência e prática de cura na época da gripe espanhola em São Paulo*. Campinas, SP: editora da Unicamp, 2004.

BRITO, N A de. *La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro*. In: *História. Ciência. Saúde. Manguinhos*, IV. 1997.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. Companhia das Letras. São Paulo. 1996.

COSTA, Fca. Deusa Sena da. *Quando viver ameaça a ordem urbana: trabalhadores urbanos em Manaus. 1890 – 1915*. Dissertação/Mestrado, PUC. São Paulo, 1997.

CRUZ, Christiane Maria. *A Gripe Espanhola na Bahia: saúde, política e medicina nos tempos de epidemia*. Rio de Janeiro, 2007. Tese (doutorado em História das Ciências da Saúde).

CRUZ, Heloisa de Faria. PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *NA OFICINA DO HISTORIADOR: CONVERSAS SOBRE HISTÓRIA E IMPRENSA*. Projeto História, São Paulo, n.º 35, p. 253-270, dez. 2007.

CUNHA. Maria Clementina Pereira. *Ecoss da Folia: Uma historia social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. Companhia das letras, São Paulo, 2001.

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: 1300 – 1809. Uma cidade sitiada*. Companhia das letras, SP, 1989.

DIAS, Edinea Mascarenhas. *A ilusão do fausto. Manaus 1890 – 1920*. Pontifca Universidade Católica de São Paulo. 1988.

ENGEL. Magali. *Meretrizes e doutores: Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

FEITOSA, Orange. GAMA, Rosineide. *O Amazonas entre Conchavos e Confrontos (1910-1924)*. Revista Universo, Ano 3, nº 11, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Editora Graal. São Paulo. 2004.

FREUD, Sigmund. “Nossa atitude diante da Morte”, obras completas, Vol. II. *Escritos sobre a Guerra e a Morte*

_____. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Volume XIV (1914 -1916).

_____. *Escritos sobre a Guerra e a Morte*. Tradutor: Artur Morão. Coleção textos clássicos de filosofia. Universidade de Beira Anterior, Covilha, 2009.

GALLO, Maria Isabel Porras. *Las repercusiones de la pandemia de gripe de 1918-19 en la mortalidad de la ciudad de Madrid*. Boletín de la Asociación de Demografía Histórica, XIV, I, 1996.

GALVÃO, Manoel Dias. *A História da medicina em Manaus*. Editora Valer, Manaus, 2003.

- GARCIA, Elenira Sanches. A educação do Homem no Campo (1920 – 1940). Universidade São Francisco. Programa Pós-Graduação Strictu Sensu – Mestrado em Educação. Itatiba/SP. 2006.
- GOULART, Adriana. Um cenário Mefistofélico: A Gripe Espanhola no Rio de Janeiro: Niterói/RJ, UFF 2003.
- HOBBSAWM, Eric. A era dos extremos. São Paulo, Cia das Letras, 1998.
- HOCHMAN, Gilberto. A era do saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil. São Paulo, Hucitec/Anpocs, 1998.
- _____. Condenados pela Raça, absorvidos pela medicina: O Brasil descoberto pelo movimento sanitário da primeira república. In: MAIO, Marcos Chor. (Org) Raça, ciência e sociedade. Rio de Janeiro: Fiocruz, Centro Cultural banco do Brasil, 1996.
- KOLATA, Gina. Gripe, a história da pandemia de 1918. Rio de Janeiro, Campus, 2002.
- LIMA, Nísia Trindade. Hochman, Gilberto. Pouca saúde, muita saúva, os males do Brasil são... Discurso médico-sanitário e interpretação do país. In: Ciência e Saúde Coletiva vol.5, nº 02, Rio de Janeiro, 2000.
- LOUREIRO, Antônio Jose Souto. A Grande Crise (1908-1916). Manaus, 1986.
- _____. História da medicina e das doenças no Amazonas. Manaus, impresso nas oficinas da Gráfica Lorena, 2004.
- _____. Tempos de Esperança (1917-1945) Manaus: Ed. Sergio Cardoso, 1994.
- MARQUES, Eduardo Cesar. Da higiene a construção da cidade: o estado e o saneamento do Rio de Janeiro. História, Ciência, Saúde – Manginhos, 2: 51 a 67, Julho/Outubro 1995.
- MARREIRO. Paulo dos Santos Júnior. Pobreza e Prostituição na Belle Époque manauara: 1890-1917. IN: Revista de História Regional. 2005.
- MATTA, Alfredo Augusto da. Paludismo, Varíola, Tuberculoso, em Manáos. São Paulo. Typographia Brazil. Rothschild & Co. 1909.
- _____. Geographia e Topographia Medica de Manaós, Manaus Tip. Da Livraria RENAUD, 1916.
- MESQUITA, Otoni Moreira de. Manaus: História e Arquitetura – 1852-1910. Editora da Universidade do Amazonas. Manaus, 1997.
- MEZAN, Renato. A sombra de D. Juan e outros ensaios. São Paulo: Brasiliense, 1993 e DOSSE. François. História e Ciências Sociais; Bauru, São Paulo, Edusc, 2004.
- MOUILLAUD, Maurice. PORTO, Sérgio Dayrell. O jornal da forma ao sentido. Editora UNB: Brasília, 2002.
- MUNIZ, Érico Silva Alves. Basta aplicar uma injeção? Saúde, doença e desenvolvimento: o Programa de Erradicação da Boubá no Brasil (1956-1961). Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2009.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925), Editora UFAM, 2003.
- PINTO, Céli Regina Jardim. Foucault e as Constituições brasileiras: quando a lepra e a peste se encontram com os nossos excluídos. In Educação & Realidade – v. 1, n 1 (fev. 1976). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 1976.

RAGO, Margareth. Do cabaret ao Lar: a utopia da cidade disciplinar (1850 – 1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

SANTOS, R. A. dos. O carnaval, a peste e a espanhola. História, Ciências, Saúde – Manguinhos. Vol. 13, num. 1, 2006.

SCHWEICKARDT, Julio Cesar. Ciência, nação e região: as doenças tropicais e o saneamento no Estado do Amazonas (1890-1930) - Manaus: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz, 2009.

SILVA, Marcos A. da Silva. Contra a chibata: marinheiros brasileiros em 1910. Editora Brasiliense. São Paulo, 1982.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. A Medicina e a Influenza Espanhola em 1918. Tempo, Rio de Janeiro, n.º 19.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de. A Gripe Espanhola na Bahia: saúde, política e medicina nos tempos de epidemia. Rio de Janeiro, 2007. Tese (doutorado em História das Ciências da Saúde).

TEIXEIRA, Luis Antonio. Medo e Morte: sobre a epidemia de gripe espanhola de 1918. Série Estudo em Saúde Coletiva (SESC). Instituto de Medicina Social. UERJ. Rio de Janeiro, 1993.

VALORE, Ângela M. S. Trabalho de luto. Trabalho apresentado no encerramento da XII Jornada de Apresentação de Trabalhos e Cartéis da BFC”, Dezembro/2001.